



Aula 01 –

Poemas Escolhidos
(Gregório de Matos)

Obras Literárias
FUVEST 2021

Professor Fernando Andrade

Sumário

Introdução	3
<i>Método de Estudo</i>	4
<i>Tipo de Questões</i>	5
<i>Gregório de Matos na FUVEST</i>	6
1. O caso do Barroco	7
1.1 <i>O caso Gregório de Matos</i>	7
1.1.1 <i>Biografia de Gregório de Matos segundo José Miguel Wisnik</i>	8
1.2 <i>Contexto Histórico</i>	9
1.3 <i>A cidade da Bahia</i>	10
2. A crítica Literária	13
2.1 <i>O comentário dos Manuais de Ensino Médio</i>	13
2.2 <i>Antonio Candido (1918-2017)</i>	17
2.3 <i>José Miguel Wisnik</i>	20
2.4 <i>João Adolfo Hansen</i>	30
2.4.1 <i>Jogos e Tipos de Discurso</i>	36
2.5 <i>Haroldo de Campos (1929-2003)</i>	38
2.6 <i>Considerações finais sobre as críticas</i>	43
3. Formas de abordagem dos poemas de Gregório de Matos	44
3.1 <i>Forma poética</i>	44
3.1.1 <i>Elementos Básicos de Poesia</i>	44
3.2 <i>Temas</i>	49
3.2.1 <i>Poesia de circunstância</i>	50
3.2.2 <i>Poesia Fescenina</i>	52
3.2.3 <i>Poesia Amorosa</i>	52
3.2.4 <i>Poesia Existencial</i>	54
3.2.5 <i>Poesia Religiosa</i>	56
3.3 <i>Estilo</i>	61
3.4 <i>Como Interpretar um poema de Gregório de Matos</i>	64
3.5 <i>Atualidade de Gregório de Matos: uso em Redação</i>	65
4. Quadro Sinóptico	66
5. Questões	68



5.1 Gabarito	88
5.2 Questões Comentadas	89
6. Considerações Finais	115
Referências.....	116

INTRODUÇÃO

Parceiro de jornada,


Essa é a primeira aula sobre Obras Literárias escolhidas pela FUVEST. Começamos bem, pela temida poesia.

Teremos alguns percalços pela frente. Além de se valer do padrão culto da linguagem, a escolha lexical do poeta reflete uma forma de falar própria do século XVII. A tarefa inclui rever as características próprias da poesia, entender as formas utilizadas pelos poetas, inclusive o soneto, exercitar a capacidade de interpretar figuras de linguagem, assimilar os pressupostos culturais e sociais implícitos no poema etc.

A interpretação de poesia é bastante complicada e trabalhosa. Esse tipo de texto parece a tal esfinge: “decifra-me ou devoro-te”. O método de compreensão e estudo passa por duas fases: a primeira, a de contato com o poema; a segunda, da análise do poema. Não pense que é possível entender esse tipo de texto de primeira. Você precisará de paciência e conhecimento prévio para poder entender a poesia e usufruir dela.

A leitura poesia, quando possível, deve seguir os passos abaixo.



- 
1. Leia o poema em voz alta, verifique se houve alteração de sentido.
 2. Faça uma outra leitura, percebendo o que chama a atenção.
 3. Utilize os conceitos de forma e conteúdo.
 4. Entenda quais métricas o poeta usa, que tipo de poema, como ele o estrutura.
 5. A seguir, considere os temas mais frequentes do autor (normalmente, a crítica aponta isso para você).
 6. E, finalmente, mãos à obra, leia o texto e agüente firme a angústia de ter contato com um texto no qual a interpretação nunca é precisa e, munido das informações anteriores, interprete o poema.

MÉTODO DE ESTUDO

Não leia a obra sem se preparar para ela. Consulte um pequeno resumo e alguma crítica curta e rápida (disponível nos nossos PDFs) para saber o que você deve observar na leitura.

Leia atentamente a obra, fazendo anotações por escrito de sua autoria. Anote os temas de cada poema, figuras de linguagem, as possíveis interpretações e as dúvidas.

Leia nosso material didático com o resumo da obra e com análises mais aprofundadas.

Revise e amplie suas anotações acrescentando ideias que você apreendeu a partir do material analítico.

Faça o máximo de exercícios que você puder.

Antes da prova, releia seu resumo escrito e o nosso quadro sinóptico.





E seu eu não tiver tempo para ler a obra?




Você deve estar ciente de que estará se arriscando. No material sobre poesia, não é possível fazer a análise detalhada de todos os poemas. Escolhi os mais difíceis, vou mostrar as técnicas de abordagem e de interpretação, vou sistematizar os temas. Seria muito bom que você tivesse um contato prévio com todos os poemas. O poema escolhido pela Banca não deve ser surpresa para você no dia da prova.

Ah...corujinha sobrecarregada, não precisa ler compreendendo tudo, mas seria necessário um contato mesmo que superficial com todos os poemas. E, vamos combinar, a leitura de poesia sem interpretação é rápida.



Contudo, se você realmente não tiver tempo, o resumo e a análise elaborados para você são bastante extensivos.

No seu estudo, você deve levar em consideração como as bancas cobram a leitura de poesia. Há uma grande diferença entre questões sobre prosa e sobre poesia.

TIPO DE QUESTÕES

Prosa	Poesia
Questão de verificação de Linguagem	
A Banca oferece um trecho com alguma peripécia ou menciona a peripécia e exige que você a relacione com a narrativa como um todo.	
Questão envolvendo crítica literária	
Há um comentário crítico e pede-se que o aluno reconheça como isso pode ser visto na obra, ou no fragmento escolhido.	
Questão sobre temas do autor	
	A banca apresenta um fragmento e solicita que o candidato o relacione com um dos temas desenvolvidos pelo autor e perceba qual perspectiva que o eu lírico adota.
Questão sobre Linguagem e estilo	



A Banca oferece um trecho e pede que o candidato perceba o estilo do escritor.	
Questão de interpretação do fragmento.	
Questão histórica cultural: a Banca faz referência à questão histórica.	

A partir dessa comparação entre prosa e poesia, fica claro que a maneira de estudo deve ser diferente. Enquanto na prosa o avaliador se volta para a narrativa como um todo, na poesia a matéria de avaliação é um poema que deve ter sentido por si só, não exige o conhecimento do livro inteiro. A poesia exige conhecimento das ideias do poeta e da época em que ele viveu.

O importante, nesse caso, é prepará-lo para que você se “vire nos trinta” na hora da prova, afinal, são 174 poemas e, obviamente, não poderei interpretá-los todos e seria muito dispendioso estudar um por um. O ideal é que você tenha noção dos desafios que terá pela frente, que você aprenda a interpretá-los por conta própria, pois assim estará preparado para destrinchar qualquer poema do autor.

GREGÓRIO DE MATOS NA FUVEST

A poesia de Gregório só foi cobrada na FUVEST em 1993. Na época, as questões desse vestibular não eram tão sofisticadas. Para 2021, a seleção de poesias indicada pela Banca é do crítico literário José Miguel Wisnik. Ele escolheu 174 poemas divididos em 5 temas, como se observa na tabela abaixo.

Tema	Sonetos	Outros tipos de poema	Total
Circunstância	32	26	58
Encomiástica *	6	1	7
Lírico amorosa	56	1	57
Irônico erótica	7	11	18
Religiosa	29	5	34

O prefácio do crítico é muito esclarecedor e permite encontrar boa parte da chave interpretativa. Procurei, neste material, explicar e aplicar as ideias expostas no prefácio, bem como cruzar as informações do Wisnik com as de outros críticos para uma melhor compreensão do que pode ser cobrado do vestibular.

*Tipo de poesia em que o eu lírico homenageia uma pessoa.



1. O CASO DO BARROCO

Segundo qualquer manual literário, o Barroco é um movimento facilmente reconhecível que vigorou em Portugal entre 1580 e 1756 e, no Brasil, entre 1601 e 1768.

Bom, corujinha literária, hora da verdade... não é bem assim. O movimento sequer existiu. Não houve manifestos, nem programas, nem agremiações de poetas “barrocos”. Os poetas desse período acreditavam que eram camonianos. Camões, assim como poetas do Renascimento, criaram formas poéticas novas e exploraram novos meios linguísticos de expressão. No século XVII e XVIII, esses recursos serão explorados à exaustão e com a finalidade de encantar ou de exibir a própria habilidade de poetar. E eles exageraram....

No século XVIII, período posterior ao do Barroco, o novo público ilustrado sente repulsa pela arte produzida até então, vista como artificial, artificiosa e religiosa demais para os padrões de público racional. É dessa aversão que surge, no século seguinte, a nomeação depreciativa de toda a poesia de quase dois séculos.

1.1 O CASO GREGÓRIO DE MATOS

Dentro desse panorama já complicado, Gregório de Matos é mais um complicador que eleva ao quadrado os problemas da interpretação da poesia atribuída ao poeta baiano.



Como assim “atribuída”, não foi ele que escreveu?

Não exatamente, corujinha cética. Não havia circulação de livros na colônia, que eram produtos raros e caros, compostos de folhas de pano. A leitura não era bem vista, e pouquíssimos sabiam ler. Gregório não publicou nada em vida. Em entrevista dada ao *Jornal da USP*, o especialista em Gregório de Matos, o professor João Adolfo Hansen, esclareceu que “era comum o poema ser composto nessa folha, e na sátira, por exemplo, era extremamente rotineiro alguém escrever à noite e, de madrugada, aquela folha ser pregada com cola de farinha de mandioca na porta da igreja. Alguém que sabia ler declamava em voz alta e, como eram facilmente memorizáveis...”¹

A compilação dos poemas foi feita no século seguinte a partir da tradição oral, ou seja, dos poemas lembrados pelas gerações posteriores e atribuídos ao poeta. No século XVII, não havia ainda o conceito de direitos autorais. Um indivíduo como Gregório, capaz de produzir poesias de notável qualidade técnica, tornava-se rapidamente referência. A poesia poderia ser copiada, aumentada e alterada, mas ainda se consideraria como sendo do poeta, pois estaria dentro do espírito crítico de sua produção.

¹ Disponível em <https://jornal.usp.br/cultura/para-entender-a-poesia-de-gregorio-de-matos-e-preciso-saber-quem-foi-ele/>, acessado em 19.10.2019.



A próxima questão seria saber quem era esse homem. De novo, não há tanta certeza a respeito da sua biografia. Sabe-se com segurança que viveu mais de 40 anos em Portugal e voltou para o Brasil. De certa forma, a biografia que foi sendo construída a respeito dele permite compreender melhor os poemas da leitura obrigatória.

1.1.1 BIOGRAFIA DE GREGÓRIO DE MATOS SEGUNDO JOSÉ MIGUEL WISNIK

Gregório de Matos era o terceiro filho de uma família razoavelmente abastada da região do Recôncavo Baiano (o pai era senhor de canavial com 130 escravos). A linha genealógica ligava os Matos à fidalguia de escudeiros. A verve crítica parecia ser um traço próprio da família: o irmão mais velho tinha sido expulso da Companhia de Jesus e o segundo também teve complicações com a ordem religiosa.



Nasceu na Bahia em 1633. Em 1651, foi para Portugal, onde estudou em Lisboa e Coimbra. Exerceu alguns cargos importantes na metrópole: juiz, representante da Bahia e procurador. Casou-se e enviuvou na metrópole. Foi protegido de D. Pedro II, mas perdeu o favor ao rejeitar a missão real de devassar os crimes de um importante funcionário da Coroa no Rio de Janeiro. Voltou ao Brasil em 1681, com

48 anos.

Foi nomeado desembargador eclesiástico e, posteriormente tesoureiro-mor da Sé (1682). Casou-se com Maria dos Povos, uma mulher pobre, formosa e honesta a quem ele dedicou o soneto “Discreta, e formosíssima Maria”, uma recriação de um poema de Gôngora. Como não quisesse usar a batina, foi destituído das funções. Conta-se que a partir desse momento começou a levar a sério a verve satírica já demonstrada em Portugal em algumas circunstâncias.

Em certo momento da vida, abandonou tudo e começou a perambular pelo Recôncavo como menestrel itinerante, recebendo guarida nas casas de conhecidos e convivendo com a camada popular. Começa a satirizar os costumes do povo e de algumas autoridades. Ficou conhecido como **Boca do Inferno**.

Em 1685, foi denunciado à Inquisição. Em 1694, tendo acumulado várias inimizades, é deportado para Angola. Volta para o Brasil, mais especificamente para Recife, já que em Salvador é considerado *persona non grata* e foi proibido de desembarcar. Morre em Pernambuco (1696) devido à febre contraída em Angola.

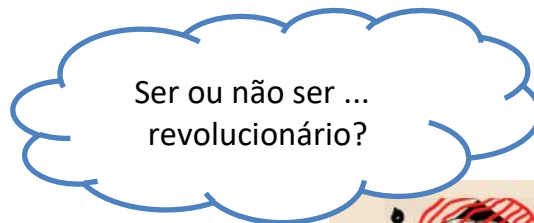


Então, ele era um rebelde?

É preciso muita calma nesse momento. É verdade que há, na sua obra, uma crítica contundente contra tudo e contra todos, fato que já levou críticos e entusiastas a verem em Gregório uma espécie de revolucionário.

Mas rebelde e revolucionário não eram termos que vigoravam nos séculos XVII e XVIII, seja na Europa, seja no Brasil. O contexto histórico inscrevia a crítica de cunho essencialmente moralista na própria conjuntura de poder, afirmando os poderes estabelecidos ao invés de promover a contestação.

Para entender o significado da crítica nesses séculos, seria importante entender o contexto em que ele viveu.

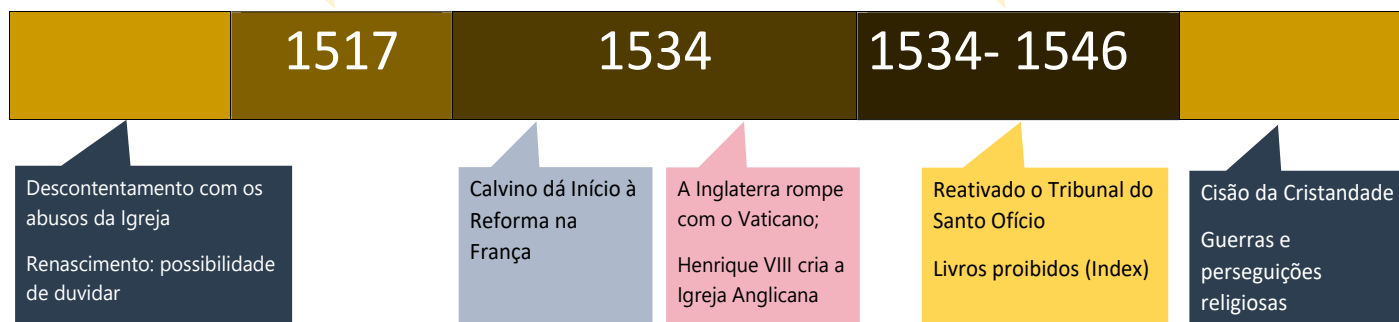


1.2 CONTEXTO HISTÓRICO

Começemos pelo contexto geral. O Barroco também é conhecido como a arte da Contrarreforma.

Lutero prega as 95 teses na porta da Igreja de Winttemberg, **Reforma alemã**

Concílio de Trento:
Contenção dos Abusos
Reafirmação dos dogmas



Em 1527, Lutero se revolta contra a Igreja e dá início a um movimento protestante que abala o século XVII com consequências não previstas pelos atores históricos envolvidos. A Igreja Católica reage (daí o nome Contrarreforma). Haverá um banho de sangue vergonhoso em toda a Europa. Se até então os cristãos podiam se orgulhar de terem submetido os pagãos e gentios, agora eram cristãos que matavam cristãos, algo que envergonharia o próprio evangelho.

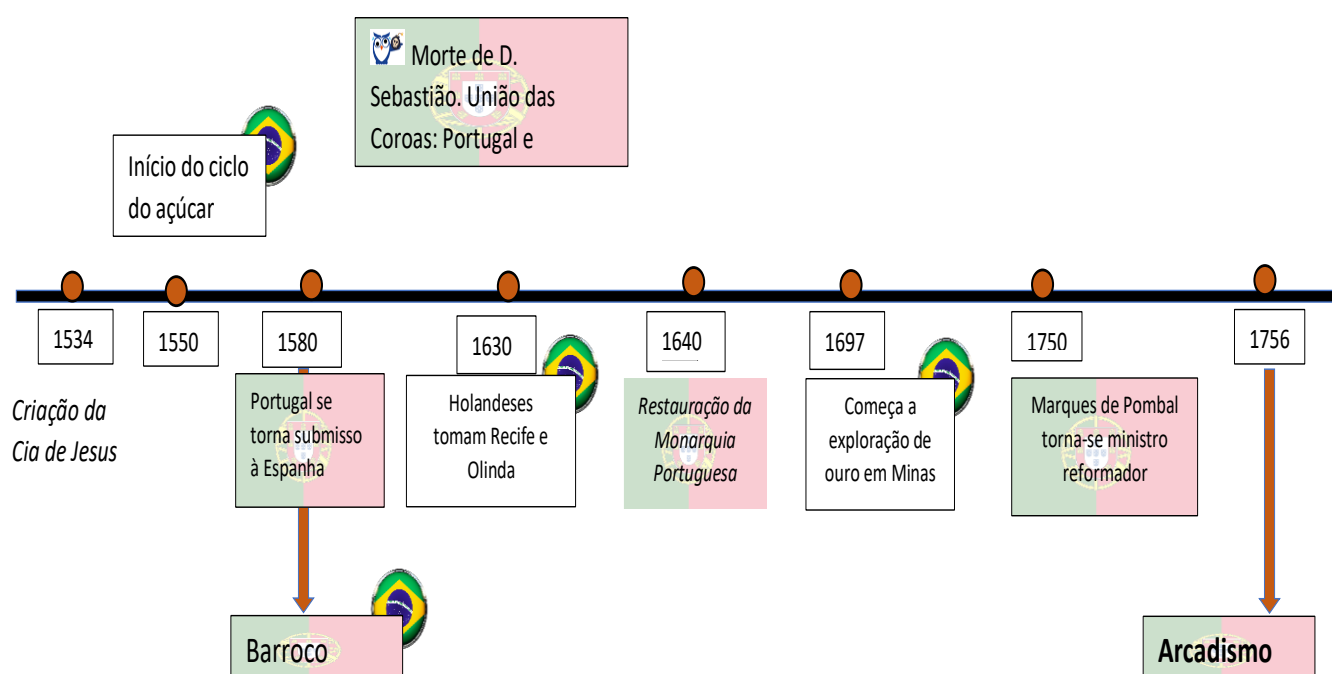
O Barroco será a arte que representará esse momento sombrio. No caso de Portugal e, portanto, do Brasil, pode-se dizer que o Barroco é a arte da luta contra o herege protestante. Trata-se, portanto, de uma manifestação artística perpassada pelo poder. Ou seja, não havia espaço para contestadores. O medo de ser denunciado ao Santo Ofício era o pão de cada dia para pessoas que ocupavam algum tipo de cargo importante.



Dentro desse expírito, a literatura, o discurso religioso ou arte retórica surgem como elementos de status que permite ao indivíduo assegurar-se do lugar que ocupa na sociedade, mesmo sendo crítico. Mais para frente, retornaremos a esse ponto. Por ora, basta você entender que toda a produção barroca, as condições sociais de produção poética, os registros dos textos e a própria biografia do autor estão envoltos em muito mais problemas que soluções.

1.3 A CIDADE DA BAHIA

A poesia de Gregório de Matos registra, de forma bastante aguda, o período de decadência da Bahia. Para ter uma ideia desse período, dê uma olhada no quadro histórico.



Na verdade, não se trata apenas da decadência da Bahia, pois o período compreende o momento em que Portugal perde sua autonomia para a Espanha. Como consequência da política externa castelhana, os holandeses invadem o Brasil e, ao mesmo tempo, apoiam a produção do açúcar nas Antilhas.

Entre 1580 e 1640, o negócio do açúcar caminhava de vento em popa. No começo do século XVII, o país era o maior exportador do produto. Salvador se tornou opulenta. Mas na década de 40 do mesmo século, a invasão holandesa deu início à decadência do que se convencionou chamar de “ciclo da cana”. Os elevados custos da produção num país em batalha contra o invasor e a concorrência com o açúcar das Antilhas tornaram o açúcar brasileiro menos atrativo.



José Miguel Wisnik, no prefácio do livro indicado para a leitura, comenta de forma precisa como esses fatos afetaram a Bahia e, portanto, Gregório de Matos. Para compensar a decadência, a metrópole procura extrair mais riqueza da colônia. Os proprietários começam a se endividar. Circula, em Salvador, uma burguesia de negociantes e financiadores mais poderosos que os senhores de engenho e que parecem ser os responsáveis pelo empobrecimento da antiga casta de proprietários. A maioria

desses novos burgueses eram estrangeiros, portugueses do reino ou ingleses.

Observe como isso é tematizado em um dos poemas satíricos mais bem trabalhados do autor, no qual ele tematiza a decadência da cidade.

Triste Bahia (Gregório de Matos)

A palavra “dessemelhante” está distribuída para o “eu” e ao estado da Bahia.

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante

A partir desse início, o poeta vincula seu destino ao da cidade

A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.

Causa da pobreza de ambos: máquina mercante

“Máquina mercante”, trocadilho ou paranomásia*

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

A troca desigual: açúcar excelente por drogas inúteis

Brichote: corruptela de britsh (inglês) + ote(diminutivo): desqualificação do estrangeiro

Oh se quisera Deus que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!

Capote de algodão, roupa mais modesta, que revelaria seriedade

*Antonomásia: figura de linguagem em que se combinam palavras semelhantes na forma de escrever ou na sonoridade, por exemplo: peão (boiadeiro) e pião (brinquedo).



Nesse soneto, Gregório atira no que viu e acerta no que não viu. Fala de “máquina mercante” como forma de embelezamento do poema para registrar as trocas desiguais entre colônia e metrópole. Mas, ao usar a palavra “máquina”, faz o leitor atual pensar na estrutura econômica na qual o Brasil entrava como país fornecedor de matéria-prima. Gregório não tinha condições de fazer uma análise macroeconômica na sua época, mas registra do seu jeito essa desigualdade comercial que, na verdade, funda o pacto colonial e mesmo as relações entre países desenvolvidos e não-desenvolvidos até hoje.

A beleza do texto fica por conta do paralelismo que o eu lírico estabelece entre a cidade e o indivíduo. Usando a personificação, ele lamenta a condição dela e dele ao mesmo tempo, tornando-se ambos personagens trágicos da decadência baiana.

O tema do dinheiro aparece em outros poemas, como por exemplo, no primeiro poema que abre o livro.

Sem mencionar a causa, Gregório simplesmente aponta que “O açúcar já se acabou?...Baixou/ E o dinheiro se extinguiu?...Subiu.”

Só para se ter uma noção de como esse tema é novo, basta mencionar que, nos Lusíadas, quando aparece um personagem crítico ao projeto das navegações e ao comércio ultramarino, o Velho do Restelo não menciona o dinheiro como causa da degradação dos portugueses, mas a ambição. Ou seja, na poesia, a crítica se volta para um defeito moral e não para o dinheiro que aparece com todas as letras em Gregório de Matos. Pode-se deduzir que o poeta baiano conseguia perceber intuitivamente essa transição de uma sociedade em que o capital começava a se tornar mais importante do que a própria mercadoria.

Uma vez que Gregório não consegue fazer análise econômica do que está acontecendo, é natural que ele veja na maldade dos homens as causas da decadência da colônia. Nesse caso, é interessante como ele também registra um pouco do processo político. Devido às necessidades econômicas da metrópole, o governo regencial diminuiu a autonomia das câmaras municipais. Fato que o poeta expressa da seguinte maneira:

“A Câmara não acode?... Não pode.
Pois não tem todo o poder?... Não quer.
É que o Governo a convence?... Não vence.

Quem haverá que tal pense,
Que uma câmara tão nobre,
Por ver-se mísera e pobre,
Não pode, não quer, não vence.”

Mas é na distribuição da culpa particular que Gregório de Matos vai apontar seu canhão verborrágico. São vários os indivíduos, nomeados ou não, que desfilam nos poemas da coletânea como exemplos dos vícios que levam a Bahia à degradação. Estes serão tratados mais à frente.

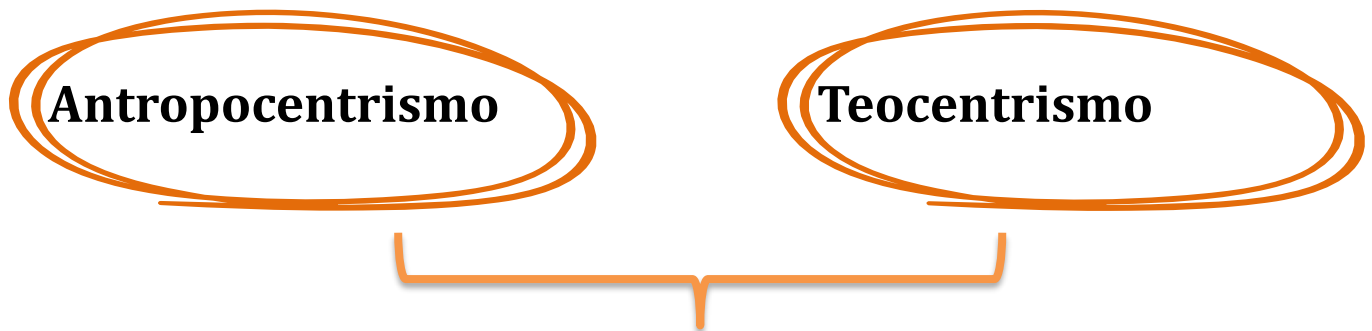


2. A CRÍTICA LITERÁRIA

Dadas essas incertezas diante do fenômeno do dito Barroco, não era de se esperar que a crítica fosse unânime em relação a como interpretar Gregório de Matos. Podemos destacar pelo menos cinco formas de entender Gregório de Matos e cada uma delas permite entender melhor algum aspecto do poeta. Esse conhecimento vai prepará-lo para interpretar qualquer poema do autor.

2.1 O COMENTÁRIO DOS MANUAIS DE ENSINO MÉDIO

Todo manual de Ensino Médio destaca que o indivíduo barroco é um ser dividido entre



Resultado: As ambiguidades típicas do Barroco



Figura 1: Pixabay

Como essas ambiguidades se expressam?

Religiosidade

- Trata-se do tema mais marcante da poesia barroca; há vários poemas em que o eu lírico se dirige a Jesus numa espécie de oração.
- Principal dualidade: pecado X perdão; espiritualidade X materialidade (sensualidade)



Moralismo crítico

- Uma certa obsessão pelo comportamento ético cristão torna-se evidente nesse Movimento Literário;
- A poesia satírica, fescenina (de baixo calão) e encomiástica (laudatória) tem como objetivo exaltar ou criticar as pessoas pelos seus vícios ou virtudes tendo como parâmetro a moral católica.

Dualidade Sagrado X Profano

- O homem barroco é fruto de uma religiosidade medieval e uma racionalidade renascentista. Sua angústia vem dessa sua divisão entre o teocentrismo e o antropocentrismo.
- Principais dualidades: fé X razão; vida X morte; corpo X alma; erotismo X espiritualidade, luz X sombra.

Pessimismo e feísmo

- A noção de efemeridade da vida leva a uma proximidade com a ideia de morte.
- Olhar mais pessimista sobre o mundo, visto como um lugar de sofrimento, em comparação com a vida celestial, que seria repleta de felicidade.
- Por isso também, muitas obras barrocas exploram o lado mais doloroso e cruel da vida humana. Há atração por cenas trágicas e aspectos grotescos do cotidiano.

Fugacidade do tempo



- Há uma consciência da transitoriedade da vida humana neste momento. A vida é frágil e a beleza é efêmera. As pessoas, as coisas e o mundo estão sujeitos a mudanças.

Contraste

- Como consequência dessa dualidade em que os artistas se encontram, suas obras tentam aproximar mundos opostos e extremos, conciliando-os ao mesmo tempo que expõe os contrastes.
- Imagens como a **aurora** e o **crepúsculo** podem aparecer como expressão dos contrastes.

Quanto à forma no Barroco, ou seja, o modo com que as obras são escritas, há duas correntes que se destacam: o **cultismo** e o **conceptismo**.



Cultismo	Conceptismo
<ul style="list-style-type: none"> - Predominante na poesia. - Envolve o leitor por meio dos sentidos. -Caracterizado pela elaboração da linguagem, muito rebuscada e trabalhada. -Uso da norma culta da língua de maneira poética. - Jogos de palavras (ex.: trocadilhos) -Jogos de imagem (ex.: figuras de linguagem) - Jogos de construção (ex.: inversão da ordem) <p>Exemplo</p> <p>O todo sem a <i>parte</i> não é todo; A <i>parte</i> sem o todo não é <i>parte</i>; Mas se a <i>parte</i> o faz todo, sendo <i>parte</i>, Não se diga que é <i>parte</i>, sendo o todo.</p> <p> Ah....tá, ele fica dizendo a mesma coisa e brinca com as palavras.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Predominante na prosa. -Envolve o leitor por meio da argumentação, da construção de raciocínio lógico. - Apelo à retórica, ou seja, à eloquência. -Organização sintática rigorosa dos textos, visando ser didático, educativo. - Jogos de ideias (ex.: paradoxos) - Jogos de conceitos (ex.: analogias) <p>Exemplo</p> <p>Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado, Da vossa alta clemência me despido; Porque quanto mais tenho delinquido, Vos tenho a perdoar mais empenhado.</p> <p> Agora sim, ele tá dizendo alguma coisa, tem algo que ele quer provar, né?</p>

Na questão comentada abaixo, observa-se que Banca usou como pressuposto os critérios facilmente discutidos nesses manuais.



(Ufpr 2016) O soneto “No fluxo e refluxo da maré encontra o poeta incentivo pra recordar seus males”, de Gregório de Matos, apresenta características marcantes do poeta e do período em que ele o escreveu:

Seis horas enche e outras tantas vaza
A maré pelas margens do Oceano,
E não larga a tarefa um ponto no ano,
Depois que o mar rodeia, o sol abrasa.

Desde a esfera primeira opaca, ou rasa
A Lua com impulso soberano

Engole o mar por um secreto cano,
E quando o mar vomita, o mundo arrasa.

Muda-se o tempo, e suas temperanças.
Até o céu se muda, a terra, os mares,
E tudo está sujeito a mil mudanças.

Só eu, que todo o fim de meus pesares
Eram de algum minguante as esperanças,
Nunca o minguante vi de meus azares.

De acordo com o poema, é correto afirmar:

- a) A temática barroca do desconcerto do mundo está representada no poema, uma vez que as coisas do mundo estão em desarmonia entre si.
- b) A transitoriedade das coisas terrenas está em oposição ao caráter imutável do sujeito, submetido a uma concepção fatalista do destino humano.
- c) A concepção de um mundo às avessas está figurada no soneto através da clara oposição entre o mar que tudo move e a lua imutável.
- d) A clareza empregada para exposição do tema reforça o ideal de simplicidade e bucolismo da poesia barroca, cujo lema fundamental era a aurea mediocritas.
- e) A sintonia entre a natureza e o eu poético embasa as personificações de objetos inanimados aliadas às hipérboles que descrevem o sujeito.

Comentário.

Observe que a alternativa correta repete os dois traços mais importantes do Barroco estudado nos manuais: o tema da transitoriedade e a exposição contraditória da ideia.

Alternativa a, falsa. O eu lírico usa a maré como elemento que permite discutir o tema da mudança e não do desconcerto do mundo.

Alternativa b, verdadeira. O poeta percebe a mudança da natureza e compara com o que ocorre consigo, ele não se vê nesse ciclo, pois para ele as esperanças sempre estão na fase minguante, enquanto os azares são sempre abundantes. Há, portanto, uma circunstância permanente para ele que se opõe à transformação cíclica da natureza.

Alternativa c, falsa. O mundo às avessas está relacionado à moral e costumes humanos e não aos ciclos da natureza.

Alternativa d, falsa. Os pressupostos expressos nessa alternativa referem-se ao Arcadismo, movimento literário posterior ao Barroco.

Alternativa e, falsa. Não há sintonia entre natureza e sujeito, eles se comportam de forma diferente.

Gabarito: B



2.2 ANTONIO CANDIDO (1918-2017)

Antonio Candido é um dos grandes críticos literários brasileiros. Escreveu *Formação da Literatura Brasileira*, no qual define um critério para fazer a escolha dos autores que devem pertencer à Literatura Nacional.

Nesse grande trabalho, ele acaba por excluir Gregório de Matos do que ele considera Literatura Brasileira. Segundo Candido, autores posteriores não foram influenciados por Gregório, que produziu uma poesia circunstancial, misturando elementos lusitanos à crítica aos usos e costumes brasileiros que reforçam um olhar europeu sobre o Brasil, ou seja, o poeta não expressa uma experiência nativa.

Além disso, a poesia amorosa manifesta a influência de Gôngora ou de Camões e a poesia religiosa deixa claro que o tema mais bem trabalhado pelo poeta manifesta uma disputa cujo palco principal é o europeu.

Mas, há um traço importante destacado pelo crítico. Dentro do viés ideológico religioso, o Brasil é o palco de um drama espiritual, no qual o bem e o mal disputam o paraíso. Os primeiros textos sobre a terra nativa, escritos pelos cronistas que passaram pela terra descoberta, manifestam a admiração pela **natureza** portentosa e a crença de que haverá uma **disputa universal** que deve seguir o seguinte script: o português converte o gentio, expulsa o herege e recebe as dádivas: o ouro e a cana.

O padre se torna figura central. Seus sermões devem ser o guia de um público analfabeto que deve se manter longe dos protestantes. A arte oratória predomina, moldada por palavras de ordem condenar ou incentivar comportamentos morais. A poesia de Gregório terá traços muito parecidos aos dos sermões: traços da oralidade (leitura fácil), o gosto retórico, uso da hipérbole, forte apelo rítmico, apóstrofes (apelo para um destinatário grandioso), analogias, frases no imperativo, ironia etc.

Observe como essa intenção clara da oratória é expressa no título e no início deste poema que tem 10 estrofes, uma de introdução e 9 de reconhecimento de pessoas viciosas.

Fingindo o poeta que acode pelas honras da cidade, entra a fazer justiça em seus moradores, sinalando-lhes os vícios em que alguns deles se depravavam

Uma cidade tão nobre,
uma gente tão honrada
veja-se um dia louvada
desde o mais rico ao mais pobre:
cada pessoa o seu cobre,
mas se o diabo me atija,
que indo a fazer-lhe justiça,
algum saia a justiça,

Cada estrofe como essa é constituída de 10 versos de 7 sílabas e o último que será repetido em todas as estrofes, com 10 sílabas

Oh, raios...Então não sou da Literatura Brasileira?



não me poderão negar,
que por direito, e por Lei
esta é a justiça, que manda El-Rei.

Esse tipo de verso
(redondilha maior) torna o
texto bastante ritmado.

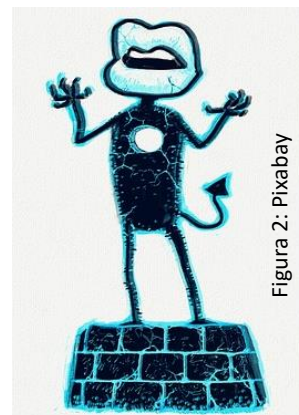
Note que o poeta dá a si mesmo a tarefa de apontar aos habitantes da Bahia seus vícios. Ele começa o poema com uma ironia fácil de perceber, pois, no título, o eu lírico deixa claro que o elogio que fará à Bahia é fingido, ou seja, a cidade não é nobre, nem seus habitantes são honrados. O poeta, em nome de uma justiça maior, a de El-Rei, diz fazer justiça com o seu poder de denunciar os vícios. A seguir, ele vai apresentando personagens viciosos, algo que faz também em outros poemas.

Nesse desfile, aparecem: o fidalgo de solar, a donzela dissimulada, a casada infiel, os letrados afetados, o clérigo julgador, o mercador avarento, a viúva que recebe frades, o mensageiro amoroso (espécie de alcoviteiro) e o Dom Abade. Percebe-se claramente o vínculo entre o sermão e poema.

Em relação à aproximação entre texto e oralidade, basta analisar o primeiro poema já mencionado. Nele, o eu lírico faz uma pergunta, e uma resposta é dada para que, finalmente, faça-se a recolha na estrofe seguinte.

Que falta nesta cidade?.....Verdade.
Que mais por sua desonra?.....Honra.
Falta mais que se lhe ponha?.....Vergonha.

O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.



Esse expediente lembra os momentos de jogral de uma missa, nos quais o padre começa uma oração ou um texto já conhecido dos fiéis e espera que eles completem em uníssono o que se espera como resposta.

Apesar de se valer desse expediente da retórica popular, Gregório não abre mão do trabalho linguístico. Considerando pergunta e resposta, a primeira estrofe é um decassílabo (verso de dez sílabas), a estrofe seguinte é composta por versos de sete sílabas. Esse esquema é repetido nos oito pares de estrofes subsequentes.



Para resolver a próxima questão, leia o poema.

QUEIXA-SE A BAHIA POR SEU BASTANTE PROCURADOR, CONFESSANDO, QUE AS CULPAS, QUE LHE INCREPAM, NÃO SÃO SUAS, MAS SIM DOS VICIOSOS MORADORES, QUE EM SI ALBERGA.

Já que me põem a tormento
murmuradores nocivos,
carregando sobre mim
suas culpas, e delitos:

Por crédito de meu nome,
e não por temer castigo
confessar quero os pecados,
que faço, e que patrocino.

(...)

Que não há, nem pode haver
desde o Sul ao Norte frio
cidade com mais maldades,
nem província com mais vícios:

Do que sou eu, porque em mim
recopilados, e unidos
estão juntos, quantos têm
mundos, e remos distintos.

A partir da leitura dos versos, são feitas as seguintes afirmações:

I. O poema se inscreve dentro da tradição da sátira moralista, na qual o eu lírico, colocando-se como uma espécie de juiz, discorre sobre os vícios dos habitantes da Bahia, sem se identificar com eles.

II. Nesse, poema, Gregório de Matos se vale de uma figura típica do sermão, a personificação. A cidade é vista a partir do corpo de uma mulher como se fosse o corpo social.

III. A intenção do escritor é provocar a vergonha e incitar o leitor ao sentimento de culpa, tal qual a finalidade de um sermão.

IV. O poema se vale do gênero da confissão, fazendo uso de um jogo contraditório entre o caráter privado do ato e a aspecto público da poesia. Esse aspecto da poesia de Gregório, salienta o intimismo e a subjetividade em detrimento do aspecto coletivo.

Assinale a alternativa correta.

- a) As afirmações I e II são verdadeiras.
- b) As afirmações II e III são verdadeiras.
- c) Todas as afirmações são verdadeiras.
- d) As afirmações II, III e IV são verdadeiras.
- e) Somente a afirmação III é verdadeira.



Comentário.

Afirmção I, falsa. No poema, o eu lírico se identifica com a Bahia para expor os vícios de seus habitantes, ele não se coloca como juiz.

Afirmção II, verdadeira. Padre Antônio Vieira constantemente fazia uso da personificação em seus sermões. Gregório dá voz à Bahia dentro da tradição escolástica de que uma cidade pode ser comparada a um corpo.

Afirmção III, verdadeira. O poeta, ao tornar públicos os vícios dos habitantes, pretende fazer com que eles se sintam culpados. Não há muita diferença entre um poema desse tipo e um sermão.

Afirmção IV, falsa. É verdade que, no poema, a Bahia resolve se confessar, ato privado, mas ao fazê-lo através da poesia, essa confissão torna-se pública. Contudo, isso não reforça o intimismo, mas a moralidade pública alvo das críticas.

Gabarito: B

Antônio Cândido

Traços mais importantes:
poesia oratória;
hiperbólica, rítmica, bem
marcada por rimas.

2.3 JOSÉ MIGUEL WISNIK

O crítico José Miguel Wisnik não entra nessa discussão sobre Gregório pertencer ou não à Literatura Brasileira. Ele faz uma boa divisão da obra e analisa o que seriam os aspectos mestres da poesia gregoriana. Ele faz isso logo no prefácio, o que é muito significativo para você, corujinha que pretende prestar a FUVEST.

Obviamente a escolha do livro “Poemas Escolhidos” com esse prefácio não foi ao acaso, não é mesmo? A Banca supõe que o conhecimento e a aplicação da análise de Wisnik devem estar na ponta da língua do candidato. Então, “bora lá”...

No prefácio, o crítico considera dois tipos de poesia, a que ele chama de satírica e de circunstância e a poesia amorosa.

Poesia de Circunstância

Para Wisnik, o poesia de Gregório de Matos (1) registra como cronista o cotidiano da metrópole (tema explorado no subtítulo “1.3 A cidade da Bahia”); (2) expressa **as contradições** da sua época e (3) expressa seu ressentimento em relação a essa sociedade.

Como o próprio Wisnik destaca, “não se trata apenas de registrar. Gregório está embrenhado nas contradições que aponta, e empenhado em dar-lhes resposta.” Essa perspectiva crítica é mais interessante, porque supõe que o poeta muitas vezes registra



contradições no corpo do texto ou de forma intuitiva, não intencional, mas produzindo, nos melhores poemas, um ambiguidade e ironia que merecem análise.

As contradições são muitas e se desdobram: metrópole/colônia; ambiente cortês/meio iletrado; prestígio/desprestígio; virtudes cristãs/vícios etc. Diante da nova realidade da colônia, a opção de Gregório de Matos de tornar-se poeta andarilho é uma opção pela experiência que lhe permite o distanciamento necessário para tecer suas sátiras. Mas esse mundo concreto lhe é hostil.

(...)

Eu era lá em Portugal
sábio, discreto, e entendido,
Poeta melhor, que alguns,
douto como os meus vizinhos.

Chegando a esta cidade,
logo não fui nada disto:
porque o direito entre o torto
parece, que anda torcido.

Sou um herege, um asnote,
mau cristão, pior ministro,
mal entendido entre todos,
de nenhum bem entendido.

Nesse ponto, o crítico destaca o **ressentimento**, que pode ser tanto nesse desdobramento entre o que ele vivenciou na Metrópole e o que ele vivencia no Brasil, quanto em relação à memória de tempos passados melhores para a própria Bahia, o que torna mais evidente a decadência. Os mulatos constituem o alvo mais claro desse ressentimento. Num dos poemas mais famosos, Gregório afirma “Muitos mulatos desavergonhados,/ trazidos pelos pés os homens nobres,/ posta nas palmas toda a picardia.”

Contudo, a expressão dessa visão preconceituosa obriga o poeta a, num sentido inverso, incluir aquilo a que ele tem aversão. O poema que Wisnik cita para provar o que diz é um dos mais destacados nos estudos de Gregório.

Aos principais da Bahia chamados os Caramurus

*Há coisa como ver um Paiaíá¹
Mui prezado de ser Caramuru,
Descendente do sangue tatu,
Cujo torpe idioma é Cobepá²?*

*A linha feminina é Carimá³
Muqueca, pititinga⁴, caruru,*



*Mingau de puba, vinho de caju
Pisado num pilão de Pirajá.*

*A masculina é um Aricobé⁵,
Cuja filha Cobé⁶, c'um branco Pai
Dormiu no promontório de Passé.*

*O branco é um Marau que veio aqui:
Ela é uma índia de Maré;
Cobepá, Aricobé, Cobé, Pai.*

(MATOS, Gregório. **Poemas escolhidos**. Seleção, introdução e notas de José Miguel Wisnik. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 100)

Vocabulário:

- 1 Paiaia – Pajé.
- 2 Cobepá – dialeto da tribo cobé, que habitava as cercanias da cidade.
- 3 Carimá – bolo feito de mandioca-puba, posta de molho, utilizada para mingau.
- 4 Pititinga – espécie de peixes pequeninos.
- 5 Aricobé – cobé (nome de uma tribo de índios progenitores do Paiaia, a que se refere o poeta).
- 6 Cobé – palavra que Gregório empregava para designar os descendentes dos indígenas, pois no seu tempo o termo tupi não estava generalizado.

Nesse poema, o eu lírico retoma o tema **da usurpação do lugar social**. Um descendente de índio e de branco, que deveria ocupar um lugar social mais baixo na Bahia, considera-se um dos principais da cidade. Poesia de ressentimento puro. Apesar disso, a poesia inscreve no texto justamente aquilo que o eu lírico diz recusar, o traço mais distintivo dessa linhagem: a língua que o poeta chamou de torpe, mas da qual se vale nos seus poemas para fazer a crítica. Nas palavras de Wisnik, Gregório, “ao denunciar as pretensões de nobreza dos ‘fidalgos caramurus’”, acaba por insemear “no soneto europeu os elementos estranhos de uma espécie de patuá tupi”.

A leitura de Wisnik se dá pela premissa de uma tomada de consciência da situação colonial. No caso, de Gregório, essa conscientização é cheia de meandros, idas e vindas, situação negadas e afirmadas, autoridades não nomeadas etc.

Para Wisnik, em Gregório, há um desmascaramento não intencional da forma pela qual se exerce o poder, e ele cita pelos menos dois outros poemas em que isso fica evidente:

Tristes sucessos, casos lastimosos

Tristes sucessos, casos lastimosos,
Desgraças nunca vistas, nem faladas,
São, ó Bahia! vésperas choradas
De outros que estão por vir mais estranhos:



Sentimo-nos confusos, e teimosos,
Pois não damos remédio às já passadas,
Nem prevemos tampouco as esperadas,
Como que estamos delas desejosos.

Levou-vos o dinheiro a má fortuna,
Ficamos sem tostão, real nem branca,
Macutas, correão, novelos, molhos:

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna,
E é que, quem o dinheiro nos arranca,
Nos arranca as mãos, a língua, os olhos.

Nesse poema, de fácil interpretação, o poeta lamenta o empobrecimento da colônia e projeta para o futuro situação similar ou pior. Há algo de denúncia nos versos “levou-nos o dinheiro a má fortuna”. Até esse ponto, o eu lírico aponta a “má fortuna” como agente da pilhagem. Mas no último terceto, o poeta vai além, denunciando um poder inquisidor não nomeado, mas provavelmente conhecido pelos seus leitores. Ninguém protesta (“ninguém vê, ninguém fala, nem impugna”) já que os poderosos não nomeados são capazes de arrancar mãos, língua e olhos.

Wisnik vê, nesse movimento, **uma espécie de tomada de consciência (vacilante) em relação às injustiças cometidas por essa estrutura relacionada com a máquina mercante**. A crítica do poeta, muitas vezes imprecisa, não chega ao poder real ou ao princípio conceitual do poder eclesiástico, se bem que deixe a sensação de que está muito próxima dos núcleos do poder.

No poema “À fome que houve na Bahia no ano de 1691”, pode-se observar esse desnudamento do pacto colonial. O poema é constituído de 6 estrofes com 11 versos de sete sílabas que terminam sempre com o refrão “Ponto em boca” (algo parecido com “Cale a boca”). O poeta opõe a cidade às frotas de abastecimento que deixam a cidade padecer a fome.

“Toda a cidade derrota
esta fome universal,
uns dão a culpa total
à Câmara, outros à frota:
a frota tudo abarrota
dentro nos escotilhões
a carne, o peixe, os feijões,
e se a Câmara olha, e ri,
porque anda farta até aqui,
é cousa, que me não toca;
Ponto em boca.”



Figura 3: Pixabay

Nessa estrofe, o poeta rapidamente identifica a câmara como agente beneficiado por algum esquema que lhe permite testemunhar a fome com desdém. Duas estrofes à frente, o eu

lírico passa a criticar a frota que não traz o necessário para os habitantes da Bahia e a ainda leva o açúcar em troca. Obviamente, a frota faz parte da política que embasa o pacto colonial, mas o poeta para por aí.

A fome me tem já mudo,
que é muda a boca esfaimada;
mas se a frota não traz nada,
por que razão leva tudo?
que o Povo por ser sisudo
largue o ouro, e largue a prata
a uma frota patarata,
que entrando co'a vela cheia,
o lastro que traz de areia,
por lastro de açúcar troca!
Ponto em boca.

Ora, essa divisão entre a metrópole e a colônia leva Wisnik a lembrar uma boa definição de sátira e tirar boas consequências do conceito. Ele se vale da definição do crítico literário Northrop Frye em *Anatomia da Crítica*, segundo a qual tal gênero expressa “a luta cômica de duas sociedades, uma normal e outra absurda”. Na sátira de Gregório de Matos, a sociedade dos bem-nascidos é revirada pela sociedade dos farsantes instalados no poder. O poeta ou critica frontalmente a corja de farsantes, ou usa a adesão irônica como se fosse obrigado a tal sacrilégio.

Há um poema bem interessante e divertido nesse aspecto, cujo título é “Redargui o poeta a doutrina ou máxima do bem viver, que muitos políticos seguem, de envolver-se na confusão de homens perdidos e néscios, para passar com menos incômodo esta humana vida”. Nele o poeta resolve viver como os farsantes vivem para não ser criticado. Em certo ponto, o eu lírico afirma que, ao adotar o mesmo procedimento dos nativos, “já entre os grandes me alisto,/e amigos são, quando topo,/estou fábula de Esopo / vendo falar animais,/ e falando eu que eles mais,/bebemos todos num copo.” Note a expressão “estou fábula de Esopo”. Em tais fábulas, animais falavam. Ele se sente um animal falante junto com os néscios da terra.

Diante de tal duplicidade e das trocas às quais o poeta é submetido (da máquina mercante), ele passa a jogar com as trocas linguísticas valendo-se de trocadilhos ou de troca de lugar (as vezes, condena a Bahia, às vezes é a própria Bahia se condenando, as vezes se coloca no lugar dos néscios etc).

Para finalizar esse tópico, observe um outro poema bastante destacado pela crítica.

Um paiá de Monai, bonzo bramá
Primaz da cafraria do Pegu,
Quem sem ser do Pequim, por ser do Acu,
Quer ser filho do sol, nascendo cá.

“Bonzo bramá” faz referência ao budismo. O nobre caramuru quer ser da linhagem real do oriente: “quer ser rilho do solo, nascendo cá”.



Tenha embora um avô nascido lá,
Cá tem três pela costa do Cairu,
E o principal se diz Paraguaçu,
Descendente este tal de um Guinamá.

Ascendência: um avô português, três nativos. A mais importante seria a índia Paraguaçu oferecida ao nobre português de alcunha "Caramuru".

Que é fidalgo nos ossos cremos nós,
Pois nisso consistia o mor brasão
Daqueles que comiam seus avós.

Ironia: acredita-se que os caramurus sejam fidalgos até os ossos, pois seus antepassados comeram fidalgos em rituais de antropofagia.

E como isto lhe vem por geração,
Tem tomado por timbre em seus teirós
Morder nos que provêm de outra nação.

Os nobres mestiços do Brasil mordem os que provêm de outras nações

Nesse poema, é possível perceber as trocas. O poeta critica aqueles que se acreditam nobres no Brasil, mas que descendem de índios. A ironia é construída a partir do uso de palavras indígenas. Há uma troca do vocabulário português pelo nativo, como forma de mostrar a partir dessa troca que a outra, a da linhagem indígena pela linhagem enobrecida, é uma farsa risível.

Poesia Lírico amorosa

Depois de discorrer sobre a poesia de circunstância, Wisnik considera o poesia amorosa, que para ele, também é marcada por dualidade entre ascetismo e sensualismo. Lembre-se de que sensualismo pode se referir à sensualidade sexual, mas também àquilo que impressiona fortemente os 5 sentidos: a cor, o paladar, o som etc.

Para exemplificar essa oposição, ele cita o poema em que ele nomeia a mulher como Angélica e explora ao máximo essa ideia.

"Anjo no nome, Angélica na cara,
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,
Ser Angélica flor, e Anjo florente,
Em quem, senão em vós se uniformara?"



No primeiro verso, o eu lírico já identifica a mulher paradoxal que é celestial (anjo) e carnal (angélica). Aplica um quiasmo para elaborar o segundo verso. Pensa em uma palavra que poderia retomar a ideia de beleza (angélica na cara) e chega à expressão flor. Se no primeiro verso, o eu lírico começava com o espiritual e passava para o carnal, agora ele inverte os termos, fazendo um "x". Esse tipo de procedimento chama-se quiasmo.



Anjo no nome, Angélica na cara
Isso é ser flor, e Anjo juntamente,

No terceiro verso, o poeta distribui a palavra flor para os dois termos que representam as duas faces de Angélica, tanto Angélica quanto o Anjo terão como atributos algo da flor, seja sua beleza, seja sua capacidade de florir.

O poeta acaba esse soneto com o verso “Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda”. Dado o sensualismo dessa mulher que ironicamente tem algo de espiritual no nome, ela representa um perigo espiritual para o poeta: pode ser fonte de pecado.

Esse par ascetismo/espiritualidade se desdobra em outro paixão/refreamento. Nesse caso, o crítico passa a considerar um dos mais bem construídos poemas de Gregório.

Ardor em firme coração nascido;
Pranto por belos olhos derramado;
Incêndio em mares de água disfarçado;
Rio de neve em fogo convertido

O ardor (fogo) do amor se transforma em pranto (água). Isso permite que o eu lírico junte água e fogo

Tu, que em um peito abrasas escondido,
Tu, que em um rosto corres desatado,
Quando fogo em cristais aprisionado,
Quando cristal em chamas derretido.

Se és fogo como passas brandamente,
Se és neve, como queimas com porfia?
Mas ai! Que andou Amor em ti prudente!

Pois para temperar a tirania,
Como quis, que aqui fosse a neve ardente,
Permitiu, parecesse a chama fria.

Nesse poema, a paixão encontra seu limite no sofrimento que gera lágrimas. A partir daí, o poeta opera com sucessivos jogos linguísticos em que o eu lírico mistura água e fogo.

Esse poema serve, então, para ilustrar outra característica barroca, a **manipulação das palavras e dos seus significados até que a oposição entre elas desapareça**. No jogo entre fogo e água, a diferença entre os termos é suprimida e a linguagem surge como puro jogo que permite uma identidade impossível. Há uma espécie de jogo de espelhos, novamente observável no uso do quiasmo.

Incêndio em mares de água disfarçado;



Rio de neve em fogo convertido

O fogo presente em “incêndio” passa a segundo termo no verso seguinte, enquanto a água passa a primeiro termo, já que “rio de neve” é composto de água.;

Contudo, o poema mais exemplar nesse sentido joga com o amor carnal puro numa espécie de diálogo com a tradição espiritual que idealizado o amor. Note como o poeta, desqualifica a amor espiritual pela simples descrição do amor terreno.

“O amor é finalmente
um embaraço de pernas,
uma união de barrigas,
um breve tremor de artérias

Uma confusão de bocas,
uma batalha de veias,
um reboiço de ancas,
quem diz outra coisa é besta.”

Essa exposição nua e crua do amor sexual expõe toda a arte amorosa espiritualista como palavrório “besta”. Aliás, a escolha dessa palavra é muito interessante, afinal, “besta” é um vocábulo que significa animal. O amor descrito pelo eu lírico traveste-se de traços animais, quando, na verdade, o animal de verdade identifica-se com quem nega esse fato.

Poesia Religiosa

Nessa tópica, Wisnik destaca a dualidade matéria/ espírito que se desdobra em culpa/perdão, que se reflete em um julgamento severo em alguns momentos ao lado de uma prática relaxada, fato que leva à constante preocupação com a salvação da alma. Um dos mais belos poemas de Gregório é escolhido para exemplificar essa perspectiva crítica.

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

O poeta pecou, mas não desiste de ter o perdão de Deus, antes quanto mais peca, mais se empenha e conseguir o perdão.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Ele começa sua argumentação: basta um só gemido para o perdão, a mesma culpa ofende e agrada...

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,
Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada:

Uso do texto bíblico para provar o argumento. Se Deus fica feliz com a ovelha perdida, Ele não deve perder a oportunidade de ter o eu lírico de volta.



Cobrai-a, e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Considerações Gerais

Basicamente, a perspectiva de Wisnik segue a linha de considerar a obra poética de Gregório como fruto de sua angústia interior, sempre pautada pelas contradições. A joia da coroa da poesia de Gregoriana brilhou diante da crítica como a poesia religiosa. Contudo, Wisnik resgata a poesia satírica, pois faz uma análise bastante interessante dessa produção do poeta. Não será de espantar se a Banca resolver elaborar uma questão sobre a poesia satírica.



Questão Autoral

Observe o poema abaixo

Senhor Doutor, muito bem-vinda seja
A esta mofina e mísera cidade,
Sua justiça agora, e equidade,
E letras com que a todos causa inveja.
Seja muito bem-vindo, porque veja
O maior disparate e iniquidade,
Que se tem feito em uma e outra idade
Desde que há tribunais, e quem os reja.
Que me há de suceder nestas montanhas
Com um ministro em leis tão pouco visto,
Como previsto em trampas e maranhas?
É ministro de império, mero e misto,
Tão Pilatos no corpo e nas entranhas,
Que solta a um Barrabás, e prende a um Cristo.

Qual das análises críticas abaixo melhor descrevem a essência desse poema?

- “Gregório põe em jogo a maquinaria das trocas poéticas, afiadas também nos seus truques, trocadilhos, jogos paranomásticos, em suma, numa série de deslocamento de significante e de significado.”
- “Gregório de Matos tematiza basicamente os choques entre ascetismo e sensualismo, espírito e matéria, fazendo que contrários passem por uma série de transformações e aproximações que os faz inseparáveis.



c) “Nas linhas de frente da sacra, da lírica e da satírica; aos olhos de Deus, de si mesmo e dos outros; a poesia aparece como a única possibilidade de salvação...”

d) “Mas essa oposição entre uma sociedade instalada, vista como absurda, e outra destituída vista como normal, tem um fundo a mais : é que a Bahia absurda tem, para um homem que privilegia a experiência como Gregório, a vantagem de ser real.”

e) “Diante disso, a opção de um Gregório de Matos ao desligar-se de seus cargos parece ser a opção da experiência, que é a base do gênero satírico: distanciar-se do teatro ideológico em que vive, para envisgar-se na realidade...”

Comentário.

Alternativa a, falsa. A apreciação crítica ressalta as trocas linguísticas, que ocorrem de forma bem modesta em “É ministro de império , mero e misto”, mas isso não explicaria a essência desse poema.

Alternativa b, falsa. O choque entre o sensualismo e o ascetismo é típico da poesia amorosa, essa é uma poesia satírica.

Alternativa c, falsa. O que se afirma nessa alternativa pode ser aplicado à poesia religiosa; essa é uma poesia satírica.

Alternativa d, verdadeira. Nesse poema, o eu lírico elogia um juiz que chega da metrópole para criticar um outro que seria um “Pilatos”. Vê-se em jogo a divisão entre mundo ordenado (metrópole) e mundo do avesso.

Alternativa e, falsa. Essa crítica atribui valor à experiência, algo que não pode ser observado no soneto acima.

Gabarito: D

José Miguel Wisnik

POESIA DE CIRCUNSTÂNCIA:

Contradições; sociedade normal x sociedade anômala, ressentimento e usurpação; poeta que efetua trocas linguísticas ou de perspectiva para expor a troca de valores.

POESIA AMOROSA: sensualidade x ascetismo; paixão x refreamento; jogo de contrário até sua anulação

POESIA RELIGIOSA: sensualidade x ascetismo; pecado x perdão.



2.4 JOÃO ADOLFO HANSEN

Figura 4: Pixabay



João Adolfo Hansen é crítico literário, ensaísta e historiador da Literatura Brasileira. Escreveu o livro *A Sátira e o Engenho, Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII*. Nessa obra, o crítico defende a tese de que as perspectivas acima estão totalmente equivocadas.

Supor que Gregório era alguém angustiado por viver em uma sociedade dividida significa atribuir ao homem do século XVII uma sensibilidade própria do Romantismo do século XIX. Essa visão que

tanto nos encanta, de um homem transtornado, emocionado, humilhando-se perante Deus, seria simplesmente um efeito linguístico produzido a partir do engenho e da arte do escritor, e não da sua sinceridade.

No Barroco, a arte é artefato, artifício e há técnicas de como construir um poema que devem ser aprendidas e utilizadas de tal forma quer o poeta manifeste sua capacidade de produzir ilusões, inclusive a da sinceridade.

Segundo Hansen, “ao poeta seiscentista nada é mais estranho que a originalidade expressiva, sendo a sua invenção antes uma arte combinatória de elementos coletivizados repostos numa forma aguda e nova.”²

Para exemplificar, retomemos o poema “Ardor em firme coração nascido;/Pranto por belos olhos derramado”. Wisnik diria que o poema expressa um sentimento atormentado entre paixão e refreamento. Hansen diria simplesmente que o poeta retoma uma temática coletiva expressa em Camões “amor é fogo que arde sem se ver” e faz desse mote um ponto de partida para uma produção textual que deve provocar admiração por parte de quem o ouve.

Como provocar tal efeito? Produzindo um tipo de discurso que tensiona os critérios de verdade próprios do discurso referencial. Num texto argumentativo, o escritor não pode se contradizer ou corre o risco de ser incoerente, o maior pecado de um bom retórico. Contudo, se o emissor do discurso manusear as contradições acolhendo-as em seu discurso ao mesmo tempo que mantém a coerência, o interlocutor ficará maravilhado com essa capacidade de aproximar opostos.

Para Hansen, portanto, a antítese e o paradoxo, tão comuns no Barroco, não refletem uma alma dividida, mas procedimentos técnicos do discurso que devem ser combinados para produzir um artefato. Segundo essa ideia, depois de considerar o mote, amor como fogo, o poeta deveria

² HANSEN, J. A. "Um nome por fazer". In: *A sátira e o engenho*. São Paulo, Campinas: Ateliê Editorial, Ed. UNICAMP, 2004, p. 32-33.

supor o seu contrário, água, e dar uma explicação plausível para que água e fogo possam ficar juntos sem serem totalmente incoerentes.

Depois disso, é possível seguir outros passos para produzir engenhosamente o poema. Pode-se repetir a informação, acrescentando intensidade via hipérbole. O “fogo” torna-se “incêndio”; a “água”, rio de neve. Seria possível aplicar ainda outro “enfeite”. Nesse poema, Gregório aplica o quiasmo e troca de lugar os termos.

“Ardor em firme coração nascido;
Pranto por belos olhos derramado;
Incêndio em mares de água disfarçado;
Rio de neve em fogo convertido”

Observe que as duas informações iniciais estão sendo repetidas em outras palavras, como se o poeta fosse um aluno de ensino médio querendo enganar o professor na prova e repetindo o enunciado com outras palavras.

Mas o efeito de maravilha acaba por ocorrer na estrofe seguinte.

“Tu, que em um peito abrasas escondido,
Tu, que em um rosto corres desatado,
Quando fogo em cristais aprisionado,
Quando cristal em chamas derretido.”



Figura 5: Pixabay

O poeta retoma a mesma informação da estrofe anterior, o “tu” do primeiro verso é um vocativo que retoma o fogo; o “tu” do segundo verso retoma a água. O poeta repete o mesmo procedimento da estrofe anterior, aplica a hipérbole e depois inverte os termos em um quiasmo. A proximidade entre água e fogo se torna maior de tal maneira que o poeta consegue uma imagem impossível no mundo natural: um fogo aprisionado em cristal. Essa imagem, um artefato, encanta qualquer leitor. Nesse momento, o

poeta consegue mostrar toda a sua capacidade engenhosa.

Nessa mesma chave deve ser interpretada a poesia satírica. O poeta barroco vale-se de tópicos comuns da crítica aplicando esquemas de crítica já consagrados. Não se deve confundir o poeta com sua poesia. Ele toma como matéria para seu discurso qualquer crítica que circule socialmente, inclusive suas próprias pendências. A partir daí, ele analisa quem é a pessoa e qual o tipo de delito. Seguem-se, então as combinações possíveis. Um indivíduo que esteja numa escala social inferior pode ser ultrajado através do corpo. Se for uma pessoa que mereça alguma consideração, deve-se criticá-la a partir de vícios morais.

Essa análise do objeto a ser satirizado permite que o poeta escolha qual o gênero poético que ele adotará: o da crítica geral, o da crítica ao vício moral, o de escárnio, o de maldizer ou mesmo o obsceno.



Nunca entendi esse negócio de ele poder falar palavrão na poesia, ele não era cristão?

Pois é, corujinha inconformada. O grande pecado de um poeta consistia na inadequação. Se ele se valesse de palavrões ou palavras de baixo calão para descrever uma pessoa de estirpe, ele estaria incorrendo em erro. Contudo, se ele usasse esse tipo de vocabulário para alguém desprezível, seria adequado.

Aqui, novamente, percebe-se um esquema que se repete em vários poemas. O eu lírico se apega a uma traço físico e, por acúmulo de hipérboles, incita ao riso e produz uma imagem grotesca. Como exemplo, podemos considerar um dos poemas que Gregório fez contra o governador Antônio Luís da Câmara Coutinho, almotacé-mor do reino que governou a Bahia entre 1690 e 1694. Ele se vale de um longo poema dividido em 5 estrofes. Logo no início, o eu lírico já informa sua intenção, fazer um trato do governador da cabeça ao pés.

Para cada parte do copo, ele aplica hipérbole e faz comparações até quase esgotar as possibilidades de produzir a desmedida seja pelo muito grande ou pelo muito pequeno. No trecho abaixo, ele descreve a corcunda (giba).

(...)

Vamos à giba:
mas eu que intento,
se não sou vento
para poder trepar
 lá tanto arriba?
Sempre eu insisto,
que no horizonte
deste alto monte
foi tentar o diabo
 A Jesu Cristo.

(...)

E havendo apostas,
se é homem, ou fera,
se assentou, que era
um caracol, que traz
 a casa às costas.

(...)

Ó pico alçado,
quem lá subira,
para que vira,
se és Etna abrasador
se Alpe nevado!

Esse jogo se reflete em outros temas também. Em dos poemas da satírica amorosa, o poeta retoma o mote camoniano de definir o amor. O poema começa da seguinte forma:



Mandai-me Senhores, hoje
que em breves rasgos descreva
do Amor a ilustre prosápia,
e de Cupido as proezas.

Dizem que de clara espuma,
dizem que do mar nascera,
que pegam debaixo d'água
as armas que o amor carrega.

A partir daí, o poeta, valendo-se dessa estrutura, vai perfilando uma série de comparações em mais 50 estrofes de 4 versos. Esse jogo sempre prima pela comparação inesperada ou pelo jogo de antítese, como se observa no versos “um basilisco, que mata/ lince que tudo penetra” ou “uma dor que não se cala,/ pena que sempre atormenta,/ manjar que não enfastia”. Quando o leitor, já cansado de tantas comparações, começa a aceitar essa visão superlativa do amor, o poeta encerra o longo texto com a inesperada reflexão sobre o amor carnal:

O amor é finalmente
um embaraço de pernas,
uma união de barrigas,
um breve tremor de artérias

Uma confusão de bocas,
uma batalha de veias,
um reboiço de ancas,
quem diz outra coisa é besta.

Wisnik vê nesse final “as duas faces da moeda, o petrarquismo que joga com os contrários da ideia, o sensualismo que se liga diretamente ao corpo”. Isso reforçaria a representação de ambiguidade barroca como a clara opção do poeta pela experiência. Hansen, ao contrário, veria nisto um simples jogo verbal que tenta provocar a admiração do ouvinte. Depois de tantas enumerações superlativas sobre o amor, um final discordante e inesperado faz o leitor rir-se de toda a construção exagerada sobre as qualidades do amor.



Se o poeta não queria expressar suas angústias, para que servia esse jogo?

Ótima pergunta, corujinha atenta. Para entender a função da poesia nessa sociedade, deveríamos entender como a política era encarada nesse Brasil do século XVII.

Apesar das profundas transformações sociais e políticas, a teoria política que vigorava em Portugal ainda estava atrelada à perspectiva medieval do corpo social como análogo ao corpo



humano. Cada parte exerce sua função, justificando-se dessa maneira a aparente superioridade e inferioridade dos membros de uma coletividade.

Se essa é a estrutura determinada por Deus, a quebra da ordem social rigidamente estabelecida pelos estamentos consanguíneos potencialmente gera o caos e a desordem. Na colônia, essa aberração pode ser melhor observada. Aqui, a nobreza de sangue perde espaço para uma nobreza mercantil, cujo parco sangue nobre, se é que há algum, não seria suficiente para justificar o lugar de privilégio muitas vezes usufruído por esses nobres caramurus, como já vimos em alguns poemas que trazem essa referência.

No poema “Benze-se o poeta de várias ações que observa na sua pátria”, o eu lírico denuncia mais claramente o falso nobre.

“Do que passeia farfante,
Mui prezado de amante,
Por fora luvas, galões,
Insígnias, armas, bastões
Por dentro pão bolorento.

O grande problema de uma sociedade nobre gira em torno de se saber quem pertence a esse estamento. As roupas e as insígnias marcam o lugar social que o indivíduo ocupa. Mas isso também significa que qualquer pessoa, mesmo a que não mereça usar essas roupas, pode se apropriar desses signos e passar por “pão bolorento”. Note como Gregório diferencia esse dois tipos de fidalgos.

“Fidalgo esclarecido
Traz longe a descendência
Mas fidalgo de influência
Se ter solar conhecido,
É Fidalgo introduzido
Enfronhado na fidalguia.”

Fica claro nesse poema que há dois tipos de fidalguia. Além da roupagem, a outra forma de justificar o lugar estamental ocupado passa pelo uso da poesia. A nobreza de linhagem deve ser confirmada pela capacidade do indivíduo de mostrar sua fineza, através da poesia, o homem de estirpe pode se justificar valendo-se do engenho e arte, atributos divididos com poucos.

E isso não é pouca coisa. Basta lembrar que se vive no período da Contrarreforma, época em que a expressão verbal pode levar o indivíduo ao Santo Ofício. Contudo, essa circunstância, ao invés de inibir a circulação de falas, estimula a produção de discursos acusatórios que têm como finalidade proteger quem fala e, ao mesmo tempo, destruir algum possível inimigo.



Essa circunstância de falas cruzadas, nas quais sobressai uma crítica moralizante, é bem retratada num outro poema bem conhecido do poeta.

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar a cabana, e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

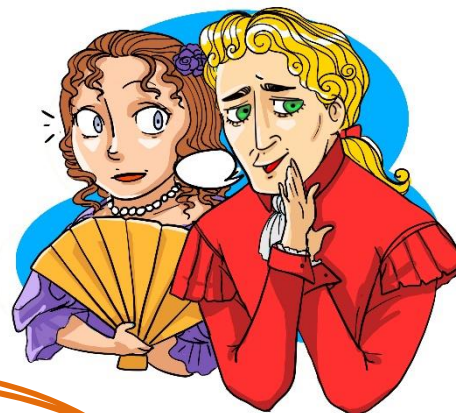
Em cada porta um frequentado olheiro,
Que a vida do vizinho, e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,
Para a levar à Praça, e ao Terreiro.

Muitos Mulatos desavergonhados,
Trazidos pelos pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,
Todos, os que não furtam, muito pobres,
E eis aqui a cidade da Bahia.

**Inversão: os
mulatos, não
nobres, submetem
os nobres brancos.**

**Inversão: nobres
mercantis
submetem os
homens de bem**



Impossível não fazer uma pergunta até inocente: ora, Gregório, você reclama dos olheiros da cidade, mas você também não é um deles?

Ele é e não é. Novamente entre em cena o critério de legitimidade. Sendo um nobre de linhagem e sendo fino, hábil no uso das palavras, ele assegura o seu lugar privilegiado de fala, de onde pode falar em nome da própria virtude, não por ser um poço de castidade, mas por saber representar os discursos da coletividade.

Há um outro poema na coletânea, bastante ilustrativo do que seriam esses discursos coletivos. O poeta escreve sobre “Reprovações”. Como é praxe no Barroco, Gregório tenta saturar o tema. Gregório de Matos escreveu 28 estrofes de 4 versos, numa estrutura repetitiva e paralelística.

“Se sois homem valeroso,
Dizem que sois temerário,
Se valente, espadachim,
E atrevido, se esforçado.

Se resoluto, – arrogante,
Se pacífico, sois fraco,
Se precatado, – medroso,
E se o não sois, – confiado.

Se usais justiça, um Herodes,
Se favorável, sois brando,
Se condenais, sois injusto,
Se absolveis, estais peitado.”



Figura 6: Pixabay

O poeta retoma de forma bastante própria a *Ética de Nicômaco*. Nessa obra, Aristóteles elabora sua teoria da virtude. Analisa duas virtudes contrárias como “temerário” e “covarde” para mostrar que o meio termo, “a coragem” se configura como a ação excelente.

No caso de Gregório de Matos, as ações humanas vão se desdobrando em seus pares sem que se chegue à mediana, num jogo de acusações infinito de tal maneira que o indivíduo dificilmente se furtará de alguma crítica.

Dentro dessa teia de maledicências, é preciso atirar primeiro. Mas não de qualquer maneira. Como fidalgo fino, o poeta deve demonstrar que tem lugar privilegiado nessas falas através do discurso engenhoso. Nesse sentido, a produção literária não tem como finalidade extravasar um sentimento insuportável numa sociedade opressora, mas assegurar a fineza que, assim como os brasões, luvas e galões, pode testemunhar com precisão a estirpe do poeta.

2.4.1 JOGOS E TIPOS DE DISCURSO

Essa crítica de João Adolfo Hansen destaca, sobretudo, o fato de que o poema tem uma estrutura constitutiva bem determinada. Para quem deseja interpretar a poesia de Gregório de Matos, isso não pode passar despercebido. Devem-se observar no poema os recursos linguísticos e os jogos de linguagem.

Mas é preciso atenção também ao fato de que os jogos devem ser adequados às tópicas consideradas. Em um poema satírico, o poeta pode se valer de formas mais simples de construção textual, utilizando paralelismo sintático, hipérboles e antíteses.

Na poesia fescenina, obscena, o poeta vale-se da saturação até tornar grotesco o alvo de seu escárnio. Outro procedimento envolve explorar aspectos corporais e comportamentos sexuais socialmente reprováveis. No poema *Marinícolas* (cuja tradução seria “mariquinhas”), Gregório critica seu desafeto, Antonio Conti³, expondo suas relações homossexuais.

Na poesia amorosa ou religiosa, os jogos de linguagem são mais sofisticados e o poeta vale-se frequentemente do soneto. O poeta vale-se de metáforas, hipérboles, personificação, quiasmos etc na tentativa de produzir um texto artificioso e engenhoso. A correspondência entre homem e natureza é frequente: os olhos da mulher são rubis; o cabelo é ouro; o rosto, prata etc. Vale-se também de metáforas náuticas, sobretudo para enfatizar a angústia do eu lírico.



Questão Autoral

³ Antonio Conti era amante de D. Afonso VI. O rei conhecera Conti na adolescência e desenvolveram laços de amizade “perniciosa”. Dizem que ele introduzia rapazes no quarto do rei, conquistando o apelido de “Ministro Secreto dos Prazeres e Libertinagem”. Antonio Conti passou a ter influência política. Quando o poema foi publicado, Gregório estava em Portugal e, por conta da sua sátira, teria perdido suas regalias no reino, sendo obrigado a vir para o Brasil.



Como exalas, Penhasco, o licor puro,
Lacrimante a floresta lisonjeando,
Se choras por ser duro, isso é ser brando,
Se choras por ser brando, isso é ser duro.

Eu, que o rigor lisonjear procuro,
No mal me rio, dura penha, amando;
Tu, penha, sentimentos ostentando,
Que enterneces a selva, te asseguro.

Se a desmentir objetos me desvio,
Prantos, que o peito banham, corroboro
De teu brotado humor, regato frio.

Chora festivo já, ó cristal sonoro,
Que quanto choras, se converte em rio,
E quanto eu rio, se converte em choro.

A partir da leitura desse poema, são feitas as seguintes afirmações:

I. O poeta condena o Penhasco por ser duro, fazendo uma analogia com sua própria situação em que procura ser insensível diante do amor.

II. O recurso apóstrofe (um vocativo que identifica com quem o poeta dialoga) dá grandiosidade ao texto. Isso permite a analogia entre o Penhasco e o eu lírico numa construção espelhar: poeta e penhasco se refletem.

III. A habilidade poética pode ser percebida no fato de que o eu lírico consegue, através do desenvolvimento poético, aproximar o rio, recurso natural, ao verbo conjugado em primeira pessoa.

IV. Nos versos “Se choras por ser duro, isso é ser brando,/Se choras por ser brando, isso é ser duro”, o poeta inverte os termos “duro” e “brando”, expressando a angústia existencial de um eu lírico que permanece em dúvida de como proceder em relação à amada.

Assinale a alternativa correta.

- a) As afirmações I e II são verdadeiras.
- b) As afirmações II e III são verdadeiras.
- c) Todas as afirmações são falsas.
- d) Todas as afirmações são verdadeiras.
- e) Somente a afirmação I é verdadeira.

Comentário.

Afirmação I, falsa. O eu lírico realmente faz uma analogia entre si mesmo e o penhasco, mas ele não o condena.



Afirmção II, verdadeira. O poeta faz um chamamento em direção ao penhasco e começa um diálogo em que se compara à montanha. A dureza do penhasco o leva a chorar na forma de um rio; o eu lírico ri, apesar de seu duro sofrimento, igualando-se ao penhasco.

Afirmção III, verdadeira. Nos dois últimos versos, o poeta usa a palavra rio com dois sentidos, rir conjugado em primeira pessoa e rio como acidente natural, como se observa em “Que quanto choras, se converte em rio,/E quanto eu rio, se converte em choro”.

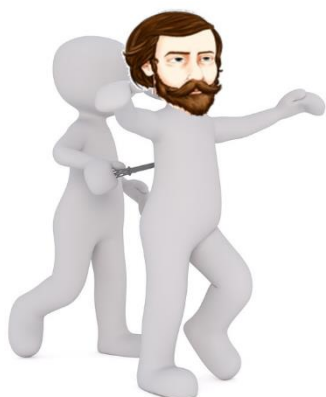
Afirmção IV, falsa. Há realmente inversão de um verso para o outro das expressões assinaladas, mas isso não reflete a angústia existencial, pois o trecho se refere ao penhasco.

Gabarito: B

João Adolfo Hansen

Poesia como jogo retórico; o poeta sabe manusear as tópicas e as combinações de estilo.

2.5. HAROLDO DE CAMPOS (1929-2003)



Haroldo de Campos foi um crítico literário, poeta e ativista cultural que junto com seu irmão Augusto de Campos e seu amigo Décio Pignatari (1927-2012) fundaram o grupo Noigandres e deram início ao movimento concretista em 1956. O Movimento concretista propunha uma outra concepção da linguagem e da poesia. Considerava a palavra como objeto, que pode ser manuseado de outras formas criando efeitos de significação a partir de combinações. Um exemplo disso pode ser observado no poema sobre a Coca-Cola.

O poema é constituído por verbos e substantivos como se fosse um móbile que permite múltiplas combinações por parte do leitor. As novas combinações de partes de palavras ou entre as palavras fazem surgir conexões novas.

Esse movimento vanguardista, devido às suas técnicas radicais de produção poética, fazia uma releitura da tradição literária reconhecendo em Gregório de Matos e Oswald de Andrade seus percussores. Polemizaram com Antonio Candido, pois o crítico teria sequestrado Gregório de Matos da tradição literária brasileira.

A reinterpretação que os irmãos Campos faziam do autor baiano é significativa. Associam a poesia de Gregório a uma certa tendência antropofágica. Os Campos retomavam o termo de Oswald de

beba	coca	cola
babe		cola
beba	caco	
babe	cola	caco
caco		
cola		

cloaca

(Décio Pignatari. COCA-COLA. In: Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos. "Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos," 1950 - 1960. 2.ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1975, p. 85.)



Andrade (1890-1954), poeta modernista que propunha uma nova literatura brasileira cuja essência deveria ser a carnavalização da tradição europeia. O poeta do século XVII teria esse traço vanguardista por vários motivos. Primeiramente, porque ele não manifestava a reverência pela autoria alheia, reescrevia os textos de Gôngora com uma liberdade criativa notável, como é o caso do poema “A Maria dos Povos, sua futura esposa”.

Pode-se perceber essa técnica comparando os dois poemas.

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:
(Gregório de Matos)

Ilustre y hermosísima María,
mientras se dejan ver a cualquier hora
en tus mejillas la rosada aurora,
Febo en tus ojos y, en tu frente, el día,
(Gôngora)

Mas essa dita “antropofagia” não estaria restrita a essa apropriação de textos alheios, poderia ser observada também nos poemas em que Gregório crítica a “nobreza caramuru”. Essa mistura entre duas tradições, mesmo que de forma satírica, mostrava a verve carnavalesca.

Ainda dentro dessa chave interpretativa, os Campos destacavam a irreverência própria da poesia satírica, que parece não respeitar qualquer critério e misturar alto e baixo. Vários poemas satíricos foram escritos na forma de soneto, misturando a seriedade da tradição clássica ao deboche.

Vejamos como isso ocorre no soneto “A certa personagem desvanecida”.

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:

Quem mais limpo se faz, tem mais carepa: *carepa: sujeira

Com sua língua ao nobre o vil decepa:

O Velhaco maior sempre tem capa.

* tem capa: tem proteção

Mostra o patife da nobreza o mapa:

Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa

Quem menos falar pode, mais increpa:

Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por Tulipa;

Bengala hoje na mão, ontem garlopa:

Mais isento se mostra, o que mais chupa.

*garlopa: plana, instrumento de trabalho braçal

Para a tropa do trapo vazo a tripa,

E mais não digo, porque a Musa topa

Em apa, epa, ipa, opa, upa.



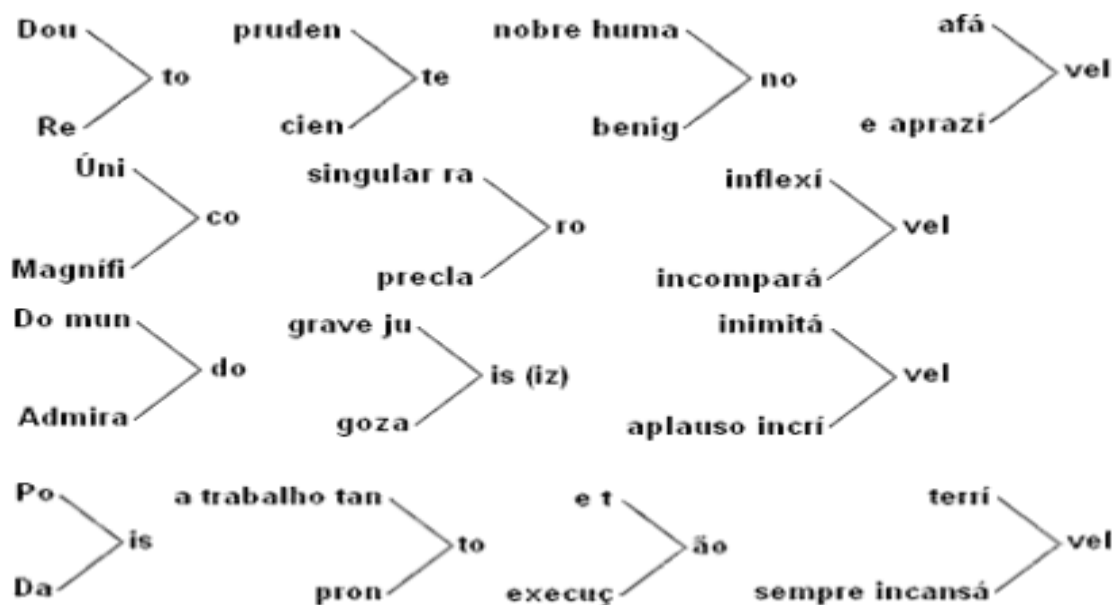
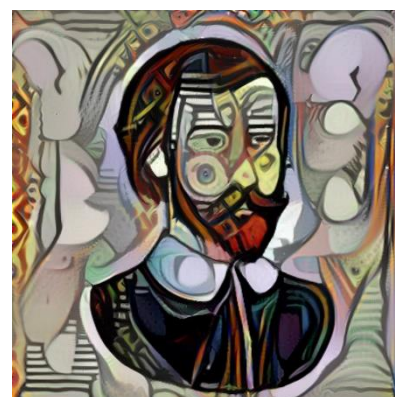
Nesse soneto a ideia a ser defendida está clara: o eu lírico deverá provar que “nesse mundo, o mais rico é o que mais rouba”. Trata-se de um tema próximo do desconcerto do mundo (o munda não anda concertado, não é justo). A seguir ele vai desfiando exemplos de como essa ideia pode ser provada. Aparece nele a crítica de Gregório ao falso nobre: “o vil decepa o nobre com sua língua”(terceiro verso), “A flor baixa se inculca por Tulipa”(nono verso) etc.

Mas é na última estrofe que o poeta surpreende o leitor. O primeiro verso dessa estrofe manifesta a escolha de uma expressão para registrar o desprezo do poeta pela corja de pessoas mencionadas : ele vaza a tripa (defeca). Nos versos subsequentes, ele chama a atenção para a construção o poema.

Ele não pode continuar a falar sobre o assunto escolhido, pois diante de tal decadência moral, a beleza exigida pela Musa não é possível, a Musa se cala, pois topa em “apa, epa, ipa, opa, upa”. Tais fragmentos de palavra, na verdade, chamam a atenção para os fonemas finais de cada verso. Na primeira estrofe e na terceira estrofe, o poeta mescla final em “apa” com finais em “epa”; das duas últimas estrofes, ele mescla “opa” e “upa”.

O leitor, então, é convidado a revistar os versos anteriores e deve notar que as palavras finais criam certa combinação que denunciam o motivo de a Musa se calar: rapa, carepa, decepa, increpa, chupa. Há uma espécie de jogo. Além de escárnio.

Há, ainda um outro procedimento “vanguardista” de Gregório. No poema “Ao mesmo desembargador Belchior da Cunha Brochado”, o poeta baiano subverte a forma tradicional da poesia. .



O poema é extremamente lúdico. Exige que o leitor junte as sílabas formando palavras, mas ele permite a leitura de formas variadas. Trata-se de um poema encomiástico, ou seja, um poema feito para elogiar o desembargador. Pode se ler como se fosse um verso comum: douto, prudente, nobre humano, afável; ou podem-se ler os dois termos ligados pela sílaba de união: douto, reto, prudente, ciente, etc.

Por último, caberia destacar o gesto poético de trazer para dentro da poesia os discursos alheios como forma de produzir efeito irônico. Tal gesto/movimento seria paralelo ao de um Marcel Duchamp (1887-1967), o artista dadaísta que levou um urinol ao museu. Em alguns poemas, Gregório toma o discurso pronto do senso comum e o transforma em poesia que, ao deslocar o discurso da rua para o poema, o texto ganha um estatuto irônico, isso ocorre sobretudo nas poesias erótico-amorosas ou fesceninas.

Para exemplificar, podemos considerar o poema “A umas freiras que mandaram perguntar por ociosidade ao poeta a definição de Priapo e ele lhes mandou definido e explicado nestas”. “Priapo” é o deus da luxúria, mas também o órgão sexual masculino. Gregório escreveu 13 estrofes, com 10 versos sobre o tema. Em cada estrofe, ele faz uma comparação infame entre o órgão sexual e alguma cena ou circunstância engraçada, mas nada muito diferente dos discursos chulos que são feitos a respeito do órgão masculino no cotidiano. A impressão que se tem é a de que o poeta simplesmente registra de forma poética um discurso que não é seu.

Por todos esses procedimentos, os irmãos Campos aproximam Gregório das vanguardas, querendo ver no poeta alguém revolucionário, mas, ao mesmo tempo, um escritor que daria vazão à irreverência própria do brasileiro.



Questão Autoral

Para responder à próxima questão, leia os dois textos abaixo.

Texto I

Um calção de pindoba ¹ a meia zorra²
Camisa de urucu, mantéu de arara,
Em lugar de cotó³, arco, e taquara,
Penacho de guarás em vez de gorra.

Furado o beijo, e sem temer que morra
O pai, que lho envazou cuma titara,
Porém a Mãe a pedra lhe aplicara
Por reprimir-lhe o sangue que não corra,

Alarve sem razão, bruto sem fé,
Sem mais leis, que as do gosto, quando erra,
De Paiaíá tornou-se em Abaeté.

Não sei onde acabou, ou em que guerra,
Só sei que deste Adão de Massapé,
Procedem os fidalgos desta terra

(Gregório de Matos)



¹Pindoba: palmeira, coqueiro

²Meia zorra: caindo

³cotó: estilete

Texto II

“Nunca fomos catequizados. Fizemos foi o Carnaval. O índio vestido de senador do Império. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas óperas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses. Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A idade de ouro.

Catiti Catiti

Imara Notiá

Notiá Imara

Ipeju¹”

¹Lua Nova, ó Lua Nova, assopra em Fulano lembranças de mim”.

(Oswald de Andrade, Manifesto Antropofágico)

Considerando os dois textos assinale a alternativa correta.

- a) Em ambos os poemas, percebe-se o uso de palavras do vocabulário indígena numa atitude irreverente de uma tradição que não era incluída na literatura, apesar de os poetas divergirem em relação ao alvo da crítica.
- b) O uso de palavras indígenas confere aos dois poemas um traço de fantasia, o que permite a Gregório associar a tradição indígena a Adão e a Oswald de Andrade relacionar o índio ao comunismo natural das eras passadas.
- c) Os dois textos lamentam profundamente o fato de que a catequização não se deu por completo, o que se percebe pela referência a palavras que circulam em português, mas que têm origem indígena.
- d) Oswald de Andrade e Gregório de Matos valem-se do expediente de misturar a linguagem culta com palavras sem valorização social para radicalizar a liberdade poética.
- e) Os dois poemas fazem uma contraposição entre a cultura lusitana e a cultura indígena; em Oswald pelo confronto entre José de Alencar e o “índio vestido de senador do Império”, já em Gregório, há oposição entre os fidalgos da terra e o Adão de Massapé.

Comentário.

Alternativa a, verdadeira. Gregório de Matos utiliza palavras indígenas para fazer uma crítica aos fidalgos da terra que tinham ascendência nativa, ou seja, ele está sendo irreverente; Oswald é irreverente de outra forma, ele ataca a aculturação portuguesa e valoriza a cultura indígena. Eles usam os mesmos recursos, mas diferem no objeto da crítica.

Alternativa b, falsa. A intenção não apresenta um traço de fantasia, até porque Gregório está sendo irônico ao falar do Adão de Massapé, trata-se de uma metáfora das pessoas nascidas no Brasil (massapé: tipo de solo do nordeste).



Alternativa c, falsa. Oswald lamenta, na verdade, toda a catequização; Gregório de Matos não discute a catequização.

Alternativa d, falsa. A ideia de Oswald era se opor à cultura estabelecida e afirmar a liberdade poética, já em Gregório não se trata de liberdade poética, mas de uso de tais palavras para ironizar os fidalgos caramurus.

Alternativa e, falsa. Um índio vestido de senador de império representa alguém catequizado, isso não se opõe à perspectiva do índio cristianizado de José de Alencar; no poema de Gregório, o Adão de Massapé é ascendente dos fidalgos que habitam a Bahia.

Gabarito: A

Irmãos Campos

Poesia que manifesta traços vanguardistas: antropofagia, construção poética baseada na forma e paródia.

2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE AS CRÍTICAS

Acompanhamos, até agora, as polêmicas e tretas em relação a esse autor bastante obscuro dentro da Literatura. A intenção não é que você tome partido ou que se perca nas ideias contrárias apresentadas até agora. O mais interessante é que cada crítico apresentou uma perspectiva diferente, ampliando o leque de interpretações e de apreensão da poesia de Gregório.

Esse passeio pela crítica permitiu-me ir apresentado poemas relacionados às ideias dos especialistas para analisá-los. Pude, portanto, mostrar para você como nos aproximamos de um poema e tiramos dele aquilo de que precisamos para responder a uma questão.



Mas e se a Banca colocar alternativas com ideias opostas, uma de cada crítico?

Essa briga é de cachorro grande, corujinha. A banca não faria isso, não colocaria duas perspectivas opostas em uma questão. A banca com certeza não exigirá que você tome partido de um ou outro crítico, mas explorará, sobretudo, o que cada um trouxe de contribuição para que um bom leitor possa perceber todos os jogos de linguagem do texto e as possíveis consequências disso para a compreensão do texto.

Vale a pena recapitular essa viagem crítica. Para Antonio Candido, Gregório faz uma poesia retórica e hiperbólica de fácil assimilação. Wisnik aprofunda a visão tradicional de que o poeta dá vazão à angústia existencial marcada pelas várias antíteses – pecado/perdão, espiritualidade/sensualidade; sinceridade/hipocrisia, etc. João Adolfo Hansen nega que os



procedimentos literários do autor sejam sinceros, espontâneos e destaca as formas de composição, pois tratava-se de uma técnica aprendida e aplicada para produzir os efeitos desejados. Por fim, os irmãos Campos aproximam a produção de Gregório à de Oswald de Andrade e a dos vanguardistas, o que permite perceber e valorizar as paráfrases poéticas, o sarcasmo, a incorporação de termos indígenas e o aproveitamento dos discursos cotidianos da coletividade.

3. FORMAS DE ABORDAGEM DOS POEMAS DE GREGÓRIO DE MATOS

Para a interpretação de poesia, é necessário que você saiba se valer de algumas técnicas de abordagem do texto poético. Primeiramente, você deve lembrar a divisão entre forma, estilo e conteúdo. A forma se refere à estrutura poética, ou seja, metrificação, estrofação e esquema de rima; estilo, ao uso de figuras de linguagem e de recursos expressivos; conteúdo, aos temas predominantes na obra de Gregório de Matos.

3.1 FORMA POÉTICA

No caso de Gregório de Matos, a forma poética tem muito a dizer.

O poeta se vale do soneto com muita frequência (dois quartetos, dois tercetos, versos de 10 sílabas poéticas). Essa é considerada a mais elevada de todas as formas, por isso Gregório usa o soneto ao tratar de temas mais dignos (amor, religiosidade, críticas mais sérias). Isso não significa que não use o soneto de forma sarcástica, e, nesse caso, a contradição entre o conteúdo do poema e sua forma torna a ironia mais acentuada.

Nos poemas satíricos, ele faz uso de outras métricas, chegando inclusive a misturá-las. Ele se vale com frequência do verso de sete sílabas (redondilha maior), o que dá ao poema traços mais populares. Mas é nas misturas que Gregório parece juntar tema e estrutura. Os personagens mais viciosos, desprezíveis aos olhos do eu lírico, merecem estrofes com medidas não consagradas ou mesmo estrofes que misturam 2 métricas diferentes.

Por exemplo, no poema “Ao vigário da vila de São Francisco, que, por ser demasiado ambicioso, era muito malquisto dos fregueses”, o poeta vale-se de estrofes em que se misturam versos de 7 sílabas e outros de 10 sílabas.

Mas talvez, o caso mais explícito entre crítica, desprezo e metrificação seja o poema “Retrato do governador Antônio Luís Câmara Coutinho”, no qual o poeta faz uma descrição grotesca de seu desafeto, construindo 29 estrofes de 5 versos, nas quais ele se vale de 4 versos de 4 sílabas poéticas e um verso de 3 sílabas.

3.1.1 ELEMENTOS BÁSICOS DE POESIA

Escansão

O que significa esse palavrão? Contar as sílabas poéticas. Agora piorou, não é? Você vai achar que o palavrão e o que ele denomina são coisas de outro mundo. Nada disso. É



chato, com certeza, mas é algo bastante simples. Você considera um verso como se fosse uma coisa só e começa a separar as sílabas. Há uma pequena diferença que você verá logo adiante.

Como contar sílabas poéticas? Observe o quadro abaixo.

Separação normal		Separação poética	
<i>Ho-je- é- do-min-go</i>	6	<i>Ho-jê-ê- do-min-gê</i>	4
<i>Pe-de- ca-chim-bo</i>	5	<i>Pe-de-ca-chim-bê</i>	4
<i>Ca-chim-bo- é- de- bar-ro</i>	7	<i>Ca-chim-bô-ê- de- barrê</i>	5
<i>Ba-te- no- jar-ro</i>	5	<i>Ba-te -no -já-rê</i>	4
<i>O- jar-ro- é- de- ou-ro</i>	7	<i>O- já-rro-ê- de-ou-rê</i>	4
<i>Ba-te- no -tou-ro</i>	5	<i>Ba-te- no- tou-rê</i>	4
<i>O -tou-ro- é- va-len-te</i>	7	<i>O- tou-rô-ê- va-len-tê</i>	5
<i>Ba-te- na -gen-te</i>	5	<i>Ba-te- na -gen-tê</i>	4
<i>A- gen-te- é- fra-co</i>	6	<i>A -gen-tê-ê- fra-cê</i>	4
<i>Cai- no -bu-ra-co</i>	5	<i>Cai -no- bu-ra-cê</i>	4
<i>O- bu-ra-co -é- fun-do</i>	7	<i>O- bu-ra-cô-ê- fun-dê</i>	5
<i>A-ca-bou-se- o- mun-do.</i>	7	<i>A-ca-bou-se-ô- mun-dê.</i>	4

Elisão

No primeiro caso, a divisão é gráfica. Considera-se toda a frase e passa-se a dividir cada palavra segundo as regras conhecidas. No segundo caso, a divisão é fonética. Interessa o som das palavras, por isso, quando se termina uma palavra com vogal e há outra que se inicia com vogal também, contamos uma sílaba apenas, isso se chama “elisão” e está indicada no trecho com o seguinte símbolo gráfico:

Última sílaba tônica

Além disso, você deve ter percebido que as sílabas finais estão riscadas, ou seja, não são contadas. Isso ocorre, pois o poeta deve contar até a última sílaba forte (ou tônica) de cada verso. No caso, como todas as últimas palavras são paroxítonas (a sílaba forte é a antepenúltima), todas tiveram sua última sílaba cortada. Mas poderia ser diferente, observe:

Ba-te-no-pé (4 sílabas poéticas)

Nesse caso, não se corta nada, pois “pé” é sílaba tônica.

Agora, observe outro caso:

Ba-te-no-pa-ra-le-le-pí-pe-de (8 sílabas poéticas)

Nesse caso, cortam-se duas sílabas, pois a última tônica é “pí”.



Rima: sons semelhantes repetidos em uma estrofe, considerando-se o final dos versos.



Hoje é domingo	ingo	A
Pede cachimbo	imbo	A
Cachimbo é de barro	arro	B
Bate no jarro	arro	B
O jarro é de ouro	ouro	C
Bate no touro	ouro	C
O touro é valente	ente	D
Bate na gente	ente	D

Observe que o poeta finaliza com sons semelhantes de par em par. Como ele muda de sons a cada par, por convenção atribuiríamos letras diferentes para cada som diferente. Começamos pela primeira letra do alfabeto, "A". O esquema de rima desse poema de uma única estrofe é AA, BB, CC, DD etc.

Contudo, é frequente um jogo sonoro mais complicado como se observa abaixo.

Minha terra tem palmeiras,	eiras	A
Onde canta o Sabiá;	iá	B
As aves, que aqui gorjeiam,	eiam	C
Não gorjeiam como lá.	lá	A

Nesse caso, cada estrofe do poema de Gonçalves Dias tem o seguinte esquema de rima: A,B,C,A. Como ele mantém esse esquema de rima nas outras estrofes, não é preciso ir além da letra C.

Elementos constitutivos do poema

Estrofe: Conjunto de versos. Normalmente, o poeta opta por estrofes regulares. Se começar com quatro versos em cada estrofe, manterá essa lógica, fazendo uma quadrilha (poema composto por estrofes de quatro versos).

Verso: unidade básica que coincide com a "linha" do poema, escrito segundo os padrões de métrica e rima (que podem ou não ser observados), fato que produz efeitos melódicos ou sonoros.

Rima: repetição fonética de sons semelhantes em um intervalo regular entre os versos, normalmente no final dos versos.

Eu lírico ou eu poemático: a voz que se expressa no poema não deve ser confundida com o próprio poeta, pois o poema é fruto da criatividade e uma expressão livre, ou seja, o poeta pode usar o eu lírico para falar de experiências que jamais vivenciou ou vivenciaria.

Composição poética

Normalmente, a composição é definida pela organização regular do poema partir da quantidade de versos por estrofe. Fala-se em **quadrilha** (poema constituído por estrofes de quatro versos); **quintilha** (poema constituído por estrofes de cinco versos); **sextilha**; **septilha**; etc.

Há um tipo de composição especial, **Soneto**: composição poética clássica formada por 14 versos (divididos em 4 estrofes, sendo 2 estrofes de 4 versos e duas estrofes de 3 versos). A última



estrofe deve ser encerrada com “chave de ouro” (frase ou expressão que concentre a ideia principal do poema) e que seja capaz de surpreender o leitor.

Como exemplo, observe o poema abaixo, de Gregório de Matos. Trata-se de um poema satírico cujo título explica seu desenvolvimento metalinguístico (linguagem que explica a linguagem): “Ao Conde de Ericeira, D. Luiz de Menezes, pedindo louvores ao poeta, não lhe achando préstimo algum”. Observe a esperteza do poeta. Ele era inimigo de D. Luiz e para expressar sua opinião de que o conde não tinha nenhum valor, ela faz um soneto que não diz nada, só comenta a escrita do próprio soneto.

Primeira Estrofe

4 versos

Segunda Estrofe

4 versos

Terceira Estrofe

3 versos

Quarta Estrofe

3 versos

Um soneto começo em vosso gabo[1];
Contemos esta regra por primeira,
Já lá vão duas, e esta é a terceira,
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo:
A sexta vá também desta maneira,
na sétima entro já com grã canseira,
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?
Direi, que vós, Senhor, a mim me honrais,
Gabando-vos a vós, e eu fico um Rei.

Nesta vida um soneto já ditei,
Se desta agora escapo, nunca mais;
Louvado seja Deus, que o acabei.

Importância da forma

No caso dos vestibulares, a forma não tem sido cobrada. O que pode acontecer é de você encontrar uma alternativa na qual haja uma menção à forma, ou outra que explore a tensão entre uso do soneto e um conteúdo sarcástico. O exercício comentado, exemplifica essa possibilidade.





Questão autoral

Rubi, concha de perlas peregrina,
Animado cristal, viva escarlata,
Duas safiras sobre lisa prata,
Ouro encrespado sobre prata fina.

Este o rostinho é de Caterina;
E porque docemente obriga e mata,
Não livra o ser divina em ser ingrata
E raio a raio os corações fulmina.

Viu Fábio uma tarde transportado
Bebendo admirações, e galhardias
A quem já tanto amor levantou aras:

Disse igualmente amante e magoado:
Ah muchacha gentil, que tal serias
Se sendo tão formosa não cagaras!

Considerando o poema, assinale a alternativa correta.

- a) Esse poema satírico vale-se de palavras de baixo calão para expressar uma visão popular do amor, fato que é reforçado pelo uso da redondilha menor.
- b) Percebe-se uma quebra com os parâmetros poéticos na medida em que o eu lírico narra a história de Fábio, quando deveria expressar o sentimento do poeta.
- c) O poema manifesta a face grotesca do Barroco; a composição de mal gosto pode ser percebida pela divisão irreconciliável entre a beleza expressa nas duas estrofes iniciais e a corporeidade destacada nos dois últimos versos.
- d) A comparação entre a beleza feminina e a natureza juntamente com a escolha de soneto como forma de expressão reforça o tom solene do poema; a quebra disso na última estrofe enfatiza o caráter satírico e inesperado.
- e) No poema, três temas se misturam igualmente, a exaltação da beleza feminina, a condenação da vaidade e a corporeidade, fato que configura o poema como moralista.

Comentário.

Alternativa a, falsa. Não se trata de um poema que visa a expressar uma visão popular, ele é satírico; o poema é um decassílabo.

Alternativa b, falsa. Uma poesia pode expressar uma pequena narrativa como ocorre no poema, quando o eu lírico conta que Fábio encantou-se por Caterina; não é isso que leva à quebra de parâmetros poéticos.

Alternativa c, falsa. A oposição não é irreconciliável. Fábio, depois de ser desprezado pela mulher linda que lhe chamou atenção, retruca apelando para o dado corporal dela, para sua animalidade. De fato, trata-se de uma reação natural de despeito.



Alternativa d, verdadeira. O fato de o poema ser um soneto e o primeiro verso se iniciar de uma forma solene faz o leitor imaginar que ter diante de si um poema sério. No final, o poeta termina com um desfecho satírico. Algo inesperado.

Alternativa e, falsa. Apesar de haver uma certa condenação da vaidade, o tema central gira em torno da sátira, ele é satírico, não moralista.

Gabarito: D

3.2 TEMAS

Wisnik divide os temas de Gregório de Matos em 3, mas acredito que uma divisão mais ampla possa ajudá-lo a reconhecer o tema, chave para o início da interpretação. Seguem-se, portanto, cinco temas

Poesia de circunstância: volta-se para o meio social e os acontecimentos da época e do lugar. Predominam nesse tópico as poesias satíricas e as encomiásticas (elogiosas)

Poesia fescenina: poesia de caráter obsceno, licencioso; difamador e devasso

Poesia amorosa: poesia solene na qual o poeta exalta o amor ou a mulher amada

Poesia existencial: poesia em que o eu lírico retoma a inconstância do mundo, expõe os desenganos da vida ou expressa a angustia diante da morte

Poesia religiosa: poesia que tematiza culpa e perdão e a devoção à Igreja ou à Virgem



3.2.1 POESIA DE CIRCUNSTÂNCIA



Esse conjunto de poesia é caracterizado sobretudo pela sátira e ironia. Esse é o gênero pelo qual Gregório se tornou mais conhecido. Criticava os padres, as freiras, algumas autoridades da cidade da Bahia, os mulatos e indígenas. Suas críticas eram moralistas. Condenava o comportamento hipócrita e o orgulho inapropriado de uma classe vinda dos estamentos mais baixos, mas que se comportava como a fina flor da nobreza. Já estudamos bastante esse tipo de, mas seria importante sistematizar. Há alguns padrões nesse tipo de poesia.

Crítica à cidade da Bahia

Talvez sejam os mais belos poemas satíricos. Os indivíduos não são nomeados e os vícios enumerados de forma geral. Dada essa abstração, o poeta se esmera nas figuras de linguagem, nos recursos poéticos ou na própria construção textual.

Lembra-se do primeiro poema, cuja estrutura em forma de jogral surpreende e encanta o leitor (“O que falta nesse cidade?.....Verdade”)? Esse é um típico poema, no qual Gregório tematiza a cidade como um todo. No poema “À cidade da Bahia”, o espelhamento entre poeta e a cidade permite uma série de comparações entre passado e presente, com o uso inclusive de antíteses (“Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,/ Rica te vi eu já, tu a mi abundante”).

Há um poema, em que o eu lírico se dirige à Bahia (Senhora Dona Bahia,/ nobre e opulenta cidade, madrasta dos naturais/ e dos estrangeiros madre”). Nele, o poeta vai desfiando uma série de tipos estrangeiros que fizeram sua riqueza no Brasil oprimindo os nativos. Em outro bastante engenhoso, o poeta torna-se procurador da Bahia, e, no poema, o eu lírico é a própria província que vai confessando os seus pecados.

Observe que nesses poemas, Gregório consegue perceber que algo não vai bem no pacto colonial, embora não consiga definir com precisão o motivo de tamanha decadência, por exemplo. Isso leva o poeta a apontar sua língua ferina não para a estrutura econômica política, (algo que na sua época seria ideologicamente impossível), mas para os vícios individuais e para a usurpação da estrutura social de estamento.

Crítica aos vícios

Em alguns poemas, o eu lírico se coloca na posição de uma espécie de vingador e arauto da virtude. Há dois traços interessantes nesse tipo de poesia: a construção de tipos sociais e o uso de uma crítica comportamental baseada ou na arrogância de uma nobreza falsa ou no comportamento sexual baseado na desmedida. Os poemas em que ele pinta o nobre caramuru, são bem claros nesse sentido. O poema final da seção destinada às poesias de circunstância resume um pouco essa perspectiva do poeta.

“Eu sou aquele, que os passados anos
cantei na minha lira maldizente
torpezas do Brasil, vícios, e enganos.



E bem que os decantei bastante,
canto segunda vez na mesma lira
o mesmo assunto em plectro diferente.”

Nesse caso, vale a pena observar a forma como o poeta vai construindo a imagem do personagem criticado. Ele escolhe algumas ações que por si só mostrariam o vício do tipo apresentando. Gregório pode ser considerado uma espécie de cronista atento da sua época.

“O Clérigo julgador,
que as causas julga sem pejo,
não reparando, que eu vejo,
que erra a Lei, e erra o Doutor:
quando veem de Monsenhor
a Sentença Revogada
por saber, que foi comprada
pelo jimbo, ou pelo abraço,
responde o Juiz madraço,
minha honra é minha Lei”



Crítica aos inimigos nomeados

Há uma série de poemas, nos quais Gregório nomeia os seus desafetos. Nesse caso, o poeta se vale de dois procedimentos principais: narrar algo que o personagem fez, como em uma espécie de crônica ou apelar para o grotesco, desfigurando o corpo, através de hipérboles sucessivas.

"Nariz de embono
como tal sacada,
que entra na escada
duas hora primeiro
que seu dono."



Figura 7: Pixabay

Poesia de elogio aos Amigos

São basicamente 7 poemas, 6 sonetos e um poema móbile. Neles, o poeta faz o inverso. Distribui atributos hiperbólicos que se sucedem para dar uma ideia superlativa da pessoa obsequiada.

Poesia Tipicamente de Circunstância

Há alguns poemas em que Gregório descreve determinados fatos ocorridos, como dois poemas dedicados à fome que abalou a cidade em 1691, dois, ao cometa que passou pela

cidade em 1680, ou a descrição que ele faz de sua partida para Angola. Em todos eles, ele aproveita o fato específico mencionado para fazer algum tipo de crítica a sociedade baiana.

3.2.2 POESIA FESCENINA

A mais curiosa de toda a sua produção. Nesse caso, Gregório parece recolher os ditos obscenos e trazer para dentro do texto poético. Esse é o caso do poema já comentado, no qual o eu lírico resolve explicar o que é o membro masculino para uma freira. O recurso que o poeta utiliza é o da comparação hiperbólica e sucessiva.

Há uma outra forma utilizada menos debochada. O poeta começa o texto de forma solene, muitas vezes utilizando o soneto, e apresenta um desfecho imprevisto, com palavras de baixo calão ou mesmo expressões que lembram aspectos fisiológicos do corpo. Um exemplo claro desse procedimento é o poema no qual o eu lírico descreve elogiosamente o amor para depois destacar que ele é simplesmente um “embraço de pernas”.

O corpo ou aspectos do corpo se opõem à idealização ou às convenções. O defecar, os fluídos corporais etc são convocados para se contrapor à solenidade falsa, que deve ser desmascarada.

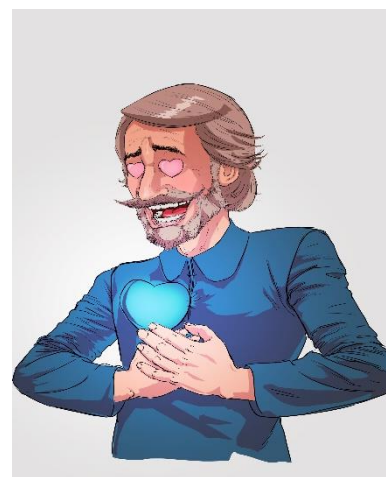
Difícilmente, a banca pedirá que o candidato analise um poema desses, embora possa mencionar essa característica numa daquelas questões gerais sobre a obra. Se for escolhido um poema desse tipo, talvez seja um daqueles que Gregório provoca tensão entre a forma soneto e o conteúdo fescenino.

Se considerarmos a explicação de João Adolfo Hansen, não havia nada de revolucionário nesse tipo de poesia. Circulava em Portugal poemas desse tipo. Moralmente, não haveria qualquer interdição ao poeta em falar palavrão ou mesmo destacar aspectos fisiológicos, contanto que ele se valesse do gênero apropriado e das circunstâncias adequadas. Fazer um poema sobre o príapo para um freira lasciva não seria problema, por exemplo.

3.2.3 POESIA AMOROSA

Na parte dedicada aos poemas líricos amoroso, encontramos predominantemente sonetos, apenas um não é soneto. Alguns tematizam a própria questão existencial.

Gregório demonstra grande influência camoniana. Bom lembrar que o poeta mestre abordava o amor a partir de três perspectivas: a discussão filosófica do Amor; visão pessimista do amor e valorização do sentimento amoroso. Em Gregório de Matos não se observa a vertente filosófica. Basicamente dois tipos de poesia amorosa aparecem nos poemas: o que ele relata os seus sofrimentos e aqueles nos quais o poeta exalta de alguma maneira a beleza da mulher.



Sofrimento amoroso

Sonetos a D. Ângela de Sousa Paredes

Não vira em minha formosura,
Ouvia falar dela todo dia,
E ouvida me incitava, e me movia
A querer ver tão bela arquitetura:

Ontem a vi por minha desventura*
Na cara, no bom ar, na galhardia**
De uma mulher, que em Anjo se mentia;
De um Sol, que se trajava em criatura:

Matem-me, disse eu, vendo abraçar-me,
Se esta a cousa não é, que encarecer-me
Sabia o mundo, e tanto exagerar-me:

Olhos meus, disse então por defender-me,
Se a beleza heis de ver para matar-me,
Antes olhos cegueis, do que eu perde-me.

*Desventura: desgraça, adversidade

** Galhardia: nobreza, grandeza

Observe o tema do Amor que cega e mata bem ao gosto camoniano. Basta comparar com esses versos de Camões, “ Os olhos com que todo me roubastes/ foram causa do mal que vou passando;/e vós estais fingindo o não causastes”.

Gregório acrescenta alguns traços de sensualidade que tornam a tensão entre amor espiritual e físico mais acentuada, aliás traço típico do Barroco. A mulher tem anjo no nome (Angélica), mas o tempo todo o poeta destaca sua aparência física, tanto que chega a afirmar textualmente que ela “em Anjo se mentia”.

A possibilidade de o eu lírico sofrer por essa atração física despertada por Angélica leva-o a concluir: “Antes olhos cegueis, do que eu perde-me”.

O amor não correspondido, ou perdido por alguma circunstância é um tema recorrente nos seus poemas, quando não, observa-se o exagero em relação as dores resultantes do amor, como o poema em que Gregório fala do ciúme. O título já dá uma boa ideia do sofrimento aludido: “Descreve com galharda propriedade o labirinto confuso de suas desconfianças”. O último terceto, termina assim: És ciúme martírio da vontade; / Verdadeiro tormento para engano,/ E cega presunção para a vontade”.



Beleza da mulher amada

O poeta em alguns momentos refere-se à beleza da mulher a partir dos elementos mais preciosos da natureza.

Vês esse sol de luzes coroadado?
Em pérolas a aurora convertida?
Vês a lua de estrelas guarnecida?
Vês o céu de planetas adorado?

O céu deixemos; vês naquele prado
A rosa com razão desvanecida?
A açucena por alva presumida?
O cravo por galã lisonjeado?

Deixa o prado; vem cá, minha adorada:
Vês desse mar a esfera cristalina
Em sucessivo aljôfar desatada?

Parece aos olhos ser de prata fina?
Vês tudo isto bem? Pois tudo é nada
À vista do teu rosto, Catarina.

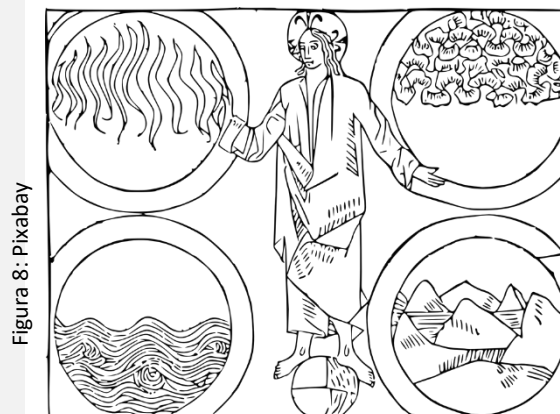


Figura 8: Pixabay

Nesse poema, encontramos novamente algumas técnicas de Gregório. Ele toma um mote, o do céu, e convida a mulher a considerar cada um dos seus elementos, o sol adornado pela aurora ou a lua guarnecida pelas estrelas; faz a mesma coisa na estrofe seguinte, mas, agora, considerando o prado; na seguinte, passa para o mar. Ao final, o eu lírico considerou os 4 elementos – água, ar, terra e fogo -, destacando a beleza da natureza.

A conclusão é surpreendente e hiperbólica, pois o rosto de Catarina é superior a toda a natureza. No fundo, o engenho do poeta é capaz de produzir um efeito de beleza bem superior ao da natureza, fazendo da linguagem um artifício ornado bem ao gosto barroco.

3.2.4 POESIA EXISTENCIAL

Damos o nome de “poesia existencial” àquela na qual o poeta discute o comportamento relacionado ao viver bem, a angústia e a constatação do que a vida representa. Há poucos poemas desse tipo espalhados na coletânea, em um deles, o poeta fala sobre a morte e suas figuras ou do medo (como o último da coletânea, no qual o poeta fala de um dia de trovoadas).

Nota-se novamente a influência de Camões. Nesse fragmento do poema “A instabilidade das Coisas no Mundo” o poeta diz

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Camões já havia desenvolvido tal tema de uma forma muito semelhante, destacando as antíteses e paradoxos que expressam a mudança angustiante que leva o que temos de mais caro: o dia, a formosura, a alegria etc.

Mas há um outro tema, o dos desenganos da vida, que também pode ser encarado como existencial, embora alguns desses poemas estejam na parte dedicada à poesia religiosa.

É a vaidade, Fábio, nesta vida,
Rosa, que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição dourada,
Airosa rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida,
Por mares de soberba desatada,
Florida galeota empavesada,
Sulca ufana, navega destemida.

É nau enfim, que em breve ligeireza
Com presunção de Fênix generosa,
Galhardias apresta, alentos preza:

Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa
De que importa, se aguarda sem defesa
Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?



Figura 9: Pixabay

Esse poema manifesta bem a estética barroca do ornamento. O poeta tem uma tese: a vaidade é efêmera. Isso pode ser resumido em uma linha. Contudo, o poeta apresenta essa ideia a partir de sucessivas metáforas.

A vaidade é comparada com rosa que pela manhã, rompe orgulhosa. Por associação da parte pelo todo (metonímia), o poeta pula de rosa para "planta", que favorecida pela primavera (abril é o mês da primavera em Portugal), navega por mares da soberba. Agora, o poeta tem dois elementos a sua disposição, a planta e o mar. Do primeiro termo ele passa para "galeota" que é uma pequena embarcação feita de madeira, que singra os mares. Aplicando uma hipérbole, o poeta passa da galeota para uma Nau, que semelhante a uma Fênix (pássaro que renasce das cinzas), ela acredita que não pode ser destruída.

Na última estrofe, o eu lírico recolhe os termos "planta, rosa, nau vistosa" e pergunta em forma de gradação decrescente: "De que importa, se aguarda sem defesa/Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?" O poeta tinha começado com planta e terminado em nau, nesse último verso, ele inverte. Além disso associa a cada elemento aquilo que pode destruí-lo: a tarde faz a rosa murchar; o machado (ferro) corta a planta; e a pedra (penha) afunda a embarcação.

A pergunta é retórica. Deve fazer Fábio ou o leitor entender que a vaidade ou os motivos para ter vaidade acabam rápido e não valem a pena.



3.2.5 POESIA RELIGIOSA



Considera-se esse gênero como o típico do Barroco. Se algum Vestibular quiser que você identifique o Movimento Literário, provavelmente, a banca vai escolher um poema dessa temática.

O eu lírico, expressando profunda reverência pela Igreja ou por Jesus, destaca sua submissão, procurando alcançar o perdão divino de forma, às vezes, desesperada. Trata-se de poemas bem elaborados com forte apelo sensorial e retórico. São poesias de alto grau de elaboração.

Pecado *versus* Perdão

O poeta na última hora da sua vida

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro*,
Em cuja lei protesto de viver,
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso**, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura*** de um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e meu delito,
Porém, pode ter fim todo o pecar,
E não o vosso amor que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar

*pendente em um madeiro: equivalente a pendurado na cruz.

**Animoso: corajoso, forte.

***brandura: ternura, carinho.



Note a construção belíssima desse poema, no qual o eu lírico demonstra seu desejo de ser perdoado. Na primeira estrofe, invoca-se a imagem de um crucifixo no qual Jesus está pendente. Os dois versos paralelos “Em cuja lei protesto de viver,/ Em cuja santa lei hei de morrer” trazem em seu interior a antítese entre vida e morte.



Na segunda estrofe, o eu lírico torna a situação mais dramática, pois se trata de um lance derradeiro, ele aproxima-se da morte (“pois vejo a minha vida anoitecer”). A situação é descrita como a última oportunidade para que o eu lírico consiga o perdão divino.

O desespero do poeta contrasta com a figura de Cristo, ele é retratado como brando, “manso cordeiro”, dotado de um grande amor que jamais cessa, pois é infinito. Sente-se, na poesia, o acolhimento desejado pelo eu lírico.

Os poemas mais belos de Gregório tem essa temática, na qual se tensionam a culpa, o desespero e o acolhimento.

A Igreja

Em alguns poemas, o eu lírico desenvolve outros temas tais como a submissão à Igreja, adesão aos rituais e admiração aos santos. Vale a pena lembrar, que Gregório vivia no período da Contrarreforma e, portanto, era de se esperar que ele demonstrasse, através de sua poesia, seu vínculo com a Igreja. Em momento algum, há crítica contundente em relação à instituição do Catolicismo. Suas críticas a padres e freiras são moralizantes e particulares, ou seja, o poeta aponta os desvios que devem ser corrigidos tendo como paradigma a orientação da Santa Madre Igreja. Na interpretação desses poemas, algum conhecimento dos rituais do Catolicismo é necessário.

Há várias poesias que mereceriam comentários e interpretação, mas vamos considerar as duas mais difíceis, para se ter uma ideia da composição poética no que diz respeito a esse tipo de poema.

O poema “No dia de Quarta-Feira de Cinzas” exige que o leitor entenda um pouco essa referência. A quarta-feira de cinzas é dia que sucede à terça-feira do carnaval e finaliza a festa pagã. A partir desse momento, são contados os 40 dias (referentes ao tempo de tentação de Cristo) que determinarão a Páscoa. A lógica dessa composição ritual é bem interessante. O carnaval representa a exaltação do prazer carnal. Terminado esse período de licença para pecar, o fiel deveria se arrepender e entrar em penitência para que ele enfim reconhecesse a alegria espiritual como superior, a alegria pela ressurreição de Cristo. Na bíblia, um dos rituais possíveis para exibir a humilhação diante do sagrado consistia em colocar cinzas sobre a cabeça.

Com essa informação, a interpretação, agora, fica muito fácil. Observe como o poeta elege a cinza ou o pó como metáfora para extrair desses vocábulos vários sentidos.

Que és terra Homem, e em terra hás de tornar-te,
Te lembra hoje Deus por sua Igreja,
De pó te faz espelho, em que se veja
A vil matéria, de que quis formar-te.

Texto bíblico

A igreja lembra o
fiel de que ele vai
morrer



Figura 10: Pixabay



Lembra-te Deus, que és pó para humilhar-te,
E como o teu baixel sempre fraqueja
Nos mares da vaidade, onde peleja,
Te põe à vista a terra, onde salvar-te.

Baixel é uma embarcação, nesse ponto o poeta se vale de uma metáfora náutica, o homem é uma embarcação que pode afundar no pecado da vaidade, a Igreja lhe põe a terra à vista, tanto no sentido náutico, como no sentido de pôr em evidência o pó como significando a morte.

Alerta, alerta pois, que o vento berra,
E se assopra a vaidade, e incha o pano,
Na proa a terra tens, amaina, e ferra.

A igreja alerta o fiel, colocando à frente dos seus olhos, a lembrança da morte, mas isso pode salvá-lo.

Todo o lenho mortal, baixel humano
Se busca a salvação, tome hoje terra,
Que a terra de hoje é porto soberano.

No final do poema, terra passa a ter 3 sentidos: o pó que se põe sobre a cabeça, o pó da morte e o pó como terra firme para um baixel.

Há ainda outro poema que a crítica costuma a dar como exemplo do estilo cultista do poeta: “Achando-se um braço perdido do Menino Deus de N. S. das Maravilhas, que desacataram infiéis na Sé da Bahia”. Surpreendente como Gregório faz a poesia sacra sobre uma circunstância aparentemente banal. O poeta usa o pretexto do braço perdido de uma imagem para discutir o todo e as partes do ponto de vista teológico, ou seja, ele discute o corpo místico de Cristo, fato que dá ensejo para muito questionamento a respeito do significado da hóstia.

Segundo o dogma católico, no ato da consagração da pão e do vinho, muda-se a substância desses elementos metafórico. O vinho se torna o sangue de Cristo, assim como o pão, a carne. Há, portanto, a presença real de Cristo na Eucaristia e em cada uma das partes. Se Jesus está presente em cada parte, todo e parte são uma coisa só. O todo está em cada parte e a parte tem o todo. Gregório transfere essa discussão para o braço perdido do menino Jesus. O braço poderia ser um fragmento banal da imagem ou deveria ser tão sagrado como o todo?

O todo sem a parte não é todo,

A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,
Pois que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.

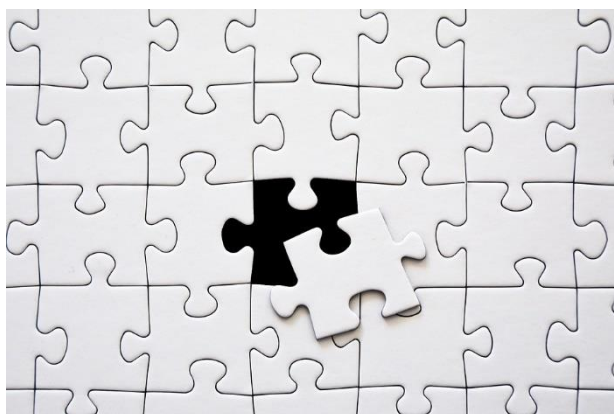


Figura 11: Pixabay



Não se sabendo parte deste todo,
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,
Nos disse as partes todas deste todo.

Fica-se em dúvida em relação ao poema, se Gregório queria tematizar em profundidade uma questão tão delicada quanto a da unidade divina ou se ele viu nesse tema uma oportunidade para mostrar sua capacidade engenhosa de aproximar opostos. O leitor fica com a sensação de que perdeu algo durante o raciocínio tão bem montado. A repetição do mesmo expediente (antítese e troca de lugar dos termos) provoca uma certa admiração, tensionada pelo argumento bem montado e a experiência que mostra ser a parte insuficiente diante do todo.

Ao final da leitura, percebe-se que houve um jogo excessivo de imagens para defender uma tese curta, mas obscura. O jogo textual cobre por volteios aquilo que não se compreende. O jogo de palavra (cultismo) é nítido.



Questão Autoral

Ao divino sacramento
Tremendo chego, meu Deus,
Ante vossa divindade,
que a fé é muito animosa,
mas a culpa mui cobarde.

(...)

Como comerei de um pão,
que me dais, porque me salve?
um pão, que a todos dá a vida,
e a mim temo, que me mate.

(...)

Quanto a que o sangue vos beba,
isso não, perdoai-me:
como quem tanto vos ama,
há de beber-vos o sangue?

Beber o sangue do amigo
é sinal de inimizade;
pois como quereis, que o beba,
para confirmarmos pazes?

Eu confuso neste caso
entre tais perplexidades



de salvar-me, ou de perder-me,
só sei, que importa salvar-me.

Oh! Se me déreis tal graça,
Que tendo culpas a mares,
Me virá salvar na tábua
De auxílios tão eficazes!

E pois já à mesa cheguei,
Onde é força alimentar-me
Deste manjar, de que os anjos
Fazem seus próprios manjares.

Os anjos, meu Deus, vos louve,
Que vossos arcanjos sabem,
E os santos todos da glória
Que o que vos devem vos paguem.

(Gregório de Matos)

A assinale a alternativa que melhor interpreta o poema.

- a) O eu lírico critica a eucaristia, pois acha incompreensível que se deva comer o corpo de Cristo e tomar o sangue do cordeiro.
- b) O eu lírico destaca sua confusão diante do santo sacramento, mas resolve tomar parte da comunhão para não se indispor com Santo Ofício.
- c) A culpa que o eu lírico sente se explica pela dúvida que não para de atormentá-lo em relação a um dos dogmas mais importantes da Igreja.
- d) O poema dramatiza a oposição entre a insondável Providência e a pequenez do entendimento, pelo fato de ele se conciliar, no final, com a mesa divina.
- e) Por meio de um raciocínio tortuoso, o poeta tenta convencer-se de que mesmo que ele não acredite na eucaristia, ele terá acolhida pelos anjos, como se observa na última estrofe.

Comentário.

Alternativa a, falsa. Ele não critica a eucaristia, ele diz não entender o sacramento, mas ao final do poema o aceita.

Alternativa b, falsa. O poeta nem menciona o Santo Ofício; na verdade, ele deixa claro que aceita o sacramento porque acredita que por meio dele terá salvação.

Alternativa c, falsa. A dúvida até poderia ter gerado uma das culpas no eu lírico, mas há outras, como ele afirma nos seguintes versos “Oh! Se me déreis tal graça, /Que tendo culpas a mares”.

Alternativa d, verdadeira. Ele não entende o sentido da eucaristia, mas não credita isso a algum erro de interpretação da Igreja, antes deixa claro que aceita o dogma, pois afirma que, mesmo confuso, o que importa é salvar-se.



Alternativa e, falso. Ele se vale da referência aos anjos para convencer-se de que se eles se valem desse “manjar”, ele também deve tomá-lo, mesmo que não o entenda.

Gabarito: D

3.3 ESTILO

Em estilo, espera-se que o aluno consiga identificar o uso de figuras de linguagem e seus efeitos no texto. Como boa parte da produção de Gregório é satírica, seria bom começar por esse tipo de riso que inclui a ironia e o sarcasmo.

Ironia

A ironia é um figura de linguagem que tem como função desmascarar a hipocrisia ou uma situação social de ambiguidade. O enunciador afirma algo, quando a sua intenção é dizer o contrário. No texto, de alguma forma essa diferença entre o que é dito e a intencionalidade deve ficar evidente. Nesse processo, o autor da ironia deixa transparecer dois códigos de valor comportamental, aquele que se observa no cotidiano e aquele que deveria ser o verdadeiro, mas é usurpado.

Há vários poemas que poderiam ser analisados dentre desse pressuposto da ironia, mas vamos considerar um no qual o poeta novamente critica os nobres dessa terra.

Faça medidas de A com pé direito,
Os beija-mãos de gafador de péla,
Saiba a todo o cavalo a parentela,
O criador, o dono, e o defeito.

Se o não souber, e vir rocim de jeito,
Chame o lacaio, e posto na janela,
Mande, que lho passeie a mor cautela,
Que inda que o não entenda, se há respeito.

Saia na armada, e sofra paparotes,
Damas ouça tanger, não as forniqe,
Lembre-lhe sempre a quinta, o potro, o galgo:

Que com isto, e o favor de quatro asnotes
De bom ouvir, e crer se porá a pique
De um dia amanhecer um grão fidalgo.



Figura 12

Durante 3 estrofes, o eu lírico dá lições de como um nobre deve se comportar. Deve fazer medidas com o pé direito, deixar-se beijar a mão, falar de cavalos, sofrer piparotes de outros nobres, encantar as damas, falar constantemente da quinta etc. Aparentemente, trata-se de um conselho sincero, a não ser pela referência de que se deve chamar o lacaio quando não souber nada sobre cavalos.



Na última estrofe, o eu lírico deixa transparecer sua intencionalidade. Afirma o poeta que seguindo essas regras e com a ajuda de quatro “asnotes” o indivíduo correrá o risco de ser grão fidalgo. Na prática colonial, os nobres da terra afetavam por gestos sua posição estamental. Não eram de fato nobres, não possuíam ascendência nem a fineza próprias da classe. O poeta através de um discurso no qual ele parece ser simpático a tais aspirantes à nobreza, acaba por revelar a farsa.

Importante nesse caso, saber comentar com precisão o jogo entre o que é afirmado e a intencionalidade, localizando, no poema, as palavras que denunciam a distância entre uma perspectiva e outra.

Sarcasmo

O sarcasmo pode se valer da ironia violenta, mas no caso de Gregório, ele é rapidamente percebido pela referência ao aspecto fisiológico como forma de humilhar a pessoa satirizada. A palavra remonta ao grego e significa “queimar a carne”. Isso se deve à crítica tão violenta que a vítima sente-se atingida fisicamente pelo discurso.

Mas não é só por isso que, na etimologia da palavra, menciona-se “carne”. A crítica moral pode ser contestada, mas a crítica a um defeito físico, não. Impiedosamente, o poeta exagera o defeito físico e, pelo grotesco, ele consegue produzir o escárnio.

A outra maneira de se fazer isso é tornando público um tipo de comportamento privado, sexual. Diante de uma fofoca moral, a curiosidade em relação ao delito aludido torna a informação atrativa, seja verdadeira ou não.

O plágio ou a reescrita

Dentro da estética barroca não havia o que hoje consideramos plágio, pois não havia também a noção de criatividade subjetiva. Estilisticamente, o poeta poderia se apropriar de um texto de outro autor e fazer variações mostrando dessa forma seu engenho, ou mesmo, reescrever um texto seu sob a chave da paródia, ou mesmo, tentando dar outro sentido que não o original. Em virtude disso, pode-se dizer que é de Gregório de Matos o poema “À Maria dos Povos...”, embora seja quase uma tradução do texto de Gôngora.

Há outros poemas, nos quais Gregório reescreve o próprio texto. Como exemplo, basta citar a reescrita que ele faz do soneto “Ardor em firme coração nascido/ Prantos por belos olhos derramado” já analisado. Observe como ele retoma as ideias principais e as modifica.

Corrente, que do peito desatada
Sois por dois belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida
Deixais o ser, levais a cor mudada.

Não sei, quando cais precipitada,
Às flores que regais tão parecida,
Se sois neve por rosa derretida,
Ou se rosa por neve desfolhada.

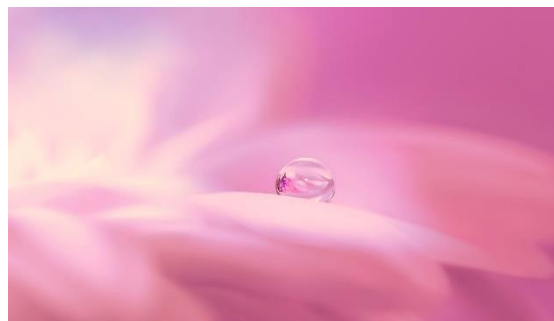


Figura 13: Pixabay



Essa enchente gentil de prata fina,
Que de rubi por conchas se dilata,
Faz troca tão diversa e peregrina,

Que no objeto, que mostra, ou que retrata,
Mesclando a cor purpúrea à cristalina,
Não sei quando é rubi, ou quando é prata.

Nesse poema, não prevalece a oposição entre o fogo e a água, mas entre as cores prata e vermelho. A lágrima descendo pela face branca (prata) fica tingida de vermelho e ao mesmo tempo de branco, cor da pele da amada.

Antítese

Junção na oração de uma ideia a outra contrária.

Ex.: “Depois da Luz se segue a noite escura” (Gregório de Matos).

Comparação

Confrontam-se dois termos de uma oração a fim de ressaltar aquilo que eles têm em comum.

Ex.: “oh nunca foram tantos
nem tão fortes meus males
como as ondas.” (Gregório de Matos)

DICA: comparações costumam vir acompanhadas dos conectivos **como, tal qual, que nem,** etc.

Hiperbole

Exagero de uma expressão ou ideia.

Ex.: “E eu também me resisto,
há mais de mil auroras
aos vaivéns da fortuna” (Gregório de Matos)

Hiperbato

Termo genérico para designar inversão na ordem normal das palavras de uma frase ou das orações de um período.

Ex.: “Se formosa a Luz é, por que não dura?” (Gregório de Matos)



Na ordem direta, esse período seria “Se a Luz é formosa, porque não dura?”

Metáfora

Modificação do sentido de um termo pelo acréscimo de outro. Estabelece relação de semelhança.

Ex.: “Se és fogo (...) se és neve” (Gregório de Matos)



Fonte: Pixabay

Paradoxo

Fonte: Pixabay



Aparenta falta de lógica; encadeamento de pensamentos que seriam excludentes, mas que poeticamente são colocados na mesma construção.

Ex.: “E na alegria sinta-se tristeza”

CUIDADO: para não confundir com antítese. Na antítese há apenas a presença de palavras com significados opostos, mas eles não constroem um mesmo pensamento. Aqui, duas ideias opostas estão **unidas**.

Prosopopeia ou Personificação

Atribuir características humanas a outros animais ou seres inanimados.

Ex.: “E quando o mar vomita, o mundo arrasa.” (Gregório de Matos); ou como na figura ao lado em que o mar engole a faixa de terra sem respeitar a placa.

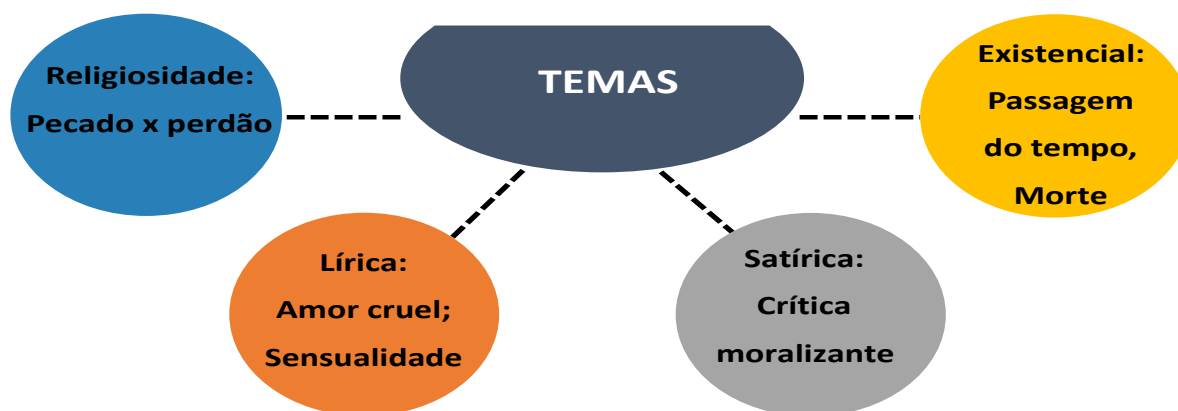


Disponível em
<http://marcolyra.blogspot.com/2013/02/charge-do-dia-avanco-do-mar.html>, acessado em 17.06.2019

3.4 COMO INTERPRETAR UM POEMA DE GREGÓRIO DE MATOS

O primeiro passo para a interpretação de um poema é apreender seu tema. Sabendo de antemão os possíveis temas, fica mais fácil enquadrar a interpretação do texto. Lembre-se, no barroco, os temas são os seguintes:





Depois disso, tente perceber qual intencionalidade do poeta; há dois casos.

Caso 1. Ele pode estar fazendo um **poema-ostentação**, ou seja, um texto cuja mensagem é até simplória, mas que serve de pretexto para que o escritor mostre todo seu domínio sobre a língua portuguesa. A isso chamamos de **cultismo** (o poeta quer mostrar o quanto ele é culto, o quanto conhece de sinônimos e de figuras de linguagem).

Caso 2. O poeta deseja criticar ou defender uma ideia e, para tanto, faz um raciocínio tortuoso, para provar sua tese.

Como ler cada um desses tipos de poesia?

Caso 1. Observe as figuras de linguagem e as recriações ou aproximações inusitadas que o poeta consegue a partir desse expediente. Provavelmente, você encontrará várias antíteses, metáforas, hipérboles e expressões de sinonímia. Você deve perceber a reafirmação de uma ideia pelo excesso de repetição.

Caso 2. Observe como o poeta desenvolve o argumento. Se ele utiliza antíteses, como elas se articulam com a tese principal.

3.5 ATUALIDADE DE GREGÓRIO DE MATOS: USO EM REDAÇÃO

Gregório de Matos viveu numa época em que dois códigos circulavam sem que nenhum dos dois pudesse dar fundamentos indubitáveis para a realidade: o Catolicismo e o Protestantismo. A ciência estava nascendo e não servia de discurso de validação. Diante disso, como estabelecer critérios de verdade para julgamento de ações? Através da performance do discurso.

Como já foi dito, era fundamental para o poeta que ele atirasse primeiro. Sua verborragia se explica. Quanto mais falasse e quanto mais demonstrasse seu engenho mais poderia justificar sua posição estamental mesmo que isso implicasse em risco, como de fato significou.



O que isso tem a ver com nossa época?

Perceba que questão da validação de verades tem a ver com nossos dias, corujinha. Como estabelecemos critérios de verdade? Atualmente, a internet surgiu como meio pelo qual chegamos a informações relevantes para formarmos nossos julgamento. O problema é que os meios eletrônicos são somente meios, não são fontes de verdade.

A proliferação de informações na internet produz uma situação análoga ao que Gregório vivenciou. Diante da dificuldade de se saber a verdade, ou mesmo, diante da vontade de afirmar a própria crença, a verborragia satírica ocupa o espaço da verdade. Não vale a verdade dos fatos, mas o discurso mais sarcástico ou mesmo mais engenhoso.

Na redação, você pode fazer uma comparação entre nossa época e a de Gregório para escrever sobre fake News, por exemplo. Ou explicar como funciona o discurso sarcástico da internet. Os procedimentos estilísticos de Gregório estão presentes nos discursos de ódio hoje em dia: hipérbole, repetição, apelo a aspectos fisiológicos etc.

4. QUADRO SINÓPTICO

Há grande possibilidade de a Banca pedir que você reconheça as características barrocas no poema, pois isso vamos começar lembrando quais são os traços de identificam um poema como pertencendo ao Barroco.



Figura 1: Pixabay

Figura de linguagem mais utilizada nos poemas: ANTÍTESE OU PARADOXO

Outras figuras de linguagem ou de estilo: metáforas engenhosas, expressões que remetem aos 5 sentidos, metonímias e comparações inesperadas.



Religiosidade

- Trata-se do tema mais marcante da poesia barroca; há vários poemas em que o eu lírico se dirige a Jesus numa espécie de oração.
- Principal dualidade: pecado X perdão; espiritualidade X materialidade (sensualidade)

Dualidade Sagrado X Profano

- O homem barroco é fruto de uma religiosidade medieval e uma racionalidade renascentista. Sua angústia vem dessa sua divisão entre o teocentrismo e o antropocentrismo.
- Principais dualidades: fé X razão; vida X morte; corpo X alma; erotismo X espiritualidade, luz X sombra.

Fugacidade do tempo

- Há uma consciência da transitoriedade da vida humana neste momento. A vida é frágil e a beleza é efêmera. As pessoas, as coisas e o mundo estão sujeitos a mudanças.

Contraste

- Como consequência dessa dualidade em que os artistas se encontram, suas obras tentam aproximar mundos opostos e extremos, conciliando-os ao mesmo tempo que expõe os contrastes.
- Imagens como a **aurora** e o **crepúsculo** podem aparecer como expressão dos contrastes.

Moralismo crítico

- Uma certa obsessão pelo comportamento ético cristão torna-se evidente nesse Movimento Literário;
- A poesia satírica, fescenina (de baixo calão) e encomiástica (laudatória) tem como objetivo exaltar ou criticar as pessoas pelos seus vícios ou virtudes tendo como parâmetro a moral católica.

Temas



Poesia de circunstância: volta-se para o meio social e os acontecimentos da época e do lugar. Predominam nesse tópico as poesias satíricas e as encomiásticas (elogiosas)

Poesia fescenina: poesia de caráter obsceno, licencioso; difamador e devasso

Poesia amorosa: poesia solene na qual o poeta exalta o amor ou a mulher amada

Poesia existencial: poesia em que o eu lírico retoma a inconstância do mundo, expõe os desenganos da vida ou expressa a angústia diante da morte

Poesia religiosa: poesia que tematiza culpa e perdão e a devoção à Igreja ou à Virgem

5. QUESTÕES

1.(FUVEST/2020)

A certa personagem desvanecida

Um soneto começo em vosso gabo*:

Contemos esta regra por primeira,
Já lá vão duas, e esta é a terceira,
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo;
A sexta vá também desta maneira:
Na sétima entro já com grã** canseira,
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?
Direi que vós, Senhor, a mim me honrais
Gabando-vos a vós, e eu fico um rei.



Nesta vida um soneto já ditei;
Se desta agora escapo, nunca mais:
Louvado seja Deus, que o acabei.

Gregório de Matos

*louvor **grande

Tipo zero

Você é um tipo que não tem tipo
Com todo tipo você se parece
E sendo um tipo que assimila tanto tipo
Passou a ser um tipo que ninguém esquece

Quando você penetra num salão
E se mistura com a multidão
Você se torna um tipo destacado
Desconfiado todo mundo fica
Que o seu tipo não se classifica
Você passa a ser um tipo desclassificado

Eu até hoje nunca vi nenhum
Tipo vulgar tão fora do comum
Que fosse um tipo tão observado
Você ficou agora convencido
Que o seu tipo já está batido
Mas o seu tipo é o tipo do tipo esgotado

Noel Rosa

O soneto de Gregório de Matos e o samba de Noel Rosa, embora distantes na forma e no tempo, aproximam-se por ironizarem

- (A) o processo de composição do texto.
- (B) a própria inferioridade ante o retratado.
- (C) a singularidade de um caráter nulo.
- (D) o sublime que se oculta na vulgaridade.
- (E) a intolerância para com os gênios.

2. Q(UNESP 2018)

Leia o soneto “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder à questão.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.



Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

(*Poemas escolhidos*, 2010.)

O soneto de Gregório de Matos aproxima-se tematicamente da citação:

- a) “Nada é duradouro como a mudança.” (Ludwig Börne, 1786-1837)
- b) “Não se deve indagar sobre tudo: é melhor que muitas coisas permaneçam ocultas.” (Sófocles, 496-406 a.C.)
- c) “Nada é mais forte que o hábito.” (Ovídio, 43 a.C.-17 d.C.)
- d) “A estrada do excesso conduz ao palácio da sabedoria.” (William Blake, 1757-1827)
- e) “Todos julgam segundo a aparência, ninguém segundo a essência.” (Friedrich Schiller, 1759-1805)

3. Q.(Unesp 2010)

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana, e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

(...) Estupendas usuras nos mercados,
Todos, os que não furtam, muito pobres,
E eis aqui a Cidade da Bahia.

(Gregório de Matos. “Descreve o que era realmente naquele tempo a cidade da Bahia de mais enredada por menos confusa”. In: *Obra poética* (org. James Amado), 1990.)

O poema, escrito por Gregório de Matos no século XVII,

- a) representa, de maneira satírica, os governantes e a desonestidade na Bahia colonial.
- b) critica a colonização portuguesa e defende, de forma nativista, a independência brasileira.
- c) tem inspiração neoclássica e denuncia os problemas de moradia na capital baiana.



- d) revela a identidade brasileira, preocupação constante do modernismo literário.
 - e) valoriza os aspectos formais da construção poética parnasiana e aproveita para criticar o governo.
-

4. Q.(UFPR/2012)

Considerando a poesia de Gregório de Matos e o momento literário em que sua obra se insere, avalie as seguintes afirmativas:

1. Apresentando a luta do homem no embate entre a carne e o espírito, a terra e o céu, o presente e a eternidade, os poemas religiosos do autor correspondem à sensibilidade da época e encontram paralelo na obra de um seu contemporâneo, Padre Antônio Vieira.
2. Os poemas erótico-irônicos são um exemplo da versatilidade do poeta, mas não são representativos da melhor poesia do autor, por não apresentarem a mesma sofisticação e riqueza de recursos poéticos que os poemas líricos ou religiosos apresentam.
3. Como bom exemplo da poesia barroca, a poesia do autor incrementa e exagera alguns recursos poéticos, deixando sua linguagem mais rebuscada e enredada pelo uso de figuras de linguagem raras e de resultados tortuosos.
4. A presença do elemento mulato nessa poesia resgata para a literatura uma dimensão social problemática da sociedade baiana da época: num país de escravos, o mestiço é um ser em conflito, vítima e algoz em uma sociedade violentamente desigual.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
 - b) Somente as afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.
 - c) Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
 - d) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
 - e) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
-

5. Q(Uf 2018)

Considere as afirmações a seguir em relação a Gregório de Matos.

- I. Em sua produção literária, estão presentes tanto a sátira irreverente como o sentimento religioso.
- II. Na poesia do autor, o sujeito lírico não manifesta seu desejo pela mulher, que é sempre idealizada.
- III. A efemeridade das coisas é uma das temáticas abordadas em sua poesia.

Está **correto** o que se afirma em



- a) I e III, apenas.
 - b) I, II e III.
 - c) I, apenas.
 - d) III, apenas.
 - e) I e II, apenas.
-

6 . Q(Uff 2011)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
TEXTO

Senhora Dona Bahia,
nobre e opulenta cidade,
madrasta dos naturais,
e dos estrangeiros madre:

Dizei-me por vida vossa
em que fundais o ditame
de exaltar os que aqui vêm,
e abater os que aqui nascem?

Se o fazeis pelo interesse
de que os estranhos vos gabem,
isso os paisanos fariam
com conhecidas vantagens.

E suposto que os louvores
em boca própria não valem,
se tem força esta sentença,
mor força terá a verdade.

O certo é, pátria minha,
que fostes terra de alarves,
e inda os ressábios vos duram
desse tempo e dessa idade.

Haverá duzentos anos,
nem tantos podem contar-se,
que éreis uma aldeia pobre
e hoje sois rica cidade.

Então vos pisavam índios,
e vos habitavam cafres,
hoje chispais fidalguias,



arrojando personagens.

Nota: entenda-se “Bahia” como cidade.

Gregório de Matos

Vocabulário

alarges - que ou quem é rústico, abrutado, grosseiro, ignorante; que ou o que é tolo, parvo, estúpido.

ressábios - sabor; gosto que se tem depois.

cafres - indivíduo de raça negra.

Todas as afirmativas sobre a construção estética ou a produção textual do poema de Gregório de Matos (Texto) estão adequadas, EXCETO uma. Assinale-a.

- a) Existem antíteses, características de textos no período barroco.
 - b) Há uma personificação, pois a Bahia, ser inanimado, é tratada como ser vivo.
 - c) A ausência de métrica aproxima o poema do Modernismo.
 - d) O eu lírico usa o vocativo, transformando a Bahia em sua interlocutora.
 - e) Há diferença de tratamento para os habitantes locais e os estrangeiros.
-

7. (Upe-ssa 1 2016)

Gregório de Matos, poeta baiano, que viveu no século XVI, produziu uma poesia em que satiriza a sociedade de seu tempo. Execrado no passado por seus conterrâneos, hoje é reconhecido como grande poeta, sendo, inclusive, sua poesia satírica fonte de pesquisa histórica.

Leia os poemas e analise as proposições a seguir:

Poema I

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente



Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote
(Gregório de Matos)

Poema II

Horas contando, numerando instantes,
Os sentidos à dor, e à glória atentos,
Cuidados cobro, acuso pensamentos,
Ligeiros à esperança, ao mal constantes.

Quem partes concordou tão dissonantes?
Quem sustentou tão vários sentimentos?
Pois para a glória excedem de tormentos,
Para martírio ao bem são semelhantes.

O prazer com a pena se embaraça;
Porém quando um com outro mais porfia,
O gosto corre, a dor apenas passa.

Vai ao tempo alterando a fantasia,
Mas sempre com vantagem na desgraça,
Horas de inferno, instantes de alegria.
(Gregório de Matos)

I. Além de poeta satírico, o Boca do Inferno também cultivou a poesia lírica, composta por temas diversificados, pois nos legou uma lírica amorosa, erótica e religiosa e até de reflexão sobre o sofrimento, a exemplo do poema II.

II. Considerado tanto poeta cultista quanto conceptista, o autor baiano revela criatividade e capacidade de improvisar, segundo comprovam os versos do poema I, em que realiza a crítica à situação econômica da Bahia, dirigida, na época, por Antônio Luís da Câmara Coutinho.

III. Em Triste Bahia, poema I, musicado por Caetano Veloso, Gregório de Matos identifica-se com a cidade, ao relacionar a situação de decadência em que se encontram tanto ele quanto a cidade onde vive. O poema abandona o tom de zombaria, atenuando a sátira contundente para tornar-se um quase lamento.

IV. Os dois poemas são sonetos, forma fixa herdada do Classicismo, muito pouco utilizada pelo poeta baiano, que desprezou a métrica rígida e criou poesia em versos brancos e livres.



V. Como poeta barroco, fez uso consciente dos recursos estéticos reveladores do conflito do homem da época, como se faz presente na antítese que encerra o II poema: “Horas de inferno, instantes de alegria”.

Estão CORRETAS apenas

- a) I, II, III e V.
 - b) I, II e IV.
 - c) IV e V.
 - d) I, III e IV.
 - e) I, IV e V.
-

8. (Ufrgs 2014)

Leia o trecho do Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, do Padre Antônio Vieira, e o soneto de Gregório de Matos Guerra a seguir.

Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda

Pede razão Jó a Deus, e tem muita razão de a pedir – responde por ele o mesmo santo que o arguiu – porque se é condição de Deus usar de misericórdia, e é grande e não vulgar a glória que adquire em perdoar pecados, que razão tem, ou pode dar bastante, de os não perdoar? O mesmo Jó tinha já declarado a força deste seu argumento nas palavras antecedentes, com energia para Deus muito forte: Peccavi, quid faciam tibi? Como se dissera: Se eu fiz, Senhor, como homem em pecar, que razão tendes vós para não fazer como Deus em me perdoar? Ainda disse e quis dizer mais: Peccavi, quid faciam tibi? Pequei, que mais vos posso fazer? E que fizestes vós, Jó, a Deus em pecar? Não lhe fiz pouco, porque lhe dei ocasião a me perdoar, e, perdoando-me, ganhar muita glória. Eu dever-lhe-ei a ele, como a causa, a graça que me fizer, e ele dever-me-á a mim, como a ocasião, a glória que alcançar.

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada



Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada:
Cobrai-a, e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Assinale a alternativa correta a respeito dos textos.

- a) Os autores, ao remeterem aos exemplos bíblicos de Jó e da ovelha perdida, elogiam a autoridade divina capaz de perdoar os pecados, mesmo que à custa de sua glória e de seu discernimento.
- b) Jó, de acordo com Vieira, argumenta que há tanta glória em perdoar como em não perdoar, enquanto, para Gregório, o perdão concedido ao pecador renitente é a prova da glória de Deus.
- c) Os autores, ao remeterem aos exemplos bíblicos de Jó e da ovelha perdida, inibem a autoridade divina que se vê constrangida a aceitar os argumentos de dois pecadores.
- d) Jó, de acordo com Vieira, considera que a ocasião e a sorte impediram que a graça divina se manifestasse, enquanto para Gregório a graça divina não sofre restrições.
- e) Os autores, ao remeterem aos exemplos bíblicos de Jó e da ovelha perdida, reforçam seus argumentos a favor do perdão como garantia da glória divina.
-

9. Q(G1 - cftmg 2018)

Já desprezei, sou hoje desprezado,
Despojo sou, de quem triunfo hei sido,
E agora nos desdêns de aborrecido,
Desconto as ufânias de adorado.

O amor me incita a um perpétuo agrado,
O decoro me obriga a um justo olvido:
E não sei, no que emprendo, e no que lido,
Se triunfe o respeito, se o cuidado.

Porém vença o mais forte sentimento,
Perca o brio maior autoridade,
Que é menos o ludíbrio, que o tormento.

Quem quer, só do querer faça vaidade,
Que quem logra em amor entendimento,
Não tem outro capricho, que a vontade.

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



Em termos formais e temáticos, as principais características barrocas do soneto são, respectivamente,

- a) a sintaxe rebuscada e o culto aos contrastes.
 - b) o rigor métrico e a crítica ao sentimentalismo.
 - c) o vocabulário erudito e a reflexão sobre o amor.
 - d) as rimas alternadas e o embate entre emoção e razão.
-

10. (Uefs 2017)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**A Christo S. N. Crucificado estando o poeta na
última hora de sua vida.**

Meu Deus que estais pendente em um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai, manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor e meu delito,
Porém pode ter fim todo pecar,
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

MATOS, Gregório. In: AMADO, James (Org.) Obras Completas de Gregório de Matos. Salvador: Ed. Janaína, 1968. V. I, p. 47.

Sobre as características do autor e do momento literário que ele representa encontradas no soneto, é correto afirmar:

- I. O poema ilustra uma das razões de Gregório de Matos ter sido chamado de “Boca do Inferno”: a ousadia de criticar a igreja católica e o constante desafio dirigido a Deus, que, para provar a infinitude de seu amor, seria obrigado a perdôá-lo.



- II. No poema, por força da iminência da morte, o poeta se expressa numa contrição de fé religiosa, com a admissão humilde da condição de pecador e a confiança de merecer a misericórdia de Deus, com o perdão de seus pecados.
- III. Há, no poema, um jogo de ideias característico desse momento literário, que se expressa numa retórica de campos opostos: condição humana, pecado e punição, de um lado e, de outro, condição divina, misericórdia e perdão.
- IV. As expressões “vejo a minha vida anoitecer” (v. 6) e “manso Cordeiro.” (v. 8), além das contradições entre “viver” (v. 2) e “morrer” (v. 3) bem como entre “ter fim” (v. 10) e “infinito” (v. 11) revelam o uso de figuras de linguagem e de pensamento que caracterizam o Barroco.
- V. Dentre as categorias que caracterizam o conjunto da obra de Gregório de Matos publicada pela Academia de Letras – Sacra, Lírica, Graciosa, Satírica e Última – este poema se insere na segunda categoria.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

- a) I e II.
b) II e IV.
c) IV e V.
d) II, III e IV.
e) I, III e IV.
-

11. (Imed 2016)

Leia o texto abaixo, de Gregório de Matos Guerra:

A MARIA DE POVOS, SUA FUTURA ESPOSA

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca, o Sol e o dia:

Enquanto, com gentil descortesia,
O ar, que fresco Adônis te enamora,
Te espalha a rica trança voadora,
Da madeixa que mais primor te envia:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo troca, a toda a ligeireza,
E imprime em cada flor uma pisada.



Oh não guardes que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Analise as assertivas abaixo a partir do texto:

I. O soneto lírico se estrutura na oposição entre dois campos semânticos, que pode ser evidenciado, especialmente, na comparação entre a primeira a última estrofes.

II. Em tal soneto, percebe-se o tema do *carpe diem*, proveniente dos clássicos grecolatinos, que converge com a preocupação do homem barroco brasileiro em relação à efemeridade da vida e à repulsa pela morte.

III. O autor do soneto, Gregório de Matos Guerra, cultivou a poesia sacra, lírica e satírica. Também escreveu poemas graciosos e pornográficos. Representante do período barroco, também foi conhecido como “Boca de Inferno”.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
 - b) Apenas III.
 - c) Apenas I e II.
 - d) Apenas II e III.
 - e) I, II e III.
-

12. (G1 - cftmg 2016)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder às questões, leia o poema a seguir.

Definição do amor

Mandai-me, Senhores, hoje
que em breves rasgos descreva
do Amor a ilustre prosápia,
E de Cupido as proezas.

Dizem que de clara espuma,
dizem que do mar nascera,
que pegam debaixo d'água
as armas que o Amor carrega.



[...]

O arco talvez de pipa,
A seta talvez esteira,
Despido como um maroto,
Cego como uma toupeira.

[...]

E isto é o Amor? É um corno.
Isto é o Cupido? Má peça.

[...]

O amor é finalmente
Um embaraço de pernas,
Uma união de barrigas,
Um breve tremor de artérias
Uma confusão de bocas,
Uma batalha de veias,
Um reboiço de ancas,
Quem diz outra coisa é besta.

Gregório de Matos: Poemas escolhidos (Seleção, prefácio e notas de José Miguel Wisnik). São Paulo: Cia. das Letras, 2010, p. 301-312 (fragmento).

O termo grego “retórica” significa, literalmente, a arte de falar bem. Ele tem sido utilizado desde o Período Clássico para tratar da organização do discurso e do uso da linguagem para fins persuasivos.

Dentre as estratégias retóricas utilizadas por Gregório de Matos, distingue-se a

- a) presença de argumentos contrários ao senso comum.
 - b) construção de diálogos com diferentes interlocutores.
 - c) apresentação dos argumentos principais na introdução.
 - d) menção a deuses gregos para confirmação dos argumentos.
-

13. (Upe 2014)

Soneto II



(Descreve um horroroso dia de trovões)

Na confusão do mais horrendo dia,
Painel da noite em tempestade brava,
O fogo com o ar se embaraçava
Da terra e água o ser se confundia.

Bramava o mar, o vento embravecia
Em noite o dia enfim se equivocava,
E com estrondo horrível, que assombrava,
A terra se abalava e estremecia.

Lá desde o alto aos côncavos rochedos,
Cá desde o centro aos altos obeliscos
Houve temor nas nuvens, e penedos.

Pois dava o Céu ameaçando riscos
Com assombros, com pasmos, e com medos
Relâmpagos, trovões, raios, coriscos.

Gregório de Matos. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/grego.html>, Consultado em julho de 2013.

Considerando o texto, tanto no âmbito da estrutura da linguagem quanto no âmbito da temática, analise as afirmativas a seguir:

- I. O eu lírico na poesia em análise ironiza a situação climática e deflagra certo telurismo sacro.
- II. O eu lírico, desde a primeira até a última estrofe, demonstra sentir receio.
- III. O dia, caracterizado como “horrendo”, impressiona o eu lírico e o amedronta.
- IV. “Em noite o dia enfim se equivocava” é um verso que ratifica a tendência eufêmica do autor.
- V. “A terra se abalava e estremecia”, embora seja uma expressão exagerada, coaduna-se com o tema central do texto.

Estão **CORRETAS**

- a) I, II e III.
- b) I, II e IV.
- c) II, III e IV.
- d) II, III e V.



e) III, IV e V.

14. Q.(Ucs 2014)

Leia o poema.

*Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido,
Porque quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.*

*Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido,
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.*

*Se uma ovelha perdida, e já cobrada
Glória tal, e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história:*

*Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada
Cobrai-a, e não queirais, Pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.*

MATOS, Gregório de. *Poesias selecionadas*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1998. p. 18.

Assinale a alternativa correta.

- a) O sujeito lírico, nesse poema, arrependido de seus pecados, pede perdão a Deus com amplo sentimentalismo, sem a intervenção da razão.
- b) A presença frequente de antíteses na lírica amorosa de Gregório de Matos faz desse poema um exemplo de representação do homem barroco, dividido entre a vida mundana e a religiosidade cristã.
- c) O sujeito lírico do poema constrói, com base em um episódio bíblico, um discurso racional na tentativa de convencer Deus de que ele deve ser perdoado de seus pecados.
- d) A ovelha desgarrada, mencionada no poema, diz respeito ao sujeito lírico, de maneira que, assim, ele se compara ao próprio Cristo.



e) Apesar do pedido de perdão por seus pecados, o sujeito lírico reconhece, ao final do poema, que Deus deve cobrar seu arrependimento para que a glória divina não se perca em vão.

15. Q(Famema 2019)

A veia lírico-amorosa do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696) está bem exemplificada em:

a) “Aquele não sei quê, que, Inês, te assiste

No gentil corpo, e na graciosa face,

Não sei donde te nasce, ou não te nasce,

Não sei onde consiste, ou não consiste.”

b) “Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,

É verdade, Senhor, que hei delinquido,

Delinquido vos tenho, e ofendido,

Ofendido vos tem minha maldade.”

c) “Senhor Antão de Sousa de Meneses,

Quem sobe a alto lugar, que não merece,

Homem sobe, asno vai, burro parece,

Que o subir é desgraça muitas vezes.”

d) “Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te,

Te lembra hoje Deus por sua Igreja;

De pó te faz espelho, em que se veja

A vil matéria, de que quis formar-te.”

e) “A cada canto um grande conselheiro,

Que nos quer governar cabana e vinha;

Não sabem governar sua cozinha,

E podem governar o mundo inteiro.”

16.Q(Enem PPL 2018)

Quantos há que os telhados têm vidrosos

E deixam de atirar sua pedrada,



De sua mesma telha receiosos.

Adeus, praia, adeus, ribeira,
De regatões tabaquista,
Que vende gato por lebre
Querendo enganar a vista.

Nenhum modo de desculpa
Tendes, que valer-vos possa:
Que se o cão entra na igreja,
É porque acha aberta a porta.

GUERRA, G. M. In: LIMA, R. T. *Abecê de folclore*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (fragmento).

Ao organizar as informações, no processo de construção do texto, o autor estabelece sua intenção comunicativa. Nesse poema, Gregório de Matos explora os ditados populares com o objetivo de

- a) enumerar atitudes.
 - b) descrever costumes.
 - c) demonstrar sabedoria.
 - d) recomendar precaução.
 - e) criticar comportamentos.
-

17.(Upf 2018)

Considere as afirmações a seguirem relação a Gregório de Matos.

- I. Em sua produção literária, estão presentes tanto a sátira irreverente como o sentimento religioso.
- II. Na poesia do autor, o sujeito lírico não manifesta seu desejo pela mulher, que é sempre idealizada.
- III. A efemeridade das coisas é uma das temáticas abordadas em sua poesia.

Está **correto** o que se afirma em

- a) I e III, apenas.
- b) I, II e III.



- c) I, apenas.
 - d) III, apenas.
 - e) I e II, apenas.
-

18. Q(autoral)

Leia o poema abaixo de Gregório de Matos.

Ao divino sacramento

Tremendo chego, meu Deus,
Ante vossa divindade,
que a fé é muito animosa,
mas a culpa mui cobarde.

(...)

Como comerei de um pão,
que me dais, porque me salve?
um pão, que a todos dá a vida,
e a mim temo, que me mate.

(...)

Quanto a que o sangue vos beba,
isso não, perdoai-me:
como quem tanto vos ama,
há de beber-vos o sangue?

Beber o sangue do amigo
é sinal de inimizade;
pois como quereis, que o beba,
para confirmarmos pazes?

Eu confuso neste caso
entre tais perplexidades
de salvar-me, ou de perder-me,
só sei, que importa salvar-me.

Oh! Se me déreis tal graça,
Que tendo culpas a mares,
Me virá salvar na tábua
De auxílios tão eficazes!

E pois já à mesa cheguei,
Onde é força alimentar-me



Deste manjar, de que os anjos
Fazem seus próprios manjares.

Os anjos, meu Deus, vos louve,
Que vossos arcanjos sabem,
E os santos todos da glória
Que o que vos devem vos paguem.

(Gregório de Matos)

Esse poema pertence ao Barroco. De todas as características desse período literário, assinale a alternativa que contenha aquelas que melhor se adequam ao poema.

- a) sentimentalismo exacerbado, culpa e estilo conceptista (estilo retórico de defesa de uma ideia).
 - b) jogo de antíteses, fugacidade e estilo cultista (estilo cujo jogo de palavras chama a atenção para o engenho linguístico do poeta).
 - c) jogo entre sagrado e profano; religiosidade e abuso da antíteses.
 - d) gosto pelo contraste, presença de metáfora marítima e estilo conceptista utilizado para exemplificar uma ideia.
 - e) subjetivismo, moralismo e estilo cultista (estilo cujo jogo de palavras chama a atenção para o engenho linguístico do poeta).
-

19. Q (UFU/ 1999/Adaptada)

Pobre terra da Bruzundanga! Velha, na sua maior parte, como o planeta, toda a sua missão tem sido criar a vida, e a fecundidade para os outros, pois nunca os que nela nasceram, os que nela viveram, os que a amaram e sugaram-lhe o leite, tiveram sossego sobre o seu solo!

Lima Barreto – Os bruzundangas.

2. Senhora Dona Bahia,
nobre e opulenta cidade,
madrasta dos Naturais,
E dos Estrangeiros madre.
Dizei-me por vida vossa,
em que fundais o ditame
de exaltar, os que aí vêm,
e abater, os que ali nascem?
Gregório de Matos



Lima Barreto e Gregório de Matos estão cronologicamente distantes no contexto da Literatura Brasileira, entretanto podem ser aproximados pelo teor satírico que imprimiram às suas obras. Tome os fragmentos citados para responder às questões seguintes:

a) Fale sobre o tema que aproxima os dois textos.

b) Destaque do texto de Gregório de Matos um par de versos que tenha “uma figura de oposição” muito comum ao Barroco, classificando-a.

20. Q. (UNESP/1999)

AO CONDE DE ERICEYRA D. LUIZ DE MENEZES PEDINDO LOUVORES AO POETA NÃO LHE
ACHANDO ELLE PRESTIMO ALGUM.

Um soneto começo em vosso gabo;
Contemos esta regra por primeira,
Já lá vão duas, e esta é a terceira,
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo:
A sexta vá também desta maneira,
Na sétima entro já com grã canseira,
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?
Direi, que vós, Senhor, a mim me honrais,
Gabando-vos a vós, e eu fico um Rei.

Nesta vida um soneto já ditei,
Se desta agora escapo, nunca mais;
Louvado seja Deus, que o acabei.

In: MATOS, Gregório de. *OBRA POÉTICA*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1990, vol. I, p. 129-30.

O SONETO

Era magro, feio, merecia o superlativo: era magérrimo e feiíssimo. Usava óculos, fumava de piteira, a voz rachada, andava mal vestido, mas tinha - milagre jamais explicado - um carrinho inglês que sempre estava de bateria arriada e precisava ser empurrado.

Trabalhava num vespertino, seu texto era barroco, cobria festividades cívicas e religiosas. Era - segundo o meu pai - uma boa alma, embora fosse ruim de corpo. Um dia, me levou para um canto da redação e recitou-me um soneto de sua lavra, os olhos faiscando de lascívia contrariada.

Esqueci o soneto minutos depois. Guardei por uns tempos o final, aquilo que os parnasianos chamavam de "chave de ouro". Transcrito em papel talvez não impressione.

Dito por ele, num canto empoeirado da redação, com sua voz rachada, a piteira nas mãos



trêmulas, era uma apoteose da dor: "Passei bem junto a ela. E decerto ela nem soube que eu passei tão perto e nem suspeita que eu segui chorando!". O verso quebrado e a exclamação final faziam parte da poética e das redações daquele tempo.

Chamava-se Cardim. Domingos da Silva Cardim se não me engano. Casara-se com uma viúva tão feia e magra como ele, também boníssima alma. Não tinham filhos.

Por isso ou aquilo, Cardim apaixonava-se com frequência e, quanto menos correspondido, mais apaixonado ficava. Deve ter feito outros sonetos, circulou pela redação um poema pornográfico e anônimo que desde o redator-chefe até o contínuo que ia buscar café na esquina atribuíram ao estro do Cardim.

Cardim morreu como um passarinho - naquele tempo era comum esse tipo de morte. O tempo passou, esqueci dele, mas nunca esqueci aquele final de lascívia contrariada. Outro dia, bestamente, depois de um dia inglório e triste, cara mais uma vez quebrada, me surpreendi recitando em causa própria: e ela nem soube que eu passei tão perto e nem suspeita que eu segui chorando!

In: CONY, Carlos Heitor. FOLHA DE S. PAULO. Cad. 1, p. 2 - Opinião, 6/7/97.

Em sua crônica, Carlos Heitor Cony apresenta, com fino humor, um antigo colega e poeta, um tipo bastante curioso, dado a cultivar sonetos. O cronista, num processo de reminiscência, aborda a personalidade do poeta, as características de seu estilo e suas produções poéticas. Observe, numa leitura do texto, esse processo de caracterização da personagem e, em seguida, responda:

a) Ao referir-se ao discurso da personagem, o cronista afirma que "seu texto era barroco". Considerando as características do estilo de época denominado barroco, em que se inscreve a poesia de Gregório de Matos, explique o que Cony quis dizer a respeito do estilo de Domingos da Silva Cardim.

b) Semelhantemente ao que fez Gregório em seu poema, embora de modo mais direto, ao apresentar e descrever Domingos da Silva Cardim, o cronista assume uma atitude de deboche, que por vezes beira ao escárnio. Transcreva duas frases da crônica em que se caracteriza tal atitude.

5.1 GABARITO

- 1.C
- 2.A
- 3.A
- 4.C
- 5.A
- 6.C
- 7.A



- 8.E
- 9.A
- 10.D
- 11.E
- 12.A
- 13.D
- 14.C
- 15.A
- 16.E
- 17.A
- 18.D
- 19. Dissertativa
- 20. Dissertativa

5.2 QUESTÕES COMENTADAS

1.(FUVEST/2020)

A certa personagem desvanecida

Um soneto começo em vosso gabo*:
Contemos esta regra por primeira,
Já lá vão duas, e esta é a terceira,
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo;
A sexta vá também desta maneira:
Na sétima entro já com grã** canseira,
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?
Direi que vós, Senhor, a mim me honrais
Gabando-vos a vós, e eu fico um rei.

Nesta vida um soneto já ditei;
Se desta agora escapo, nunca mais:
Louvado seja Deus, que o acabei.

Gregório de Matos

*louvor **grande

Tipo zero

Você é um tipo que não tem tipo
Com todo tipo você se parece
E sendo um tipo que assimila tanto tipo
Passou a ser um tipo que ninguém esquece

Quando você penetra num salão
E se mistura com a multidão



Você se torna um tipo destacado
Desconfiado todo mundo fica
Que o seu tipo não se classifica
Você passa a ser um tipo desclassificado

Eu até hoje nunca vi nenhum
Tipo vulgar tão fora do comum
Que fosse um tipo tão observado
Você ficou agora convencido
Que o seu tipo já está batido
Mas o seu tipo é o tipo do tipo esgotado

Noel Rosa

O soneto de Gregório de Matos e o samba de Noel Rosa, embora distantes na forma e no tempo, aproximam-se por ironizarem

- (A) o processo de composição do texto.
- (B) a própria inferioridade ante o retratado.
- (C) a singularidade de um caráter nulo.
- (D) o sublime que se oculta na vulgaridade.
- (E) a intolerância para com os gênios.

Comentário.

Alternativa "a" está incorreta. O primeiro poema é metalinguístico, ironiza a composição; o segundo não.

Alternativa "b" está incorreta. Os dois eu líricos criticam o personagem que descrevem, portanto, não se inferiorizam.

Alternativa "c" está correta. Pode-se observar que se fala de indivíduos de caráter nulo, observando-se os títulos: "A certa personagem desvanecida" (poema 1) e "Tipo zero" (texto 2). Além disso, ao dar características das pessoas criticadas, os eu líricos singularizaram as personalidades descritas.

Alternativa "d" está incorreta. Nada há de sublime nos personagens descritos.

Alternativa "e" está incorreta. Os personagens criticados não são geniais.

Gabarito: C

2. Q(UNESP 2018)

Leia o soneto "Nasce o Sol, e não dura mais que um dia", do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder à questão.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,



Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

(Poemas escolhidos, 2010.)

O soneto de Gregório de Matos aproxima-se tematicamente da citação:

a) “Nada é duradouro como a mudança.” (Ludwig Börne, 1786-1837)

b) “Não se deve indagar sobre tudo: é melhor que muitas coisas permaneçam ocultas.” (Sófocles, 496-406 a.C.)

c) “Nada é mais forte que o hábito.” (Ovídio, 43 a.C.-17 d.C.)

d) “A estrada do excesso conduz ao palácio da sabedoria.” (William Blake, 1757-1827)

e) “Todos julgam segundo a aparência, ninguém segundo a essência.” (Friedrich Schiller, 1759-1805)

Comentário.

Alternativa a, verdadeira. No verso “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia”, a ideia de mudança está posta, pois o poeta destaca a duração efêmera dos fenômenos.

Alternativa b, falsa. As perguntas no poema são retóricas, tem a função de fazer o leitor refletir sobre a mudança.

Alternativa c, falsa. A firmeza referida no poema não está associada ao hábito.

Alternativa d, falsa. O excesso está na forma, no exagero dos elementos apresentados para defender a ideia do eu lírico; não está no texto como tema.

Alternativa e, falsa. O ser ou não ser discutido no texto refere-se à natureza, não ao indivíduo.

Gabarito: A

3. Q.(Unesp 2010)

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana, e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.



(...) Estupendas usuras nos mercados,
Todos, os que não furtam, muito pobres,
E eis aqui a Cidade da Bahia.

(Gregório de Matos. “Descreve o que era realmente naquele tempo a cidade da Bahia de mais enredada por menos confusa”. In: *Obra poética* (org. James Amado), 1990.)

O poema, escrito por Gregório de Matos no século XVII,

- a) representa, de maneira satírica, os governantes e a desonestidade na Bahia colonial.
- b) critica a colonização portuguesa e defende, de forma nativista, a independência brasileira.
- c) tem inspiração neoclássica e denuncia os problemas de moradia na capital baiana.
- d) revela a identidade brasileira, preocupação constante do modernismo literário.
- e) valoriza os aspectos formais da construção poética parnasiana e aproveita para criticar o governo.

Comentário.

Alternativa a, verdadeira. Há palavras do campo semântico que remetem ao político, o que se pode observar em “nos quer governar cabana, e vinha”; e a referência à desonestidade aparece em “os que não furtam, muito pobres”.

Alternativa b, falsa. Gregório não nomeia os portugueses da metrópole como causas dos males do Brasil.

Alternativa c, falsa. Gregório é poeta barroco e não árcade (neoclássico).

Alternativa d, falsa. O texto não é metalinguístico, ele não fala a respeito da própria poesia e, na verdade, segue os preceitos da escrita da época sem pretensões de modernização da poesia.

Alternativa e, falsa. Gregório não é parnasiano.

Gabarito: A

4. Q.(UFPR/2012)

Considerando a poesia de Gregório de Matos e o momento literário em que sua obra se insere, avalie as seguintes afirmativas:

1. Apresentando a luta do homem no embate entre a carne e o espírito, a terra e o céu, o presente e a eternidade, os poemas religiosos do autor correspondem à sensibilidade da época e encontram paralelo na obra de um seu contemporâneo, Padre Antônio Vieira.
2. Os poemas erótico-irônicos são um exemplo da versatilidade do poeta, mas não são representativos da melhor poesia do autor, por não apresentarem a mesma sofisticação e riqueza de recursos poéticos que os poemas líricos ou religiosos apresentam.



3. Como bom exemplo da poesia barroca, a poesia do autor incrementa e exagera alguns recursos poéticos, deixando sua linguagem mais rebuscada e enredada pelo uso de figuras de linguagem raras e de resultados tortuosos.

4. A presença do elemento mulato nessa poesia resgata para a literatura uma dimensão social problemática da sociedade baiana da época: num país de escravos, o mestiço é um ser em conflito, vítima e algoz em uma sociedade violentamente desigual.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
- e) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.

Comentário.

Afirmção 1, verdadeira. No Barroco, a característica principal sempre apontada é a contraposição entre antropocentrismo e teocentrismo, muito evidente nos poemas religiosos em que o eu lírico expressa a sua angústia diante do pecado e da necessidade de ser perdoado. Padre Antônio Vieira, como bom moralista, tematiza o pecado em seus sermões.

Afirmção 2, falsa. Os poemas fesceninos (obscenos) têm a mesma sofisticação estilística dos poemas das outras tópicas.

Afirmção 3, verdadeira. No dito Barroco, o traço mais importante dos poetas é o uso exagerado das figuras de linguagem.

Afirmção 4, verdadeira. Essa afirmção é um tanto quanto complicada. Na poesia de Gregório, o mulato aparece ou como lascivo ou como um tipo que usurpa o direito dos nobres de sangue. É clara, portanto, a perspectiva de que o mulato é algoz. Quanto a ser vítima, poderíamos considerar verdadeira a afirmção, se encararmos que Gregório vitimiza o mulato com sua mordacidade.

Gabarito: C

5. Q(Upf 2018)

Considere as afirmções a seguir em relação a Gregório de Matos.

I. Em sua produção literária, estão presentes tanto a sátira irreverente como o sentimento religioso.

II. Na poesia do autor, o sujeito lírico não manifesta seu desejo pela mulher, que é sempre idealizada.

III. A efemeridade das coisas é uma das temáticas abordadas em sua poesia.

Está **correto** o que se afirma em

- a) I e III, apenas.



- b) I, II e III.
- c) I, apenas.
- d) III, apenas.
- e) I e II, apenas.

Comentário.

Afirmção I, verdadeira. Em Gregório, a sátira sarcástica convive com a poesia religiosa, solene e piedosa.

Afirmção II, falsa. Na obra do poeta barroco, o amor carnal convive com o amor idealizado.

Afirmção III, verdadeira. O poeta retoma de Camões o tema da mudança constante das coisas, ou seja, da efemeridade.

Gabarito: A

6 . Q(Uff 2011)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO

Senhora Dona Bahia,
nobre e opulenta cidade,
madrasta dos naturais,
e dos estrangeiros madre:

Dizei-me por vida vossa
em que fundais o ditame
de exaltar os que aqui vêm,
e abater os que aqui nascem?

Se o fazeis pelo interesse
de que os estranhos vos gabem,
isso os paisanos fariam
com conhecidas vantagens.

E suposto que os louvores
em boca própria não valem,
se tem força esta sentença,
mor força terá a verdade.

O certo é, pátria minha,
que fostes terra de alarves,
e inda os ressábios vos duram
desse tempo e dessa idade.

Haverá duzentos anos,
nem tantos podem contar-se,



que éreis uma aldeia pobre
e hoje sois rica cidade.

Então vos pisavam índios,
e vos habitavam cafres,
hoje chispais fidalguias,
arrojando personagens.

Nota: entenda-se “Bahia” como cidade.

Gregório de Matos

Vocabulário

alarges - que ou quem é rústico, abrutado, grosseiro,
ignorante; que ou o que é tolo, parvo, estúpido.

ressábios - sabor; gosto que se tem depois.

cafres - indivíduo de raça negra.

Todas as afirmativas sobre a construção estética ou a produção textual do poema de Gregório de Matos (Texto) estão adequadas, EXCETO uma. Assinale-a.

- a) Existem antíteses, características de textos no período barroco.
- b) Há uma personificação, pois a Bahia, ser inanimado, é tratada como ser vivo.
- c) A ausência de métrica aproxima o poema do Modernismo.
- d) O eu lírico usa o vocativo, transformando a Bahia em sua interlocutora.
- e) Há diferença de tratamento para os habitantes locais e os estrangeiros.

Comentário.

Observe que você deveria assinalar a alternativa incorreta.

Alternativa a, verdadeira. O poema opõe estrangeiros a nativos, o que permite ao poeta contrapor ideias opostas. De qualquer forma, a antítese fica muito clara nos versos “...éreis uma aldeia pobre/e hoje sois rica cidade”.

Alternativa b, verdadeira. O poeta começa transformando a Bahia em uma senhora, “Senhora Dona Bahia”.

Alternativa c, falsa. O poema é escrito em redondilha menor (7 sílabas poéticas).

Alternativa d, verdadeira. Vocativo é um termo da oração que serve para nomear o ente com quem se trava um diálogo. “Senhora Dona Bahia” é o vocativo, e o diálogo pode ser percebido no imperativo “Dizei-me”.

Alternativa e, verdadeira. O texto gira em torno da comparação entre os nativos e os estrangeiros; os primeiros são vistos pelo poeta como exploradores, os últimos, aproveitadores.

Gabarito: C



7. (Upe-ssa 1 2016)

Gregório de Matos, poeta baiano, que viveu no século XVI, produziu uma poesia em que satiriza a sociedade de seu tempo. Execrado no passado por seus conterrâneos, hoje é reconhecido como grande poeta, sendo, inclusive, sua poesia satírica fonte de pesquisa histórica.

Leia os poemas e analise as proposições a seguir:

Poema I

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote
(Gregório de Matos)

Poema II

Horas contando, numerando instantes,
Os sentidos à dor, e à glória atentos,
Cuidados cobro, acuso pensamentos,
Ligeiros à esperança, ao mal constantes.

Quem partes concordou tão dissonantes?
Quem sustentou tão vários sentimentos?
Pois para a glória excedem de tormentos,
Para martírio ao bem são semelhantes.

O prazer com a pena se embaraça;
Porém quando um com outro mais porfia,



O gosto corre, a dor apenas passa.

Vai ao tempo alterando a fantasia,
Mas sempre com vantagem na desgraça,
Horas de inferno, instantes de alegria.

(Gregório de Matos)

I. Além de poeta satírico, o Boca do Inferno também cultivou a poesia lírica, composta por temas diversificados, pois nos legou uma lírica amorosa, erótica e religiosa e até de reflexão sobre o sofrimento, a exemplo do poema II.

II. Considerado tanto poeta cultista quanto conceptista, o autor baiano revela criatividade e capacidade de improvisar, segundo comprovam os versos do poema I, em que realiza a crítica à situação econômica da Bahia, dirigida, na época, por Antônio Luís da Câmara Coutinho.

III. Em Triste Bahia, poema I, musicado por Caetano Veloso, Gregório de Matos identifica-se com a cidade, ao relacionar a situação de decadência em que se encontram tanto ele quanto a cidade onde vive. O poema abandona o tom de zombaria, atenuando a sátira contundente para tornar-se um quase lamento.

IV. Os dois poemas são sonetos, forma fixa herdada do Classicismo, muito pouco utilizada pelo poeta baiano, que desprezou a métrica rígida e criou poesia em versos brancos e livres.

V. Como poeta barroco, fez uso consciente dos recursos estéticos reveladores do conflito do homem da época, como se faz presente na antítese que encerra o II poema: “Horas de inferno, instantes de alegria”.

Estão CORRETAS apenas

- a) I, II, III e V.
- b) I, II e IV.
- c) IV e V.
- d) I, III e IV.
- e) I, IV e V.

Comentário.

Afirmção I, verdadeira. Os tópicos poéticos assinalados na alternativa correspondem ao que a crítica assinala em Gregório de Matos, além disso, o poema II realmente tematiza o sofrimento, “Mas sempre com vantagem na desgraça,/Horas de inferno, instantes de alegria”.

Afirmção II, verdadeira. O poema “Triste Bahia” deixa clara a crítica à situação econômica da Bahia, o poeta começa o texto destacando a decadência e o empobrecimento da província.

Afirmção III, verdadeira. A afirmção toca em uma das características mais notáveis do poema, ao interligar a cidade a sua própria trajetória (“Estás, e estou do nosso antigo estado!”), o eu lírico consegue fazer uma lamentação bastante expressiva.

Afirmção IV, falsa. Grande parte dos poemas de Gregório são sonetos.



Afirmção V, verdadeira. Essa concepção de que a antítese expressa a angústia subjetiva do poeta é própria de uma vertente crítica que tem sido bastante aceita.

Gabarito: A

8. (Ufrgs 2014)

Leia o trecho do Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, do Padre Antônio Vieira, e o soneto de Gregório de Matos Guerra a seguir.

Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda

Pede razão Jó a Deus, e tem muita razão de a pedir – responde por ele o mesmo santo que o arguiu – porque se é condição de Deus usar de misericórdia, e é grande e não vulgar a glória que adquire em perdoar pecados, que razão tem, ou pode dar bastante, de os não perdoar? O mesmo Jó tinha já declarado a força deste seu argumento nas palavras antecedentes, com energia para Deus muito forte: Peccavi, quid faciam tibi? Como se dissera: Se eu fiz, Senhor, como homem em pecar, que razão tendes vós para não fazer como Deus em me perdoar? Ainda disse e quis dizer mais: Peccavi, quid faciam tibi? Pequei, que mais vos posso fazer? E que fizestes vós, Jó, a Deus em pecar? Não lhe fiz pouco, porque lhe dei ocasião a me perdoar, e, perdando-me, ganhar muita glória. Eu dever-lhe-ei a ele, como a causa, a graça que me fizer, e ele dever-me-á a mim, como a ocasião, a glória que alcançar.

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada:
Cobrai-a, e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Assinale a alternativa correta a respeito dos textos.

a) Os autores, ao remeterem aos exemplos bíblicos de Jó e da ovelha perdida, elogiam a autoridade divina capaz de perdoar os pecados, mesmo que à custa de sua glória e de seu discernimento.



- b) Jó, de acordo com Vieira, argumenta que há tanta glória em perdoar como em não perdoar, enquanto, para Gregório, o perdão concedido ao pecador renitente é a prova da glória de Deus.
- c) Os autores, ao remeterem aos exemplos bíblicos de Jó e da ovelha perdida, inibem a autoridade divina que se vê constrangida a aceitar os argumentos de dois pecadores.
- d) Jó, de acordo com Vieira, considera que a ocasião e a sorte impediram que a graça divina se manifestasse, enquanto para Gregório a graça divina não sofre restrições.
- e) Os autores, ao remeterem aos exemplos bíblicos de Jó e da ovelha perdida, reforçam seus argumentos a favor do perdão como garantia da glória divina.

Comentário.

Alternativa a, falsa. Segundo o texto do padre António Vieira, Deus perdoa e nisso ele tem glória: “se é condição de Deus usar de misericórdia, e é grande e não vulgar a glória que adquire em perdoar pecados.”

Alternativa b, falsa. Padre António Vieira simplesmente desataca que Deus terá glória, não afirma que perdoar ou não perdoar é indiferente; além disso, no caso de Gregório de Matos, a glória é decorrência do perdão e não prova do perdão.

Alternativa c, falsa. Na verdade, pode-se dizer que há uma tentativa de inibir a autoridade divina, mas, sendo Deus o ser perfeito e ilimitado, não se pode dizer que eles de fato conseguem isso.

Alternativa d, falsa. Em nenhum dos textos os autores usam a palavra “graça”, se considerarmos “graça” como o perdão, não se percebe divergência entre Gregório e padre António Vieira, os dois acreditam que Deus irá perdoar o pecador.

Alternativa e, verdadeira. Essa alternativa faz uma boa paráfrase do argumento utilizado tanto pelo padre António Vieira quanto por Gregório de Matos: a glória divina se manifesta sobretudo no perdão dos pecados.

Gabarito : E

9. Q(G1 - cftmg 2018)

Já desprezei, sou hoje desprezado,
Despojo sou, de quem triunfo hei sido,
E agora nos desdêns de aborrecido,
Desconto as ufânias de adorado.

O amor me incita a um perpétuo agrado,
O decoro me obriga a um justo olvido:
E não sei, no que emprendo, e no que lido,
Se triunfe o respeito, se o cuidado.

Porém vença o mais forte sentimento,
Perca o brio maior autoridade,
Que é menos o ludíbrio, que o tormento.



Quem quer, só do querer faça vaidade,
Que quem logra em amor entendimento,
Não tem outro capricho, que a vontade.

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos de Gregório de Matos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Em termos formais e temáticos, as principais características barrocas do soneto são, respectivamente,

- a) a sintaxe rebuscada e o culto aos contrastes.
- b) o rigor métrico e a crítica ao sentimentalismo.
- c) o vocabulário erudito e a reflexão sobre o amor.
- d) as rimas alternadas e o embate entre emoção e razão.

Comentário.

Alternativa a, verdadeira. Em relação à sintaxe, o poeta faz várias inversões (hipérbatos) como se observa no seguinte verso “Perca o brio maior autoridade”, quando a ordem direta supõe dizer “a maior autoridade perca o brio”; além disso, é notório o uso de antíteses logo no primeiro verso, “Já desprezei, sou hoje desprezado.”

Alternativa b, falsa. No poema, o eu lírico percebe que é incapaz de não sofrer, não há crítica a isso; além disso, o rigor métrico não é característica apenas barroca.

Alternativa c, falsa. A reflexão sobre o amor é típica do Classicismo; nesse poema, desenvolve-se a tópica do sofrimento amoroso.

Alternativa d, falsa. Rimas alternadas não é característica somente barroca.

Gabarito: A

10. (Uefs 2017)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**A Christo S. N. Crucificado estando o poeta na
última hora de sua vida.**

Meu Deus que estais pendente em um madeiro,
Em cuja lei protesto de viver
Em cuja santa lei hei de morrer
Animoso, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um Pai, manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor e meu delito,
Porém pode ter fim todo pecar,



E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
Que por mais que pequei, neste conflito
Espero em vosso amor de me salvar.

MATOS, Gregório. In: AMADO, James (Org.) Obras Completas de Gregório de Matos. Salvador: Ed. Janaína, 1968. V. I, p. 47.

Sobre as características do autor e do momento literário que ele representa encontradas no soneto, é correto afirmar:

- I. O poema ilustra uma das razões de Gregório de Matos ter sido chamado de “Boca do Inferno”: a ousadia de criticar a igreja católica e o constante desafio dirigido a Deus, que, para provar a infinitude de seu amor, seria obrigado a perdoá-lo.
- II. No poema, por força da iminência da morte, o poeta se expressa numa contrição de fé religiosa, com a admissão humilde da condição de pecador e a confiança de merecer a misericórdia de Deus, com o perdão de seus pecados.
- III. Há, no poema, um jogo de ideias característico desse momento literário, que se expressa numa retórica de campos opostos: condição humana, pecado e punição, de um lado e, de outro, condição divina, misericórdia e perdão.
- IV. As expressões “vejo a minha vida anoitecer” (v. 6) e “manso Cordeiro.” (v. 8), além das contradições entre “viver” (v. 2) e “morrer” (v. 3) bem como entre “ter fim” (v. 10) e “infinito” (v. 11) revelam o uso de figuras de linguagem e de pensamento que caracterizam o Barroco.
- V. Dentre as categorias que caracterizam o conjunto da obra de Gregório de Matos publicada pela Academia de Letras – Sacra, Lírica, Graciosa, Satírica e Última – este poema se insere na segunda categoria.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

- a) I e II.
- b) II e IV.
- c) IV e V.
- d) II, III e IV.
- e) I, III e IV.

Comentário.

Afirmção I, falsa. No poema o eu lírico manifesta piedosa submissão a Deus e não há desafio em relação ao criador.

Afirmção II, verdadeira. A iminência da morte está expressa em “Neste lance, por ser o derradeiro,/Pois vejo a minha vida anoitecer,”; e a certeza de que será perdoado aparece nesse



outro trecho “...a confiar,/Que por mais que pequei, neste conflito/Espero em vosso amor de me salvar.”

Afirmção III, verdadeira. O poeta ciente da sua condição de pecador procura o perdão divino que se desdobra nos itens assinalados na afirmação.

Afirmção IV, verdadeira. “Vejo minha vida anoitecer” e “manso Cordeiro” são metáforas; as outras citações são exemplos da antítese, figura típica desse movimento.

Afirmção V, falsa. Esse poema se insere na primeira categoria, poesia sacra.

Gabarito: D

11. (Imed 2016)

Leia o texto abaixo, de Gregório de Matos Guerra:

A MARIA DE POVOS, SUA FUTURA ESPOSA

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca, o Sol e o dia:

Enquanto, com gentil descortesia,
O ar, que fresco Adônis te enamora,
Te espalha a rica trança voadora,
Da madeixa que mais primor te envia:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo troca, a toda a ligeireza,
E imprime em cada flor uma pisada.

Oh não guardes que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Analise as assertivas abaixo a partir do texto:

I. O soneto lírico se estrutura na oposição entre dois campos semânticos, que pode ser evidenciado, especialmente, na comparação entre a primeira a última estrofes.

II. Em tal soneto, percebe-se o tema do *carpe diem*, proveniente dos clássicos grecolatinos, que converge com a preocupação do homem barroco brasileiro em relação à efemeridade da vida e à repulsa pela morte.

III. O autor do soneto, Gregório de Matos Guerra, cultivou a poesia sacra, lírica e satírica. Também escreveu poemas graciosos e pornográficos. Representante do período barroco, também foi conhecido como “Boca de Inferno”.



Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

Comentário.

Afirmção I, verdadeira. Na primeira estrofe, o poeta se vale de imagens que assinalam a juventude (faces rosadas, olhos e bocas iluminados como o sol); na última estrofe, o eu lírico faz referência à decadência física.

Afirmção II, verdadeira. A insistência do poeta para que a mulher amada goze a vida configura o *carpe diem*.

Afirmção III, verdadeira. O poema é exemplo da poesia lírica amorosa, mas como se sabe, Gregório desenvolve os outros tipos de poesia mencionados.

Gabarito: E

12. (G1 - cftmg 2016)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder às questões, leia o poema a seguir.

Definição do amor

Mandai-me, Senhores, hoje
que em breves rasgos descreva
do Amor a ilustre prosápia,
E de Cupido as proezas.

Dizem que de clara espuma,
dizem que do mar nascera,
que pegam debaixo d'água
as armas que o Amor carrega.

[...]

O arco talvez de pipa,
A seta talvez esteira,
Despido como um maroto,
Cego como uma toupeira.



[...]

E isto é o Amor? É um corno.
Isto é o Cupido? Má peça.

[...]

O amor é finalmente
Um embaraço de pernas,
Uma união de barrigas,
Um breve tremor de artérias
Uma confusão de bocas,
Uma batalha de veias,
Um reboiço de ancas,
Quem diz outra coisa é besta.

Gregório de Matos: Poemas escolhidos (Seleção, prefácio e notas de José Miguel Wisnik). São Paulo: Cia. das Letras, 2010, p. 301-312 (fragmento).

O termo grego “retórica” significa, literalmente, a arte de falar bem. Ele tem sido utilizado desde o Período Clássico para tratar da organização do discurso e do uso da linguagem para fins persuasivos.

Dentre as estratégias retóricas utilizadas por Gregório de Matos, distingue-se a

- a) presença de argumentos contrários ao senso comum.
- b) construção de diálogos com diferentes interlocutores.
- c) apresentação dos argumentos principais na introdução.
- d) menção a deuses gregos para confirmação dos argumentos.

Comentário.

A alternativa pede que você assinale a estratégia retórica que se distingue o tema poético, ou seja, o principal recurso utilizado.

Alternativa a, verdadeira. O senso comum veria no amor um sentimento idealizado; ao final do poema o eu lírico diverge de todas as metáforas idealizantes que ele mencionou antes, ao ressaltar o aspecto físico, carnal, do amor.

Alternativa b, falsa. É verdade que o eu lírico se dirige aos “Senhores”, ou seja, a vários interlocutores, mas isso não é o mais importante no poema.

Alternativa c, falsa. Na primeira estrofe, o eu lírico apresenta sua tese; os argumentos serão apresentados no desenvolvimento do texto.



Alternativa d, falsa. A menção ao Cupido é ilustrativa e não confirma os argumentos.

Gabarito: A

13. (Upe 2014)

Soneto II

(Descreve um horroroso dia de trovões)

Na confusão do mais horrendo dia,
Painel da noite em tempestade brava,
O fogo com o ar se embaraçava
Da terra e água o ser se confundia.

Bramava o mar, o vento embravecia
Em noite o dia enfim se equivocava,
E com estrondo horrível, que assombrava,
A terra se abalava e estremecia.

Lá desde o alto aos côncavos rochedos,
Cá desde o centro aos altos obeliscos
Houve temor nas nuvens, e penedos.

Pois dava o Céu ameaçando riscos
Com assombros, com pasmos, e com medos
Relâmpagos, trovões, raios, coriscos.

Gregório de Matos. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/grego.html>, Consultado em julho de 2013.

Considerando o texto, tanto no âmbito da estrutura da linguagem quanto no âmbito da temática, analise as afirmativas a seguir:

- I. O eu lírico na poesia em análise ironiza a situação climática e deflagra certo telurismo sacro.
- II. O eu lírico, desde a primeira até a última estrofe, demonstra sentir receio.
- III. O dia, caracterizado como “horrendo”, impressiona o eu lírico e o amedronta.
- IV. “Em noite o dia enfim se equivocava” é um verso que ratifica a tendência eufêmica do autor.
- V. “A terra se abalava e estremecia”, embora seja uma expressão exagerada, coaduna-se com o tema central do texto.

Estão **CORRETAS**



- a) I, II e III.
- b) I, II e IV.
- c) II, III e IV.
- d) II, III e V.
- e) III, IV e V.

Comentário.

Afirmção I, falsa. Não há ironia em relação ao clima, o eu lírico demonstra temor diante de tão grandioso fenômeno.

Afirmção II, verdadeira. Na primeira estrofe, o eu lírico fala em dia horrendo, ideia que se associa ao “estrondo horrível, que assombrava,” da segunda estrofe e isso é ratificado na última quando se fala sobre pasmos e medos.

Afirmção III, verdadeira. O comentário da afirmção pode ser confirmado na última estrofe “Pois dava o Céu ameaçando riscos/Com assombros, com pasmos, e com medos”.

Afirmção IV, falsa. Eufemismo significa uma suavização da circunstância, nesse trecho, há uma hipérbole.

Afirmção V, verdadeira. O tom de todo o poema é hiperbólico, logo, a frase em questão está dentro do espírito do texto.

Gabarito:D

14. (Ucs 2014)

Leia o poema.

*Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido,
Porque quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.*

*Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido,
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.*

*Se uma ovelha perdida, e já cobrada
Glória tal, e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história:*

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada



*Cobrai-a, e não queirais, Pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.*

MATOS, Gregório de. *Poesias selecionadas*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1998. p. 18.

Assinale a alternativa correta.

- a) O sujeito lírico, nesse poema, arrependido de seus pecados, pede perdão a Deus com amplo sentimentalismo, sem a intervenção da razão.
- b) A presença frequente de antíteses na lírica amorosa de Gregório de Matos faz desse poema um exemplo de representação do homem barroco, dividido entre a vida mundana e a religiosidade cristã.
- c) O sujeito lírico do poema constrói, com base em um episódio bíblico, um discurso racional na tentativa de convencer Deus de que ele deve ser perdoado de seus pecados.
- d) A ovelha desgarrada, mencionada no poema, diz respeito ao sujeito lírico, de maneira que, assim, ele se compara ao próprio Cristo.
- e) Apesar do pedido de perdão por seus pecados, o sujeito lírico reconhece, ao final do poema, que Deus deve cobrar seu arrependimento para que a glória divina não se perca em vão.

Comentário.

Alternativa a, falsa. O poeta argumenta a favor do seu perdão, ou seja, ele usa a razão.

Alternativa b, falsa. Esse poema é sacro não amoroso.

Alternativa c, verdadeira. A base do raciocínio do eu lírico é a parábola de Cristo, na qual um pastor deixa suas 99 ovelhas e vai atrás da ovelha perdida e, quando a encontra, tem mais alegria nela do que nas outras que ficaram.

Alternativa d, falsa. Ele não se compara com Cristo em momento algum.

Alternativa e, falsa. No poema, Deus não cobra o arrependimento do eu lírico.

Gabarito: C

15. Q(Famema 2019)

A veia lírico-amorosa do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696) está bem exemplificada em:

- a) “Aquele não sei quê, que, Inês, te assiste
No gentil corpo, e na graciosa face,
Não sei donde te nasce, ou não te nasce,
Não sei onde consiste, ou não consiste.”



b) “Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,
É verdade, Senhor, que hei delinquido,
Delinquido vos tenho, e ofendido,
Ofendido vos tem minha maldade.”

c) “Senhor Antão de Sousa de Meneses,
Quem sobe a alto lugar, que não merece,
Homem sobe, asno vai, burro parece,
Que o subir é desgraça muitas vezes.”

d) “Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te,
Te lembra hoje Deus por sua Igreja;
De pó te faz espelho, em que se veja
A vil matéria, de que quis formar-te.”

e) “A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.”

Comentário.

Alternativa "a" está correta. Nesse poema, o eu lírico manifesta seus sentimentos quando está em presença de Inês, destaca sua beleza, tema típico da poesia lírico amorosa.

Alternativa "b" está incorreta. O poeta se dirige a Deus e manifesta preocupação com a possibilidade de tê-lo ofendido, temática própria de poesia religiosa.

Alternativa "c" está incorreta. Nesse poema, o eu lírico crítica o “Senhor Antão de Sousa de Meneses”, trata-se de um poesia satírica.

Alternativa "d" está incorreta. Esse poema é existencial, pois destaca a brevidade da vida, e também religioso, pois o texto destaca que a Igreja tem o papel de lembrar isso ao fiel.

Alternativa "e" está incorreta. Nesse poema, Gregório crítica a cidade da Bahia. Trata-se de uma poesia satírica de circunstância.

Gabarito: A

16.Q(Enem PPL 2018)

Quantos há que os telhados têm vidrosos
E deixam de atirar sua pedrada,



De sua mesma telha receiosos.

Adeus, praia, adeus, ribeira,
De regatões tabaquista,
Que vende gato por lebre
Querendo enganar a vista.

Nenhum modo de desculpa
Tendes, que valer-vos possa:
Que se o cão entra na igreja,
É porque acha aberta a porta.

GUERRA, G. M. In: LIMA, R. T. *Abecê de folclore*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (fragmento).

Ao organizar as informações, no processo de construção do texto, o autor estabelece sua intenção comunicativa. Nesse poema, Gregório de Matos explora os ditados populares com o objetivo de

- a) enumerar atitudes.
- b) descrever costumes.
- c) demonstrar sabedoria.
- d) recomendar precaução.
- e) criticar comportamentos.

Comentário.

Seria interessante primeiro reconhecer os ditados. Na primeira estrofe, o eu lírico faz referência ao ditado “quem tem telhado de vidro, não atira pedra ao vizinho”; no segundo, “vender gato por lebre”; e no terceiro, “o cachorro entra na Igreja, pois acha a porta aberta”.

Alternativa "a" está incorreta. “Enumerar atitudes” é uma técnica de construção do poema; a questão pede para considerar a finalidade do eu lírico.

Alternativa "b" está incorreta. A descrição de costumes serviria para que o poeta expressasse algum tipo de admiração por uma forma diferente de se comportar, o que não é o caso.

Alternativa "c" está incorreta. Cada ditado é utilizado para criticar o comportamento dos nativos da terra.

Alternativa "d" está incorreta. Não há verbos no imperativo, o que configuraria recomendação.

Alternativa "e" está correta. Na primeira estrofe, o poeta se vale do ditado para dizer que as pessoas da Bahia têm muitos defeitos (telhado de vidro); o segundo dá a entender que o



habitantes nativos gostam de enganar, vendem gato por lebre; e o último faz referência a falta de devoção, as pessoas que vão à Igreja, o fazem por não ter nada o que fazer.

Gabarito: E

17.(Upf 2018)

Considere as afirmações a seguirem relação a Gregório de Matos.

I. Em sua produção literária, estão presentes tanto a sátira irreverente como o sentimento religioso.

II. Na poesia do autor, o sujeito lírico não manifesta seu desejo pela mulher, que é sempre idealizada.

III. A efemeridade das coisas é uma das temáticas abordadas em sua poesia.

Está **correto** o que se afirma em

a) I e III, apenas.

b) I, II e III.

c) I, apenas.

d) III, apenas.

e) I e II, apenas.

Comentário.

Afirmiação I está correta. Gregório de Matos de forma paradoxal desenvolve tanto a poesia religiosa quanto a poesia satírica e fescenina.

Afirmiação II está incorreta. Há poemas de idealização feminina, mas o mais comum é uma poesia que mistura sensualismo e idealismo.

Afirmiação III está correta. No Barroco, a consciência da morte, leva o poeta a tematizar frequentemente a passagem do tempo (efemeridade da vida).

Gabarito: A

18. Q(autoral)

Leia o poema abaixo de Gregório de Matos.

Ao divino sacramento

Tremendo chego, meu Deus,
Ante vossa divindade,
que a fé é muito animosa,



mas a culpa mui cobarde.

(...)

Como comerei de um pão,
que me dais, porque me salve?
um pão, que a todos dá a vida,
e a mim temo, que me mate.

(...)

Quanto a que o sangue vos beba,
isso não, perdoai-me:
como quem tanto vos ama,
há de beber-vos o sangue?

Beber o sangue do amigo
é sinal de inimizade;
pois como quereis, que o beba,
para confirmarmos pazes?

Eu confuso neste caso
entre tais perplexidades
de salvar-me, ou de perder-me,
só sei, que importa salvar-me.

Oh! Se me déreis tal graça,
Que tendo culpas a mares,
Me virá salvar na tábua
De auxílios tão eficazes!

E pois já à mesa cheguei,
Onde é força alimentar-me
Deste manjar, de que os anjos
Fazem seus próprios manjares.

Os anjos, meu Deus, vos louve,
Que vossos arcanjos sabem,
E os santos todos da glória
Que o que vos devem vos paguem.

(Gregório de Matos)

Esse poema pertence ao Barroco. De todas as características desse período literário, assinale a alternativa que contenha aquelas que melhor se adequam ao poema.



- a) sentimentalismo exacerbado, culpa e estilo conceptista (estilo retórico de defesa de uma ideia).
- b) jogo de antíteses, fugacidade e estilo cultista (estilo cujo jogo de palavras chama a atenção para o engenho linguístico do poeta).
- c) jogo entre sagrado e profano; religiosidade e abuso da antíteses.
- d) gosto pelo contraste, presença de metáfora marítima e estilo conceptista utilizado para exemplificar uma ideia.
- e) subjetivismo, moralismo e estilo cultista (estilo cujo jogo de palavras chama a atenção para o engenho linguístico do poeta).

Comentário.

Alternativa "a" está incorreta. O sentimentalismo se opõe a uma exposição conceptista, em todo caso, no poema, o eu lírico expressa sua dúvida em relação ao sacramento católico da eucaristia, ou seja, ele não está defendendo uma ideia (conceptismo).

Alternativa "b" está incorreta. Não se percebe a questão da fugacidade (passagem do tempo) no poema. Além disso, o poeta não está chamando atenção para o jogo de palavras.

Alternativa "c" está incorreta. O poeta discute o sagrado (a eucaristia) e o profano (comer um alimento qualquer); discute portanto um dogma da Igreja (religiosidade), mas não há exageros em relação à antítese.

Alternativa "d" está incorreta. Há algumas antíteses (contrastes), no trecho "Que tendo culpas a mares,/Me virá salvar na tábua" há metáfora marítima e percebe-se a tentativa de discutir uma ideia.

Alternativa "e" está incorreta. Nesse poema, Gregório não critica comportamento de outras pessoas, ou seja, não é moralista.

Gabarito: D

19. Q (UFU/ 1999/Adaptada)

Pobre terra da Bruzundanga! Velha, na sua maior parte, como o planeta, toda a sua missão tem sido criar a vida, e a fecundidade para os outros, pois nunca os que nela nasceram, os que nela viveram, os que a amaram e sugaram-lhe o leite, tiveram sossego sobre o seu solo!

Lima Barreto – Os bruzundangas.

2. Senhora Dona Bahia,
nobre e opulenta cidade,
madrasta dos Naturais,
E dos Estrangeiros madre.
Dizei-me por vida vossa,
em que fundais o ditame
de exaltar, os que aí vêm,
e abater, os que ali nascem?
Gregório de Matos



Lima Barreto e Gregório de Matos estão cronologicamente distantes no contexto da Literatura Brasileira, entretanto podem ser aproximados pelo teor satírico que imprimiram às suas obras. Tome os fragmentos citados para responder às questões seguintes:

a) Fale sobre o tema que aproxima os dois textos.

b) Destaque do texto de Gregório de Matos um par de versos que tenha “uma figura de oposição” muito comum ao , classificando-a.

Comentário.

a) O tema que aproxima dos dois textos é a crítica àqueles que exploram o Brasil; no texto de Lima Barreto, os bruzundangas são aqueles que sugam o leite da terra, em Gregório, os estrangeiros são exaltados embora também explorem o país.

b) Há várias expressões de oposição : estrangeiro/natural; madre/mãe; exaltar/abater; esses pares configuram a antítese.

20. Q. (UNESP/1999)

AO CONDE DE ERICEYRA D. LUIZ DE MENEZES PEDINDO LOUVORES AO POETA NÃO LHE
ACHANDO ELLE PRESTIMO ALGUM.

Um soneto começo em vosso gabo;
Contemos esta regra por primeira,
Já lá vão duas, e esta é a terceira,
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo:
A sexta vá também desta maneira,
Na sétima entro já com grã canseira,
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?
Direi, que vós, Senhor, a mim me honrais,
Gabando-vos a vós, e eu fico um Rei.

Nesta vida um soneto já ditei,
Se desta agora escapo, nunca mais;
Louvado seja Deus, que o acabei.

In: MATOS, Gregório de. *OBRA POÉTICA*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1990, vol. I, p. 129-30.

O SONETO

Era magro, feio, merecia o superlativo: era magérrimo e feiíssimo. Usava óculos, fumava de piteira, a voz rachada, andava mal vestido, mas tinha - milagre jamais explicado - um carrinho inglês que sempre estava de bateria arriada e precisava ser empurrado.

Trabalhava num vespertino, seu texto era barroco, cobria festividades cívicas e religiosas.



Era - segundo o meu pai - uma boa alma, embora fosse ruim de corpo. Um dia, me levou para um canto da redação e recitou-me um soneto de sua lavra, os olhos faiscando de lascívia contrariada.

Esqueci o soneto minutos depois. Guardei por uns tempos o final, aquilo que os parnasianos chamavam de "chave de ouro". Transcrito em papel talvez não impressione.

Dito por ele, num canto empoeirado da redação, com sua voz rachada, a piteira nas mãos trêmulas, era uma apoteose da dor: "Passei bem junto a ela. E decerto ela nem soube que eu passei tão perto e nem suspeita que eu segui chorando!". O verso quebrado e a exclamação final faziam parte da poética e das redações daquele tempo.

Chamava-se Cardim. Domingos da Silva Cardim se não me engano. Casara-se com uma viúva tão feia e magra como ele, também boníssima alma. Não tinham filhos.

Por isso ou aquilo, Cardim apaixonava-se com frequência e, quanto menos correspondido, mais apaixonado ficava. Deve ter feito outros sonetos, circulou pela redação um poema pornográfico e anônimo que desde o redator-chefe até o contínuo que ia buscar café na esquina atribuíram ao estro do Cardim.

Cardim morreu como um passarinho - naquele tempo era comum esse tipo de morte. O tempo passou, esqueci dele, mas nunca esqueci aquele final de lascívia contrariada. Outro dia, bestamente, depois de um dia inglório e triste, cara mais uma vez quebrada, me surpreendi recitando em causa própria: e ela nem soube que eu passei tão perto e nem suspeita que eu segui chorando!

In: CONY, Carlos Heitor. FOLHA DE S. PAULO. Cad. 1, p. 2 - Opinião, 6/7/97.

Em sua crônica, Carlos Heitor Cony apresenta, com fino humor, um antigo colega e poeta, um tipo bastante curioso, dado a cultivar sonetos. O cronista, num processo de reminiscência, aborda a personalidade do poeta, as características de seu estilo e suas produções poéticas. Observe, numa leitura do texto, esse processo de caracterização da personagem e, em seguida, responda:

a) Ao referir-se ao discurso da personagem, o cronista afirma que "seu texto era barroco". Considerando as características do estilo de época denominado barroco, em que se inscreve a poesia de Gregório de Matos, explique o que Cony quis dizer a respeito do estilo de Domingos da Silva Cardim.

b) Semelhantemente ao que fez Gregório em seu poema, embora de modo mais direto, ao apresentar e descrever Domingos da Silva Cardim, o cronista assume uma atitude de deboche, que por vezes beira ao escárnio. Transcreva duas frases da crônica em que se caracteriza tal atitude.

Comentário.

a) O próprio texto já indica uma das características. No Barroco, era comum o poema de circunstância e encomiástico (de elogio) e o Cardim cobria festividades cívicas e religiosas. Outra



referência diz respeito à linguagem de efeito, artificial: o poema dele tinha “verso quebrado e a exclamação final”.

b) O escárnio pode ser justificado por todas as expressões que se valem do corpo para desqualificar o indivíduo:

“Era magro, feio, merecia o superlativo: era magérrimo e feiíssimo.”

“...uma boa alma, embora fosse ruim de corpo.”

“Casara-se com uma viúva tão feia e magra como ele, também boníssima alma...”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao fim de mais uma aula de obra literária. A obra de Gregório de Matos é extensa e problemática, mas nem por isso difícil de ser compreendida. Tentei ao máximo abranger o maior número de poemas os mais relevantes para que você tivesse contato analítico com a obra do autor. Dessa maneira, tenho certeza de que se cair algum outro poema, você terá condições de interpretá-lo por conta própria.

Não se assuste com a linguagem e nem com o fato de que você não conseguirá entender tudo em um poema. Você se preparou e é capaz de dar conta do recado.

Fiz um material bastante completo, pensando em cobrir todas as brechas possíveis. Aproveite. Qualquer dúvida, já sabe, só me contatar pelo fórum.

Bom estudo e até a próxima obra literária.



Professor Fernando
Andrade



@filosofia.do.portuga



Redação e Filosofia



Versão	Data	Modificações
1	25/01/2020	Primeira versão do texto.

REFERÊNCIAS

Figura 1: Disponível em <https://pixabay.com/pt/illustrations/menino-execu%C3%A7%C3%A3o-sombra-dire%C3%A7%C3%A3o-4054961/> , acessado em 09.10.2019.

Figura 2: Disponível em <https://pixabay.com/pt/illustrations/pinturas-contos-de-fadas-verbosidade-4055423/> , acessado em 09.10.2019.

Figura 3: Disponível em <https://pixabay.com/pt/vectors/worm-fome-faca-garfo-comer-24634/> , acessado em 09.10.2019.

Figura 4: Disponível em <https://pixabay.com/pt/photos/compondo-macaco-fotomontagem-3827454/> , acessado em 09.10.2019.

Figura 5: Disponível em <https://pixabay.com/pt/photos/fogo-gelo-espelhamento-compondo-4533036/> , acessado em 09.10.2019.

Figura 6: Disponível em <https://pixabay.com/pt/photos/est%C3%A1tua-face-errado-torcida-homem-1477830/> , acessado em 09.10.2019.

Figura 7: Disponível em <https://pixabay.com/pt/illustrations/preto-branco-vintage-desenho-1817402/> , acessado em 12.10.2019.

Figura 8: Disponível em <https://pixabay.com/pt/vectors/elementos-terra-ar-água-fogo-35448/> , acessado em 12.10.2019.

Figura 9: Disponível em <https://pixabay.com/pt/illustrations/m%C3%A3o-fenix-degrad%C3%AA-passaro-fogo-1615796/> , acessado em 12.10.2019.

Figura 10: Disponível em <https://pixabay.com/pt/vectors/sepultamento-cemit%C3%A9rio-atraversar-1299277/> , acessado em 09.10.2019.

Figura 11: Disponível em <https://pixabay.com/pt/illustrations/puzzle-compartilhar-concordar-1261138/> , acessado em 09.10.2019.

Figura 12: Disponível em <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/iconografia> , acessado em 09.10.2019.

Figura 13: Disponível em <https://pixabay.com/pt/photos/flor-gotejamento-gota-de-%C3%A1gua-3054803/> , acessado em 09.10.2019.

